

Rev. 1325  
1325



N

COMPRA  
14 ABR 1940

# SERÕES



REVISTA MENSAL  
ILLUSTRADA

## SUMMARIO

A RESGATAR VIDAS. — SUPREMA  
REVOLTA. — DE LISBOA A MOÇAM-  
BIQUE. — ESTAVA ESCRIPTO... — A  
RESPOSTA DO INQUISIDOR. — A PA-  
LAVRA TRANSMITTIDA PELA LUZ. —  
GAVOTA. — SANTA ADOZINDA. — UNIÃO  
PELA VIDA. — MODAS. — VARIEDADES.

VOL. I

MARÇO — 1901

NUM. I

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis



# SUMMARIO

	Pag.
<b>A RESGATAR VIDAS.</b> — <i>Com 16 illustrações, copias de quadros e photographias es- peciaes</i> .....	3
<b>SUPREMA REVOLTA</b> — <i>Com 3 illustrações</i> .....	13
<b>DE LISBOA A MOÇAMBIQUE.</b> — <i>Por ANTONIO ENNES. — Capitulo I — PORTO- SAID, O CANAL DE SUEZ, O MAR VERMELHO — Com 14 illustrações, reprodução de photographias</i> .....	17
<b>ESTAVA ESCRIPTO...</b> — <i>Conto americano com 3 illustrações</i> .....	35
<b>A RESPOSTA DO INQUISIDOR.</b> — <i>Poesia de GONÇALVES CRESPO. — Com 1 illus- tração, copia de quadro</i> .....	40
<b>A PALAVRA TRANSMITTIDA PELA LUZ.</b> — <i>Com 3 illustrações</i> .....	42
<b>GAVOTA.</b> — <i>Musica para piano de AUGUSTO MACHADO. — Com uma nota biographica e o retrato do compositor</i> .....	44
<b>SANTA ADOZINDA.</b> — <i>Novella rustica por ABEL BOTELHO. — Capitulo I com 4 il- lustrações, desenhos de A. Benarus</i> .....	47
<b>UNIÃO PELA VIDA.</b> — <i>Com 7 illustrações reprodução de photographias</i> .....	54
<b>MODAS.</b> — <i>Com 4 illustrações</i> .....	61
<b>VARIEDADES.</b> — <i>Com 8 illustrações</i> .....	65

## 64 ILLUSTRações

CALENDARIO DE 1901																								
<b>Janeiro</b>					<b>Fevereiro</b>					<b>Março</b>					<b>Abril</b>									
Dom.		6	13	20	27		3	10	17	24		3	10	17	24	31			7	14	21	28		
Seg.		7	14	21	28		4	11	18	25		4	11	18	25		1	8	15	22	(29)			
Ter.		8	15	22	29		5	12	(19)	26		5	12	19	26		2	9	16	23	30			
Qua.	(2)	9	16	23	30		6	13	20	27		6	13	20	27		3	10	17	24				
Qui.	3	10	17	24	31		7	14	21	28		7	14	21	28		4	11	18	25				
Sex.	4	11	18	25			8	15	22		1	8	15	22	29		5	12	19	26				
Sab.	5	12	19	26		1	9	16	23		2	9	16	23	30		6	13	20	27				
Dia 4, L. c. — 12, Q. m. Dia 20, L. n. — 27, Q. c.					Dia 3, L. c. — 11, Q. m. Dia 19, L. n. — 25, Q. c.					Dia 5, L. c. — 13, Q. m. Dia 20, L. n. — 27, Q. c.					Dia 3, L. c. — 12, Q. m. Dia 18, L. n. — 25, Q. c.									
<b>Maio</b>					<b>Junho</b>					<b>Julho</b>					<b>Agosto</b>									
Dom.		5	12	19	26		3	10	17	24	31		1	8	15	22	29		4	11	18	25		
Seg.		6	13	20	27		4	11	18	25		2	9	16	23	30		5	12	19	26			
Ter.		7	14	21	28		5	12	19	26		3	10	17	24	31		6	13	20	27			
Qua.	1	8	15	22	29		6	13	20	27		4	11	18	25		1	8	15	22	29			
Qui.	2	9	16	23	30		7	14	21	28		5	12	19	26		2	9	16	23	30			
Sex.	3	10	17	24	31	1	8	15	22	29		6	13	20	27		3	10	17	24	31			
Sab.	4	11	18	25																				
Dia 3, L. c. — 11, Q. m. Dia 18, L. n. — 25, Q. c.					Dia 2, L. c. — 9, Q. m. Dia 16, L. n. — 23, Q. c.					1, L. c.; 9, Q. m.; 15, L. n. 23, Q. c.; 31, L. c.					Dia 7, Q. m. — 14, L. n. Dia 22, Q. c. — 29, L. c.									
<b>Setembro</b>					<b>Outubro</b>					<b>Novembro</b>					<b>Dezembro</b>									
Dom.	1	8	15	22	29		6	13	20	27		3	10	17	24		1	8	15	22	29			
Seg.	2	9	16	23	30		7	14	21	28		4	11	18	25		2	9	16	23	30			
Ter.	3	10	17	24			8	15	22	29		5	12	19	26		3	10	17	24	31			
Qua.	4	11	18	25			9	(16)	23	30		6	13	20	27		4	11	18	25				
Qui.	5	12	19	26			10	17	24	31		7	14	21	28		5	12	19	26				
Sex.	6	13	20	27			11	18	25		1	8	15	22	29		6	13	20	27				
Sab.	7	14	21	(28)			12	19	26		2	9	16	23	30		7	14	21	28				
Dia 5, Q. m. — 12, L. n. Dia 21, Q. c. — 28, L. c.					Dia 4, Q. m. — 12, L. n. Dia 20, Q. c. — 27, L. c.					Dia 3, Q. m. — 11, L. n. Dia 19, Q. c. — 26, L. c.					Dia 2, Q. m. — 11, L. n. Dia 18, Q. c. — 25, L. c.									



SERÕES







# SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

VOLUME I

LISBOA

ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — CALÇADA DO CABRA, 7

1901



# AOS NOSSOS LEITORES

---

Satisfazer por forma agradável e economica aquella intensa e util curiosidade que na vida moderna nos leva a todos a procurarmos na leitura e pela estampa o conhecimento dos successos do mundo, das grandes questões da nossa época, das descobertas da sciencia e de suas applicações industriaes, buscando ao mesmo tempo uma emoção consoladora d'arte e uma distracção para o espirito — tal é o proposito que os **SERÕES** intentam realizar.

Esta revista tem a aspiração de ser acolhida na familia, reunida todas as noites em volta da meza de trabalho, em doce e intimo convivio. Será, portanto, escrupulosa na escolha dos romances e das obras de imaginação que publicar; — empregará todos os processos modernos de illustração capazes de captivar o espirito e de o entreter sem fadiga; — occupar-se-ha dos mais variados assumptos que possam interessar todos os gostos e todas as predilecções; — e, sem pretensão litteraria ou educativa, procurará sempre que possa avivar o culto das idéas generosas, vulgarisar conhecimentos e estimular o santo amor pela terra portugueza. Simultaneamente occupar-se-ha do movimento internacional e da vida cosmopolita — para que os **SERÕES** possam formar um *memento* encyclopedico de actualidades, de consulta facil e opportuna.

Dirigindo-se a todas as classes da sociedade e a todos os membros da familia, os **SERÕES** incluem no seu programma distracções, passatempos, utilidades, assumptos domesticos musica, modas, trabalhos manuaes, artes decorativas cuidadosamente tratadas de um modo util e pratico.



Pelo summario d'este primeiro numero verá o leitor e apreciará a maneira como os **SERÕES** procuram desempenhar-se do programma que traçaram.

Começam a publicação de duas obras litterarias e outras serão ainda publicadas durante o anno, cujo custo total, quando compradas em livraria corrente, excederia o preço da assignatura annual dos **SERÕES**.

Brevemente annunciaremos os romances que temos em preparação, ineditos de escriptores portuguezes.

Cada numero dos **SERÕES** formando uma brochura de 72 paginas, impresso em papel especial, illustrado abundantemente, pelo preço de **200** réis em todo o continente, é a mais barata de todas as revistas portuguezas, e ao alcance de todos que desejam entreter o espirito com leitura instructiva e amena.

A collecção annual formará dois grossos volumes, de cerca de 900 paginas e 1:000 gravuras, constituindo uma soberba e variada encyclopedia.

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de	}	3 numeros .....	600 réis
		6 numeros .....	1\$200 réis
		12 numeros ...	2\$200 réis

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia directamente ou pelo correio ou ainda por intermedio dos correspondentes da empresa.



# M. GOMES LIVREIRO-EDITOR

LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas

Lisboa—61, Rua Garrett (Chiado), 61—Lisboa

## ULTIMAS EDIÇÕES

### JULIO DANTAS

- A SEVÉRA — peça em 4 actos de costumes populares, 1 vol. . . . . 500 rs.  
VIRIATO TRAGICO — comedia em 5 actos, 1 vol. . . . . 700 rs.

### XAVIER MACHADO

- APHORISMOS DE GUERRA — Segunda parte — *A defeza nacional*, 1 vol. . . . . 700 rs.  
Primeira parte — *Um exercito novo*, 1 vol. . . . . 800 rs.

### ANTHERO DE FIGUEIREDO

- A ESTRADA NOVA — peça em 3 actos, 1 vol. . . . . 500 rs.

### ARTHUR DE CARVALHO OLIVEIRA

- GUIA PRATICO PARA A PLANTAÇÃO E AMANHÓ DA VINHA, FABRICO E CONSERVAÇÃO DOS VINHOS DE PASTO — 1 vol. . . . . 300 rs.

## ULTIMAS NOVIDADES

- Almanach* HACHETTE — para 1901.  
*Almanach de* GOTHA — para 1901.

### HENRY SIENKIEWIZ

- Quo vadis* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.  
*Par le fer et par le feu* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.  
*Bastek le Victorieux* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.  
*En vain* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.  
*Sans dogme* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.

### G. DE ANNUNRIO

- Le Feu* — romance, 1 vol. . . . . 3,50 fr.  
*Gioconda* — tragedia, 1 vol. . . . . 4 fr.

### PAUL BOURGET

- Un homme d'affaires* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.

### MARCEL PRÉVOST

- L'Heureux Ménage* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.

### EDMOND ROSTAND

- L'Aiglon* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.  
*Cyrano de Bergerac* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.

### OCHEVE MUBEAU

- Journal d'une femme de chambre* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.

### HENRI LAVEDU

- La valse* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.

## ACTUALIDADES

### HAMELIN

- Des concessions coloniales* — 1 vol. . . . . 9 fr.

### BOURDAIS DE TOUCHES

- Le régime financier des colonies françaises* — 1 vol. . . . . 5 fr.

### CHAILLEY-BERT

- La politique coloniale de la France* — 1 vol. . . . . 1 fr.

### DARCY

- La Conquête de l'Afrique* — 1 vol. . . . . 3,50 fr.

### GAFFAREL

- Les colonies françaises* — 1 vol. . . . . 5 fr.

### LANESSAU

- Principes de colonisation* — 1 vol. . . . . 6 fr.

Execução immediata de todas as encomendas de livros e assignaturas



# SASSETTI & C.<sup>A</sup>

EDITORES DE MUSICA

**LISBOA – 56, Rua do Carmo, 56 – LISBOA**

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1848

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DOS EDITORES

**G. RICORDI & C.<sup>IE</sup> DE MILÃO**

**HEUGEL & C.<sup>IE</sup> DE PARIS**

E

SCHIEDMAYER & SOHNE, DE STUTTGART – FABRICA DE PIANOS FUNDADA EM 1781

GRANDE SORTIMENTO DE PIANOS

DOS

PRINCIPAES FABRICANTES FRANCEZES E ALLEMÃES

Orgãos francezes e americanos

**ALUGAM-SE, AFINAM-SE E CONCERTAM-SE PIANOS**

*Enorme sortimento de musica nacional e estrangeira das principaes casas editoras da Allemanha, Belgica, França, Hespanha, Inglaterra, Italia, Russia, etc., etc.*

*Metronomos, chaves de afinar, almirés, isoladores para pianos, rolos para musica e muitos outros artigos proprios d'este ramo de commercio*

**Encarregam-se de mandar copiar ou transportar qualquer musica**

**VENDAS A PRESTAÇÕES**

**ENXOVAES COMPLETOS**

Artigos de novidade para homem



**PITTA, Camiseiro**



195, RUA AUGUSTA, 197

**LISBOA**

**A. D'ABREU**  
**JOALHERIA E OURIVESARIA**

Antiga casa VIUVA SOARES & FILHO

**RUA DO OURO, 57 e 59**

**LISBOA**



# J. J. RIBEIRO & C.<sup>A</sup>

222, Rua Aurea, 226

LISBOA

Instrumentos de optica  
e cirurgia  
topographia, astronomia  
etc.



Instrumentos de optica  
e cirurgia  
topographia, astronomia  
etc.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

**KODAKS DA COMPANHIA EASTMAN, DESDE 1\$600 A 80\$000 REIS**

**CHAPAS E PAPEIS SENSIVEIS DE VARIOS FABRICANTES**

(Ilford, Lumière, Wellington, Mercór, Jougla, Paget, Imperial, etc.)

**OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES**

Productos chimicos especiaes para photographia, de fabrico inglez, francez e allemão

**GRANDE VARIEDADE EM CARTÕES PARA PHOTOGRAPHIA**

Obturadores, prensas, aparelhos de ampliação, tinas; emfim, todo o material  
necessario ás manipulações photographicas



**PINHEIRO & SOBRINHO**

*ALFAYATERIA*

**Rua de S. Julião, 83 a 87**

GRANDE SORTIDO

DE

**FAZENDAS NACIONAES**

E

**ESTRANGEIRAS**

CONFECCOES PARA HOMENS E CREAMÇAS

Encarregam-se de todos os trabalhos  
do seu genero  
garantindo a sua perfeição

**83, Rua de S. Julião, 87**

LISBOA

**A PHENIX**

RUA DO PRINCIPE

Edificio do Avenida Palace

LISBOA

**TABACOS**

NACIONAES E ESTRANGEIROS

VARIADO SORTIMENTO

DE

**OBJECTOS PARA BRINDES**

PERFUMARIAS

*Artigos para fumadores*

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS

**Lopes de Sequeira**

Sempre ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECCOES E CHAPEUS

**Rua do Ouro, 285 a 293**

LISBOA



# Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

## DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

Motores a gaz CROSSLEY

MATERIAES PARA TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

TINTAS DE IMPRENSA

DE

**CH. LORILLEUX & C.<sup>IE</sup>**

SAPATARIA

DE

**J. CRUZ & FREITAS**

Especialidade em calçado  
para homens  
senhoras e creanças

Encarregam-se de encomendas para a Africa e Brazil

Executam todo o trabalho  
com pontualidade e esmero

**192 — Rua da Conceição — 102**

(VULGO RETROZEIROS)

**LISBOA**

*E. E. de Sousa*

Successor de FIGUEIREDO

GRAVADOR DA CASA REAL



CASA FUNDADA EM 1819

Gravura em todos os generos e carimbos  
de borracha os mais aperfeiçoados

Variedade em prensas, sinetes, timbres  
tintas de côres

para carimbos e para marcar roupa

Especialidade

em bilhetes de visita impressos, lithographados  
e de chapa

157, Rua Aurea, 159 — 98, Rua da Victoria, 100

LISBOA



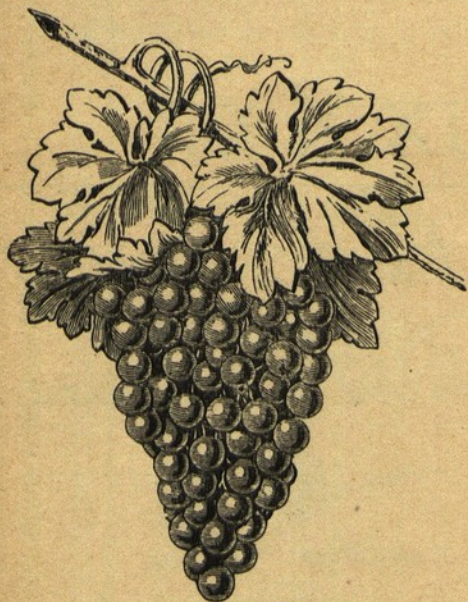
COMPANHIA  
**CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL**

21 A 31, RUA DO ARCO DO BANDEIRA  
LISBOA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE  
DE  
**MACHINAS E ALFAIAS AGRICOLAS E INDUSTRIAES**

Adubos para todas as culturas, formulas especiaes, analyses garantidas

**CEPAS AMERICANAS**



Enxertos

Barbados

Estacas

**SELECÇÕES PERFEITAS**

MALLEU, BARNEDA & LLONCH

Figueras (Gerona) -- HESPANHA

Representação para Portugal: COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL -- LISBOA

**GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO**

Contendo uma PARTE OFFICIAL, por despacho do Ministerio das Obras Publicas

**PUBLICAÇÃO QUINZENAL**

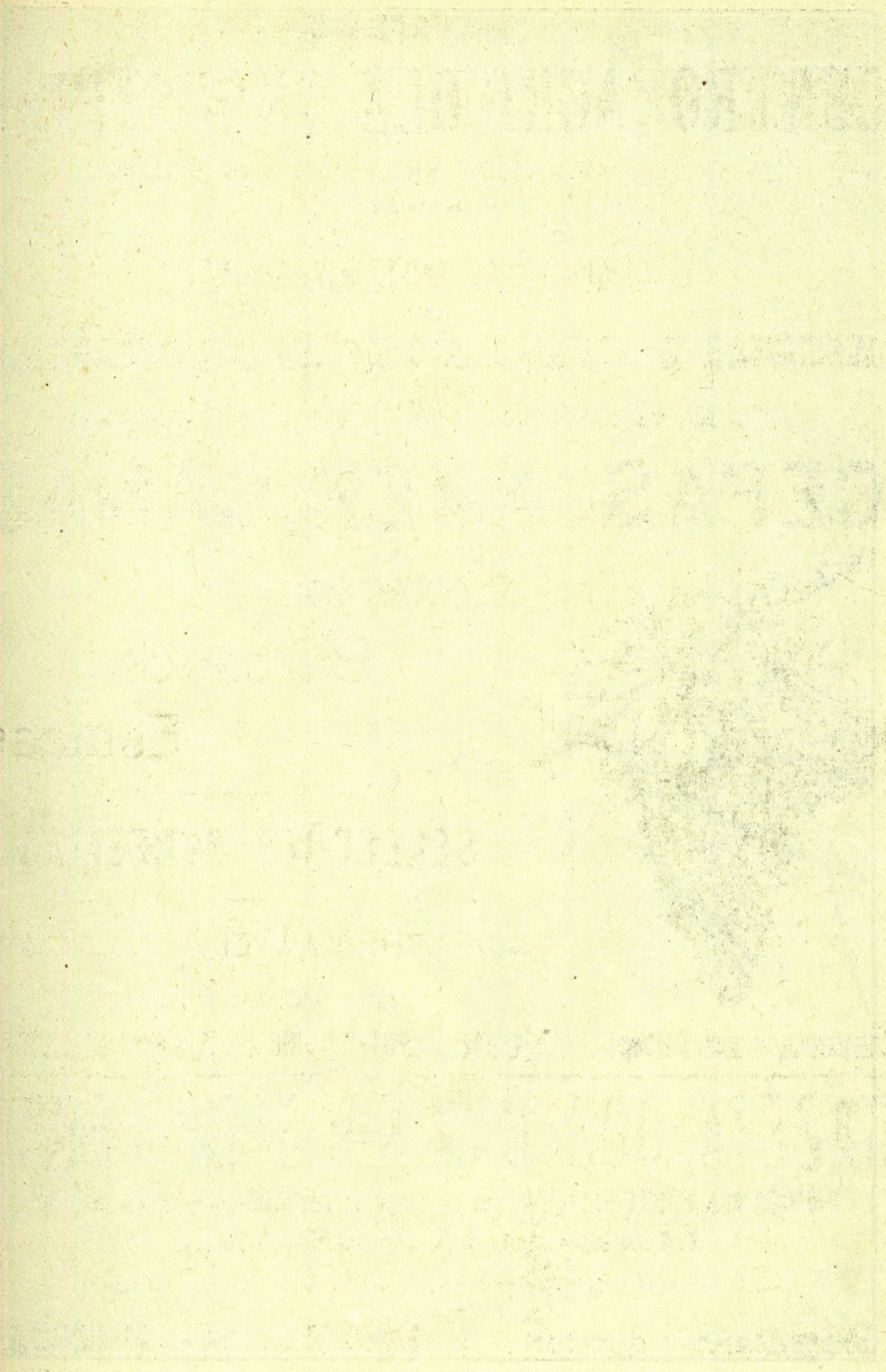
Fundada em 1838, premiada nas Exposições do Porto, Bruxellas e Antuerpia

Proprietario e director — **L. DE MENDONÇA E COSTA**

Preços de assignaturas — Anno 2\$500 réis — Semestre 1\$400 réis

Redacção — Rua Nova da Trindade, 48 — LISBOA









SOCORRO! SOCCORRO! — QUADRO DE A. MORLON

*Dois naufragos em desespero angustioso esperam pelo socorro entrevisto ao longe, acenam com um farrapo de vela a algum navio que passa acossado tambem pelo temporal*





NA CORRENTE — QUADRO DE E. RENOU.

*Suggestivo quadro de doloroso abandono d'esta pobre creança, á tona d'agua, na solidão immensa do mar, sem forças, sem esperança, pasto cubiçado de abutres. Quantos tambem embarcam para a viagem da vida, despreocupados, cheios de illusões e de coragem, e o destino cruel lhes annula a existencia n'um naufragio sinistro de desventuras!*

## A Resgatar Vidas

*Durante o inverno, com os seus dias curtos e sombrios, com as suas rajadas de vento gelado, com as chuvadas grossas como cordas, parece que o sentimento das miserias alheias se aviva no coração dos bondosos e mais funda é a tristeza que ellas inspiram. Chegam noticias de naufragios tragicos e a alma confrange-se com a suggestão dos soffrimentos; o mar bate furiosamente os penhascos da terra portugueza em vingança perpetua de quem, ousado e tenaz, lhe foi desvendar os segredos, e por vezes na lucta toma refens que só a philantropia e a coragem podem resgatar.*

*N'esta missão anda empenhado o **Instituto de Soccorros a Naufragos**, sob a alta protecção de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, a quem recentemente o Imperador da Allemanha concedeu a medalha de salvção que, se não accrescenta lusimento onde os primores são tantos, reflecte sobre a obra o elevado apreço d'um grande dirigente d'uma grande nação.*



**A** PRAIA por onde os banhistas passeavam a sua elegancia e a sua ociosidade, dilatando as narinas ás emanações retemperantes do mar, começa de enfuliscar-se; já os pescadores olham desconfiados para o largo; as primeiras nuvens percorrem doidamente o espaço; uma impressão de tristeza ganha os corações: é que se aproximam os mezes de inverno, parceiros dos de março e abril na obra de destruição que enche de horrores as estatisticas de naufragios. O mar que hontem reflectia clarões imprevisitos, scintillações, lampejos intraduziveis á retina do paisagista, malhumora-se, agita-se, convulsiona-se em epilepsias pavorosas, ameaçando de morte os que ousarem tocar-lhe. No ar escuramente plumbeo andam de cavalgada

nuvens tenebrosas, preludiando um inverno tristonho e turgido de naufragios, afinando a sua marcha funebre pela negrura do abysmo, em baixo.

Ouvem-se os sibilos da ventania que açouta as ondas, pondo-as em furia insana. O concerto tetricamente polyphónico extende-se, terra a dentro, e vae ás barracas e ás choupanas dos pescadores e maritimos, onde as mulheres e as creanças repassadas de frio, estioladas, quantas! pela fome, pensam no marido, no pae que lá ao longe anda na labuta da vida, n'um combate de todas as horas com o capricho dos oceanos, indifferentes ao perigo á força da promiscuidade com as furias maritimas. A cada ronco do mar, a cada vergastada da ventania ás brigas com



a frouxa resistencia do casinhoto, as creanças agrupam-se, assentadas em volta do moribundo brazido, ajoelham desconsoladoramente no momento em que a mãe, na concentração dolorosa de todo o seu ser, põe

perança, de humanidade, mas pelo contrario de pilhagem e de mortandade. Por toda a costa do mundo conhecido havia então olhos attentos espreitando o navio que vinha naufragar d'encontro aos cachopos e aos bancos



NAUFRAGOS — QUADRO DE A. MORLON

*Vogavam na jangada, ao sabor das correntes, sem norte, ao acaso d'um encontro de navio salvador ou de terra firme. Quem sabe quantas privações, quantos horrorosos dramas se teriam passado sobre aquelle funebre tablado, na implacavel exigencia da fome! Afinal o barco salvador aproxima-se, fortemente tripulado, cortando as ondas a golpes de remo.*

toda a sua esperanza em Deus, e, segundo a fórmula tradicional lhes lembra: *Rezemos mais um Padre Nosso por aquelles que andam sobre as aguas do mar!*

O vento como que se rendeu ao prestigio da supplica; o mar recolheu ao seio o ronco pavoroso; quem sabe? talvez que os que andam lá pelas aguas estejam ahi tão docemente embalados nos seus lenhos como creancinhas ricas nos seus berços caprichosamente marchetados. Deus ouviu de certo a prece: o mar calou-se. Que? um tiro lá do largo, vozes d'afflicção fendendo os espaços fuliginosos, appêlo supremo de quem está sob as garras da Morte. . . Sim, é o Mar, accommettido de novo paroxysmo epileptico que esfrangalhou o navio e prepara-se para sorverter os que se julgavam seguros n'elle! . . .



A esses gritos de suprema angustia respondiam, em epochas passadas, vozes, não de es-

d'areia. Mais ainda: accendiam fogachos e assim se illudiam os tripulantes que n'elles acertavam a sua rota. A pouco trecho a embarcação vinha perder-se nos baixios; tocava-se então a rebate; a ladroagem accorria á praia para recolher os restos do naufragio, massacrando muitas vezes os desgraçados já moribundos para os despojar dos ultimos valores. Era um delirio, uma selvageria quasi canibalesca, sancionada pelos costumes e a que só o andar civilizador dos tempos veio pôr termo, acompanhando em moralisação altruista os progressos das construcções navaes e da arte de marear, junto á multiplicação dos pharoes ao longo das costas maritimas. Com effeito são os pharoes, já de tempos muito remotos de sentinella ao mar, que representam os primeiros salvadores dos naufragos. Quem nunca andou embarcado não calcula o sentimento de esperanza e confiança que essas luzes vigilantes nos infundem na alma quando, pelo negrume da noute,



as enxergâmos ao longe. E' como se uma voz mysteriosa nos bradasse: *Amigo! Coragem! Eu velo por ti!*

E' tudo? Não; multiplicam-se, é certo, os aperfeiçoamentos nauticos, cruzam os mares embarcações gigantescas, transatlanticos magestosos que devoram distancias, succedem-se os pharoes, como as luzes em enormes avenidas nas grandes capitaes do luxo; domam-se as forças da natureza á industria do homem, sim, mas ainda não se pode vencer o capricho do mar para quem as embarcações descommunes, como os mais exiguos bateis, são joguetes com que elle brinca, quebrando-os depois, como fazem as creanças aos bonitos que por momentos lhes entretêm a inconstante imaginação. Por isso, os que lidam com esse eterno caprichoso sabem como elle em suas furias leva a viuvez, a orphandade, a miseria aos palacios sumptuosamente insolentes, como ás choupanas miseravelmente desconfortadas; mas sabem

tambem quanta coragem lhes é precisa para o afrontar, para lhe arrancar vidas, para o reduzir á impotencia.

Espectaculo admiravel o d'esses homens, para quem o sangue-frio é uma qualidade constitucional, e o da sua fortaleza moral, vencendo o proprio instincto da conservação! Como são heroicos esses homens simples, rudes por fóra, bondosissimos por dentro; como é heroica a indiferença com que caminham ao encontro da Morte, e são assaltados por toda a casta de situações tragicas, redobrando de forças quanto mais a Fatalidade parece querer sovertel-os no abysmo dos horrores inenarraveis. Como são dramaticas e por vezes epicas essas paginas de naufragios celebres das nossas chronicas e dos que a cada passo infamam as nossas praias e põem á prova a coragem dos nossos marítimos! Os episodios são aos milhares e relembra-los é uma angustia, mas é tambem uma consolação. Foi em 29 de março de



UMA SAHIDA DIFFICIL — QUADRO DE G. HOQUETTE

*Energico esforço, despreso da morte, corajosa abnegação se distinguem n'esses tripulantes da pequena lancha que se arremessa n'um impulso de vontade inquebrantavel por sobre o dorso do mar cavado pelo vento em surriba gigante.*



1878 — em igual dia do anno de 1852 deuse o naufragio celebre do vapor *Porto*, que victimou centenaes de pessoas, á vista da cidade d'esse nome —; um tiro de peça no forte de Santa Catharina, na Figueira da Foz, annunciou perigo no mar. Vagalhões açoita-

sem tregoa nas solidões do Oceano. Mas a vida d'esses homens parecia irremissivelmente condemnada. A população da Figueira, apinhada na vasta meia-lua extendida até Buarcos, ora gritava afflicta e chorosa, ora se enraivecia indignada contra a fero-

cidade do mar, sobretudo depois que duas catraias, tripuladas por marinha-gem experiente, e já proximas do palhabote, derivaram em semi-circulo, vindo, impotentes, varar no areal. O horror desenhava-se em todos os rostos: só um milagre poderia salvar esses desgraçados. Fal-o-ha aquella lancha que de repente surgiu, vinda não se sabe d'onde, e vae cortando impavidamente a juba do leão furioso? E como batem certos os remos na agua, n'uma isochronia fóra do commum! Dir-se-hia que a lancha vae tripulada por esses marinheiros dos poemas de Homero ou por esses heroes-aventureiros que nos primeiros tempos das nossas emprezas maritimas iam costear a Africa e desfeitear a sanha do insolente *Adamastor*. Esses nove destemidos, lançando-se ao abysmo que os poderia engulir n'um prompto, faziam signaes aos tripulantes do *Marianne*. A lancha, avançando sempre, e sempre vencedora dos bal-



HOMEM AO MAR! — QUADRO DE G. HOQUETTE

*Terrivel grito de alarme, que não mais esquece a quem o ouviu uma vez, vibrante, sinistro, a bordo d'um navio. Quantas vezes, a salvação do barco e dos tripulantes obriga ao desalmado e inevitavel abandono da victima! Aqui, a embarcação era pequena; a manobra fez-se rapida, o leme obedeceu, as escotas largas deixaram cahir a vela, o companheiro atira ao mar a boia de salvação.*

dos por uma ventania de NO rolavam até irem desfazer-se n'uma alvura lactea. No meio da barra, a poucos metros da praia, via-se o palhabote francez *Marianne*, que havia dias, durante a sua róta, abrira agua e resolvera vir encalhar, na esperança de se salvar e aos seus 7 tripulantes, após uma lucta

dões das ondas em furia, consegue chegar ao palhabote. Momento supremo em que a vida de todos estava por um fio! Na praia, as mulheres emmudecem e ajoelham, encomendando-se á misericordia divina. Rapidamente os tripulantes do palhabote foram puxados para bordo da lancha, que no mesmo des-

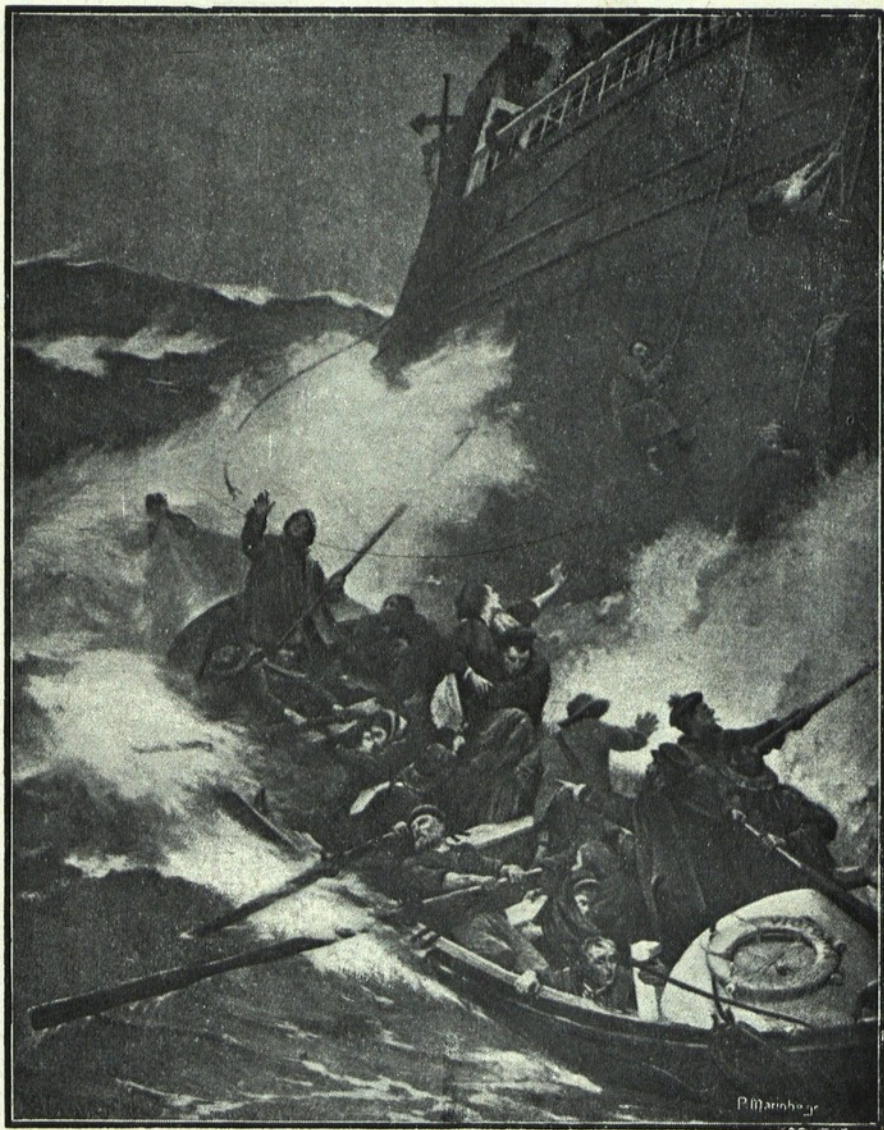


preso sobranceiro pela braveza do leão escumando de raiva, virou de querena, e na mesma isochronia de remadura, guilhotinando os vagalhões, alcançou a terra. Os sete tripulantes do *Marianne* estavam finalmente salvos! Na praia havia choros de contentamento; os salvadores, eram saudados entusiasticamente pela multidão. E com tudo, esse lance, aparentemente theatral, consummara-se pelos meios os mais simples. As tripulações de navios e barcos ancorados no porto presenciavam o espectáculo, com esse sangue-frio peculiar aos homens do mar. Em volta d'elles a gritaria da multidão, o chôro das mulheres afflictas. Um d'esses valentes interrogando com o olhar os companheiros e na mais natural simplicidade, soltou apenas esta phrase: — *Vamos lá?* — *Vamos!* disseram os restantes em côro. Dito e feito: embarcam na primeira lancha que encontram ao alcance, e fazem-se ao mar.

Eram todos portuguezes; mas quasi todos algarvios, como algarvios foram em grande parte esses homens que se arriscaram aos *mares nunca d'antes navegados* e contribuíram com o seu arrojo para a nossa epopéa marítima, como algarvios foram esses destemidos, naturaes d'Olhão que, n'um cahique pouco maior que um esquife, partiram d'ali para o Brazil, a levar a D. João VI a noticia da sublevação de Portugal contra os francezes, como algarvio, e d'Olhão, era o Patrão Joaquim Lopes...

O Patrão Joaquim Lopes! Cantado em prosa e em verso, o seu nome entrou na Immortalidade, a sua fama é lendaria, como parecem

lendarias as suas façanhas a resgatar vidas! E resgatou-as aos centos! Ainda aos cincoenta e oito annos, quando muitos se julgam no direito de descansar das luctas da vida, elle se lançou ás ondas roubando-lhe naufragos. Que digo eu? Aos sessenta, aos oitenta e



O SALVAMENTO — QUADRO DE A. DAWANT

*Resolvido o abandono do navio, descem dos turcos os escaleres, embarcam primeiro as mulheres. A pobre mãe n'um desespero que os musculos possantes do marinheiro subjagam a custo sob a ordem imperiosa do official, vê o filho ao collo d'um tripulante, pendurado sobre o abysmo pelo cabo que desce da amurada.*

quasi aos noventa salvava-os com a energia e coragem de um mocetão de trinta: aos 83 salvou elle toda a tripulação do brigue inglez *Ulysses*:

*Ganhou que os traz ao peito — habitos e medalhas, Não a matar irmãos, mas a rasgar mortalhas!*

E esse obscuro pastor-cabreiro do Algarve que na praia do Carrapateiro se offerece para



ir levar, a nado, uma adriça de 600 metros, enrolada ao pescoço, como as boas que as friorentas damas ostentam ao pescoço? O se de si mesmo, chega ao navio em perigo; é içada a adriça e d'essa arte fica estabelecida a comunicação com a terra. Sabem quantas vidas foram salvas por esse acto de homérica abnegação? Oito: oito subditos inglezes.



TEM O MARIDO NO MAR ALTO — QUADRO DE M<sup>me</sup> V. DEMONT BRETON

*O marido está longe, sobre as aguas do mar; e ella anciosa, n'uma contricção afflictiva de maus presagios, escuta os rugidos medonhos da tempestade, o silvo agudo do vento esfusiando pelo cano da chaminé; mas, ao mesmo tempo, a consoladora radiação do brazeiro aquece-lhe docemente a esperança de que elle, o seu homem, talvez navegue n'aquelle momento em calmas paragens longinhas, onde não chegará o chicote da procella que lhe fustiga agora a pequena casa á beira-mar. O pequenote, esse tem a boa ignorancia da innocencia; desconhece o perigo, dorme confiado no aconchego do collo maternal.*

valente pastor não perde um momento: corta a sanha do monstro com admiravel vigor, vae desenrolando a corda, na mais absoluta pos-  
tuense que, *sósinha*, no rio Douro, salvou cinco homens que tripulavam um barco, ali sossobrado. A coragem não é apanagio só

Ignoramos o nome do destemido algarvio, mas fique registado esse feito para exemplo a tibios e braço de philantropia humana!

Acto analogo inscreveu a *Real Sociedade Humanitaria* (Porto) nos seus annaes de ouro — o de José Maria Valente, que em novembro de 1895 se lançou ao mar, junto do molhe de Leixões, para estabelecer um cabo de comunicação entre o vapor inglez *Braganza* e a terra. D'esse corajoso feito resultou salvarem-se a tripulação inteira e todos os passageiros, que teriam fatalmente succumbido sem a heroica abnegação do bom portuguez. A *Real Sociedade Humanitaria* conferiu-lhe, além de um premio pecuniario, a mais alta recompensa que lhe é dado conceder — a medalha de ouro posta ao peito d'esse benemerito, pelo então governador civil José do Couto de Amorim Novaes, na sessão solemne de 1 de dezembro d'aquelle anno. E a proposito, é de justiça rememorar o premio pecuniario que essa benemerita Sociedade conferiu a Guilhermina de Almeida, barqueira por-



do homem, e a nossa Historia enaltece, com ufania, muitos nomes de mulheres, que ali merecem figurar por actos de arrojo e valentia surprehendentes.

• • •

Estes dramas, á vista de terra, suggerem-nos naturalmente pavorosas tragedias que sem interrupção se representam por esses mares fóra, onde se morre no mysterio das solidões desoladoras, sem se enxergar um palmo de terra amiga ou inhospita, nem a luz morticemente attenuada de um pharol, nem a vela ainda sumida ao largo mas portadora de uma tenue esperança. A simples

posta de bacalhau que, em mesas pobres ou ricas, aguça o apetite, quantos dramas, quantas dôres e quantas miserias nos não vem recordar! Lá longe, n'esses dias polares de uma escuridão triste e desconfortada, andam os barcos entregues á faina da pesca do

bacalhau. De repente, salta um pé de vento que soergue as aguas e as endoidece; as vagas martellam as frageis embarcações com sua força cyclopica. Alguma se afundou, no meio da indiferença dos elementos. Aquella acolá, que resistiu, amanhã, d'aqui a um mez, será victimada talvez pelo *transatlantico*, pelo paquete de porte alteroso, que marchando no negrume fuliginoso d'esses mares plumbeos, n'uma velocidade indifferente, surge como sombra apocalyptica ante o pobre barco bacalhoeiro e o corta inexoravelmente, sepultando a tripulação para sempre nas profundezas das aguas.

Que episodios emocionantes n'essas tragedias do mar os quaes, por acaso, veem figurar mais tarde no grande Registo da Morte! A's

vezes, dois naufragos prestes a afogarem-se nadam para o madeiro que por ventura enxergaram; e agarram-se-lhe com ancia; mas o mais fraco, prestes a succumbir, vê na angustia derradeira a imagem da mulher, dos filhinhos ausentes e recommenda-os ao companheiro, seu patricio:

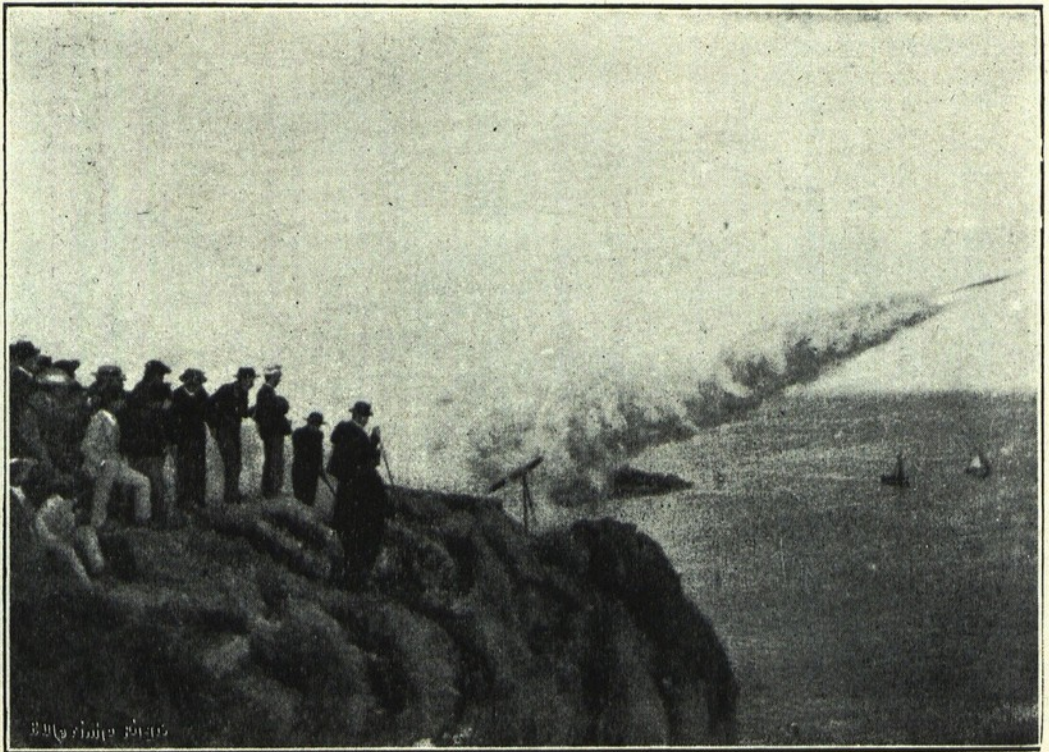
— *Dirás a minha mulher...*

— *Não, enquanto eu poder, viverás comigo; coragem!* e segura-o fortemente.

A pouco trecho, um vagalhão leva-os de rôlo para o seio insaciavel do monstro!

• • •

As condições de hereditariedade e do meio



EXERCICIO EM CASCAES — O FOGUETÃO PORTA-CABO

fazem os homens. As occupações industriaes enervam, estiolam as raças; a labuta nas praias e nos mares avigoram os individuos, creando-lhes uma resistencia ao ambiente verdadeiramente prodigiosa. Olhe-se para as populações dos grandes centros e para os da costa maritima: typos caracteristicos, embora genuinamente da especie humana; rostos pergaminhados por effeito das soalheiras e emanações salinas, sobranceiras encrespadas, mãos callosas onde a faina maritima se assignala acaso por cicatrizes, hombros largos, bustos de ferro, corpos espadaudos, um não sei que de hirto, de duro, a traduzir esse vigor, essa energia que só se adquire n'uma gymnastica incessante a bordo, absorvendo o ar puro do mar alto, essa retempera de



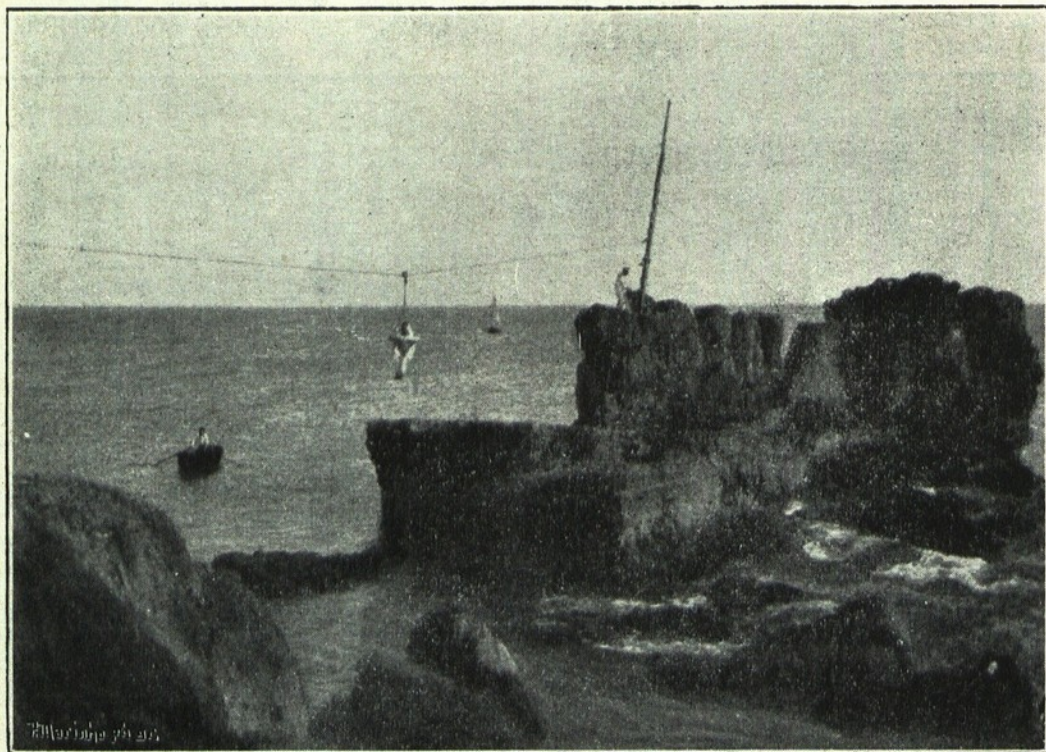
quem, como sôe dizer-se, *tem saude para dar e vender*.

E que existencia tão simplesmente homeric a d'elles! Pescadores quasi todos, dando ao fisco boa maquia da colheita quotidiana, contentam-se com um passadio rudimentar, na esperanza do dia seguinte. Ora, o mar decide na sua soberba fechar-lhes as portas dias e mezes consecutivos. E' a fome; as privações, as miserias entram com as ventanias pelos seus abrigos-gaiolas. Felizes, quando o *fiado* na taberna lhes proporciona um pão, um pescado endurecido pelo sal, que são pagos com

do dormem, qualquer ruido, alta noite, os accorda; e erguendo o busto, e sentando-se no catre, perguntam estremunhados ás mulheres: *Não sentiste gritar?* E ella, apurando o ouvido: *Parece que sim; algum desgraçado em perigo; anda, vae!*

E elle, indifferente ao conforto, enfiadas as pernas em rudimentares pantalonas e o busto n'um camisolão encerado, lá vae pela noute de breu, norteado pelo proprio instincto, batendo ás portas dos tripulantes do salva-vidas, e d'ahi a pouco uma duzia d'esses homens d'aço, atiram-se para dentro do barco

providencial, salva-vidas, lancha, qualquer batel em summa e em remadas que só essas musculaturas prodigiosas sabem dar, accommettem a furia das ondas, põem-se ao largo e disputam-lhe uma, cinco, dez vidas, esquecidos do proprio instincto da conservação, sabendo que



O VAE-VERM EM ACÇÃO

juros da gerarchia dos roubos. Mas o credito cança; em casa persiste a fome; camas de pálha pôdre, ou simples taboas carunchosas onde a familia dorme em perfeita estiva; cantareiras esbroadas pelo inexoravel caruncho, onde tres artigos de louça esborcinada servem a todos; e a caixa de pinho que breve será queimada para lume ou vendida por um pão.

Na parede, porém, vê-se ás vezes pregado um *diploma*, um *certificado* qualquer, uma *medalha de cobre* enferrujada, attestando a heroicidade de um salvamento de vidas, o socorro prestado a navios ou a naufragos com risco da propria existencia. No meio da penuria circumvisinha, essas menções honrosas irradiam de si uma luz extranha, como estrelas, mas não envaidecem os seus possuidores. Sempre álferta, de ouvido á escuta, até quan-

o menos mal que os espera é a morte, a viuvez das suas mulheres, a orphandade dos seus filhos!

• • •

Ha apenas alguns annos, diferentes pessoas movidas de grandes sentimentos humanitarios, conceberam a idéa de centralisar as iniciativas dispersas pelo nosso paiz, substituindo á acção individual, a organisação por agrupamentos, creando uma especie de *exercito de salvacão*, com os seus quadros administrativos, com o seu orçamento, com a sua escripturação regular, com o seu equipamento, com os seus engenhos proprios para o resgate de vidas, isso a que poderíamos chamar o seu *material de guerra*.

D'essa generosa concepção nasceu o *Instituto de Soccorros a Naufragos*, sancionado pela lei de 21 de abril de 1892, sob a presi-



dencia de Sua Magestade a Rainha D. Amelia. Até então havia só 4 barcos *salva-vidas* em todo o paiz! — o de Paço d'Arcos, estabelecido em 1840, o da Foz do Douro (1852), o da Povoia de Varzim (1872), o de Vianna do Castello (1884). A primeira tentativa official para estabelecer um serviço de socorros a naufragos data de 1880, sendo ministro da marinha o marquez de Sabugosa.

A commissão, para esse fim organizada, orçava em 137 contos a despeza a fazer com esse serviço. A cifra assustou os poderes publicos; a tentativa fallhou. E comtudo, de 1870 a 1878, davam-se na costa maritima de Portugal 224 naufragios com 300 perdas de vidas,—numero, tomadas as devidas proporções, muito superior ao dos naufragios na costa ingleza em egual periodo. Só em 1892 afundaram-se no nosso paiz 60 barcos com perda total de vidas: ficaram na viuvez 87 mulheres e na orphandade 117 creanças!

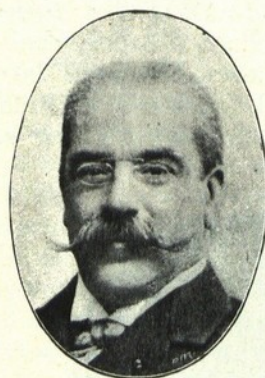
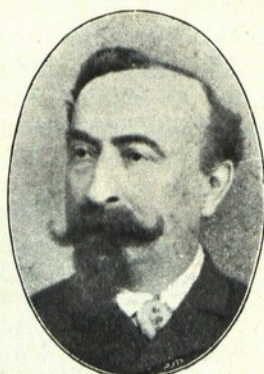
Razões a mais para louvar a iniciativa do novó Instituto. E' elle administrado e dirigido por uma commissão central de Lisboa e por commissões departamentaes no Porto, Faro, Funchal e Angra do Heroismo. A commissão central de Lisboa administra os fundos (obtidos por subsidio do governo, quotas dos socios subscriptores, contribuições das camaras etc.), propõe ao governo

todas as providencias para o melhoramento do serviço dos socorros, faz toda a propaganda em favor de tão generosa idéa.

Acima falámos no *material de guerra* do Instituto. Parece paradoxal a affirmativa, não é assim? parece contrasenso que um instituto d'esta indole possua engenhos bellicos. Assim é; usa-os porém, não para destruir vidas e sim para resgatal-as. Vêde ali aquelle canhão no seu reparo, aquelle espingarda fincada na arêa: carregam-se e disparam-se, mas em vez de vomitarem a metralha mortifera, transportam ao longe uma esperanza. Ao projectil que a polvora fez arremessar vae presa uma corda, por vezes de centenas de metros, que passando por cima do navio prestes a perder-se, embaraça-se na mastreação ou na cordoalha, e põe os naufragos em communicação com a terra. Por meio d'a-

quella linha faz-se chegar uma adriça, uma amarra mais resistente: estabelece-se então um systema de vae-vem. Admiravel e simples manejo para arrancar victimas ao mar. Que importa a sua furia? As victimas vão passando por cima da sanha do monstro e vão cahir nos braços dos seus salvadores.

Quantas victimas não teem sido salvas, mundo fóra, graças aos canhões e espingardas-lança-cabos! Recurso, apesar de tudo, ainda modesto, porque o verdadeiro paladino e heroe da tempestade é esse barquinho fei-



A commissão executiva do Instituto de Socorros a Naufragos, sob a presidencia de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, é composta dos Srs. Conde de S. Januario, do Conselho de Estado; Polycarpo dos Anjos, par do reino; Jorge O'Neill, official-mór de El-Rei e Hypacio de Brion, capitão-tenente da armada, infatigavel trabalhador e dedicado propagandista da obra benemerita do Instituto.



ticeiro que o mar não é capaz de engulir, que, se mergulha um momento, logo emerge sobranceiro ás ondas, desafiando-as, separando-as, galgando-as, até ir, certo, á embarcação em perigo. Esse paladino do mar é o *Barco-salva-vidas*. Vêm ali, em Cascaes, na Foz, em Vianna, em Buarcos, uma casa fechada sem janellas, de aspecto mysterioso? E' a casa-abrigo do salva-vidas. Os maritimos olham-na com respeito, porque no seu instincto, vêem n'esse barco que não vae ao fundo, um ser sobre-humano de virtudes quasi sobrenaturaes. E' com effeito um barco insubmersivel. Entra-lhe a agua aos cachões? Logo se escôa pelos tubos de cobre abertos ao rez da coberta; e como tem caixas de ar nas extremidades, se acontecer adornar fica por momentos em equilibrio instavel, e um simples embate da vaga, levanta-o e reequilibra-o. Vogar, sobreaguando, é a sua especial e providencial funcção.

Taes são as virtudes do feiticeiro barquinho, que parece dormir n'uma immobilidade de semi-deus lendario no seu templo-abrigo. Passe comtudo alguém dando voz d'alarme, qualquer signal de perigo no mar; surgem logo dez, doze mocetões, dispensados do recrutamento maritimo em recompensa do seu sacrificio; a casa-abrigo escancara-se; sae o deus-feiticeiro do seu altar, á força de bois ou de braços humanos e intromette-se na agua; os tripulantes, couraçados com os cintos de salvação, empunham os remos, o patrão no seu posto commanda. Ávante! N'um prompto o salva-vidas ataca a insanias dos elementos e corre ao logar do sinistro, disputando todas ou as possiveis vidas ao mar.

• • •

O *Instituto de Soccorros a Naufragos* conta hoje 19 postos de soccorros espalhados por Angra, Aveiro, Caminha, Cascaes, Ericeira, Esposende, Faro, Figueira (Buarcos), Funchal, Lagos, Nazareth, Paço d'Arcos, Peniche, Ponta Delgada, Leixões, Povia de Varzim, Setubal, Vianna do Castello e Villa Nova de Portimão. Em todos estes portos,

salvo na Ericeira e no Funchal, existem barcos salva-vidas; em nove, ha carros portacabos; em tres, espingardas lança-cabos. Desde a fundação do *Instituto* tem sido soccorridos pelos seus salva-vidas 48 navios e barcos, e salvos da morte 97 individuos; por sua recommendação ao governo foram distribuidas 118 medalhas de cobre e 187 diplomas de louvor. E' pouco? Talvez; mas é muito em face da modestia dos seus recursos. A *Royal National Life Boat Institution* salvou em Inglaterra, desde 1824, nada menos de 42.000 vidas. A *Societé Central de Sauvetage*, fundada em 1865, em França, tem salvo 11.727; a *Sociedade de Salvação*, da Russia, fundada em 1872, salvou 11.105; o que, com as nossas 97, somma 64.949 vidas resgatadas ao mar revolto!

A nossa estatistica é modesta, certamente; tambem a *Royal Life Boat* na poderosa Inglaterra só teve os seus começos em 1823, contando em 1829 quatro postos de salvação. Hoje tem 617 postos de soccorros bem providos e mais 5 vapores de vigia nas costas, tendo gasto em subsidios 200.000 libras. E ainda é pouco. A *Societé Central* tambem tem caminhado vagarosamente. O nosso caminhar é naturalmente lento, mas os seus progressos são sensiveis: haja toda a protecção official, venham as iniciativas particulares em auxilio do Instituto e as paginas de ouro da nossa philanthropia multiplicar-se-hão sem duvida. Os nossos numeros são já eloquentes e provam a grandeza dos esforços feitos por duas correntes paralelas de philanthropos: os heroicos maritimos que, no mais absoluto desapego da sua pessoa aos confortos da vida, sacrificam as suas uteis existencias em prol dos outros, e os benemeritos que, sob o disvellado patrocínio da RAINHA multiplicam os recursos do seu engenho propagandista, os cuidados do seu amor pela causa humana, o louvavel empenho de alargar no paiz um serviço que já tem resgatado bastantes vidas e póde resgatar ainda mais, dando a maxima expansão á sua virtude humanitaria, que é o titulo mais honroso da nossa especie.







JESUS EXPULSANDO OS VENDILHÕES DO TEMPLO — QUADRO DE GUERCINO (SECULO XVII)

*E achando no Templo a muitos vendendo bois, ovelhas e pombos, e os cambistas lá sentados; e, tendo feito de cordas um como azorrague, os lançou fóra a todos do Templo, com as ovelhas e os bois; arrojou por terra o dinheiro dos banqueiros e derribou-lhes as mezas de negocio. EVANG. S. JOÃO. CAP. II, VERS. 14 E 15.*

## Suprema Revolta

**D**o Natal á Paschoa, a igreja annualmente memora em festas successivas de complicada liturgia e significação, como o povo em usanças tradicionais de commedora simpleza, a fugitiva e luminosa passagem do Christo pela terra. Desde o nascimento humilde em Bethlem até o dia da resurreição que a piedade christã glorifica, a vida de Jesus é durante este periodo do calendario recordada em todas as suas faces e aspectos, em toda a grandeza do seu ensinamento, em toda a magnificencia do seu exemplo; e para cada episodio da pregação redemptora e do martyrio soffrido ha commemoração especial ou symbolica. Assim se conserva, se aviva, e se perpetua a lembrança dos factos que consubstanciam os trinta e tres annos de vida do

Christo entre os homens; e assim, atravez dos tempos, se renova sempre vivida, sempre vibrante, a mais profunda revolução moral que tem convulcionado a humanidade.

Ao cabo de dezanove seculos, o christianismo apresenta ainda o caracter de religião definitiva, universal e eterna: o direito, commum de todos, de participar do reino de Deus, logar para os simples do coração e para os humildes de nascimento, nivelladora doutrina, foi proclamado por Jesus com tão intensa energia na lucidez das suas maximas, com tão suggestiva eloquencia na simplicidade adoravel das suas parabolhas, que a consciencia livre formou nm novo poder, uma nova moral, a primeira victoria do sentimento popular sobre a organização despotica das sociedades constituídas pela força e



pelo egoismo. Em nossos dias ainda, os sonhos de organização ideal da sociedade teem tanta analogia com as aspirações das primitivas seitas christãs que parecem ser novas florescencias da mesma idéa fecunda e santa.

Na época de Jesus, o templo de Jerusalem acabára de se edificar; as obras exteriores, as construcções accessorias ainda não tinham sido completamente terminadas. O vasto recinto sagrado apresentava um aspecto imponente, grandioso, pela belleza dos materiaes e pela execução perfeita dos lavo- res. Herodes, que transformára Jerusalem n'uma das mais soberbas cidades do oriente, mandára proceder á reconstrucção do templo, vinte ou vinte e um annos antes da era christã, com o fim de harmonisar a sua magnificencia com a dos outros edificios. Os pateos interiores, os vestibulos e os porticos do templo abrigavam durante o dia uma multidão variegada e afadigosa, porque aquelle largo espaço servia a um tempo de *forum*, de tribunal, de universidade ou escola, e de templo. Concen-

trava-se alli a actividade intellectual da nação judaica; alli se travavam as discussões miudas, interpretativas, das escolas religiosas; alli se dispensava o ensino canonico, e se exercia a profissão sacerdotal; como alli se debatiam os processos e se julgavam as causas civis, n'um constante movimento mesclado, semelhante ao de uma mesquita musulmana.

Jesus, durante a sua estada em Jerusalem, passava os dias no templo; escolhia de preferencia o portico de Salomão, que dominava o valle do Cédron. O portico era composto de duas galerias formadas por tres ordens de columnas e cobertas de um tecto de madeira esculpida. Era alli que Jesus passeava habi-

tualmente, conversava com os seus discipulos, ensinava a sua doutrina, toda plena de resignada serenidade, toda entretecida de caridade e de perdão.

A imaginação artistica ou piedosa pode reconstituir o quadro. A antiguidade não nos transmittiu imagem alguma authentica de Jesus; e os mestres da pintura poderam assim, ao sabor das suas tendencias mysticas ou realistas, segundo as épocas, conforme a intensidade da sua fé ou a sensibilidade do seu

genio, fornecer uma variedade infinita de cabeças do Salvador, poderosamente expressivas, por vezes sublimemente ideaes, procurando resumir no olhar penetrante, no sorriso doce, na belleza masculina ou na torturada physionomia, a ideal representação do Deus que se fez homem, ao contrario da arte pagã, na qual era o homem que pelas suas qualidades ou pelos seus meritos se divinisa- va nos mythos e nas lendas symbolicas.

Assim podem tambem todos recompôr, na visão intima da phantasia, o grupo de Jesus e dos seus Galileus predilectos, entre as columnas do soberbo portico,

quasi perdidos na multidão, modestamente postos á parte, attentos apenas aos ensinamentos do Mestre, d'onde havia de irradiar pelo mundo a luz intensa da verdade, atravez dos tempos e dos espaços, como a onda luminosa d'uma estrella que leva milhões d'annos a chegar á terra, e que todavia sensibilisa a retina com a formosura da sua scintillação.

O quadro, representando a figura do Salvador, com o globo nas mãos, escolhido para illustração d'este artigo, e attribuido a um dos mais afamados pinceis da escola boloneza, tenta representar Christo na sua feição especial de educador sublime, doutrinario eloquente e persuasivo, alma cheia de



O SALVADOR — QUADRO DE GUIDO RENI  
SEculo XVII



energia vibrante, espirito severo para as hypocrisias do mundo, implacavel para com os poderosos da terra, desprendido das riquezas e das vaidades sociaes, promettendo o reino do ceu aos humildes e aos despresiveis. E não é menos empolgante este aspecto da vida de Jesus, revolucionando a sociedade, elevando a moral universal; não menos suggestivo é este contraste extranho com a doçura soffredora e pacifica que inspirava a sua palavra sublime n'uma doutrina de caridade ineffavel.

No templo, um espectáculo pouco edificante se offercia á contemplação concentrada de Jesus. As festas da Paschoa atrahiam á cidade uma affluencia extraordinaria de peregrinos e devotos. Essa multidão convergia ao templo. O serviço do culto judaico conduzia a minudencias repugnantes ao lucido espirito do Mestre, implicava principalmente uma serie de operações mercantis que tinham obrigado a abertura de verdadeiras lojas dentro do recinto sagrado. Alli se vendiam os animaes para os sacrificios; alli se faziam em mezas de cambistas as permutas de moeda, necessarias ás transacções; ali se debatiam preços, negociações e interesses pecuniarios a proposito do culto. O templo tomava o aspecto de bazar. Era irreverente o manejo das cousas santas; a casa de oração transformára-se, no seu dizer rudemente severo, em caverna de ladrões.

A sensibilidade meticulosa, a delicadeza sentimental, o escrupulo susceptivel de Jesus soffria com aquelles aspectos uma angustiosa impressão. Um dia, o seu coração, aberto a todos os perdões, não supportou as irreverencias, e para consubstanciar n'um só acto de energia extranha e grandiosa toda a sua su-

prema revolta contra a hypocrisia immoral que governava impune, deixou transparecer um movimento de colera e de justiça. A chicote, por suas proprias mãos, expulsou os vendilhões do templo, confirmando no seu acto, embora concitando contra si o odio dos dhariseus do templo, dos doutores da lei, poderosos, venaes, epicuristas convictos, a sua lição de verdade, a sua condemnação austera da mentira convencional que preside no mundo, empolga todo o poder, absorve todas as considera-

ções, dispõe das riquezas sociaes, e encobre em reffolhos de hypocrisia o cynismo dos procedimentos intimos.

Elle era o Jesus dos publicanos, o caridoso companheiro dos Galileus simples, o consolador dos Samaritanos desprezados, o julgador sereno, que perdoava a adúltera e rehabilitava a Magdalena, fundindo em exemplos a essencia subtil da sua doutrina redemptora que a todos abria o reino de Deus, segundo a sua propria phrase. Elle era assim, o sublime pregador da boa nova; mas teve a sua suprema revolta e não se esquivou á manifestação d'ella.



MARIA DE MAGDALA — QUADRO DE GUIDO RENI  
SEculo XVII

*Pelo que te digo: que perdoados lhe são seus muitos peccados, porque muito amou.* EVANG. S. LUCAS. CAP. VII, VERS. 47.

Quiz ser profundamente humano na conducta deliberada, e por isso se deixou levar ao arrebatamento colerico, que descobre a paixão interior, em conflicto com a mansidão ingenita de que elle dava a cada passo lição e exemplo, aconselhando o perdão das injurias, a resignação para as desventuras, a obediencia aos designios providenciaes.

Comprehende-se que este acto de dominadora auctoridade dentro do proprio lugar, onde imperava o pharizeismo, accrescentado de todas as outras praticas e desprendimentos das devoções estabelecidas, externas, tradicionaes, tivesse accendido mais o odio ao



reformador Jesus e estimulado a hypocrisia official. A preponderancia dos phariseus era indiscutivel; elles tinham-se por infalliveis e impeccaveis, arrogavam-se o primeiro logar na synagoga, interpretavam em discussões formalistas os textos da antiga lei que por excesso de casuista controversia iam pouco a pouco alterando na sua pureza primitiva. Chegavam a adoptar maneiras, attitudes que os faziam ridiculos perante o povo que os respeitava, mas ao mesmo tempo não os furtava á critica graciosa. O povo creava-lhes alcunhas: havia os phariseus de frente ensanguentada (*kizai*) que caminhavam d'olhos fechados a affectar pudor e receio das mulheres, batiam com a cabeça nas paredes e feriam-se propositadamente; havia os cambaios (*nikfi*) que passeavam em ziguezagues, arrastando os pés, a traduzir externamente a tortuosidade da consciencia; havia os curvados (*schikmi*) sob o peso dos preceitos da lei e das devoções, a occultar as censuras intimas da mentira que professavam; havia-os de todas as castas e feitios.

Este rigorismo apparente, occultando um crapuloso relaxamento moral que lavrava n'aquella época entre a aristocracia do templo, offendia sem duvida a sinceridade do grande reformador, que fundava a sua religião mais na pratica do bem do que na observancia de preceitos doutrinaros.

Os phariseus, exagerando as prescripções moysaicas, julgavam-se contaminados pelo contacto de pessoas menos severas do que elles no proceder, e para a comida em common chegaram a distincções pueris que lembravam a separação das castas indianas. Jesus, ao contrario, desprezando aquellas preversões de sentimento religioso, sentava-se por vezes á meza dos que, se dizia, levavam má vida; e, quando os escribas, doutores de

lei, escrupulosos lhe exproavam o facto, elle respondia-lhes na sua phrase imaginosa: — Não é o são que precisa de medico. E assim, Jesus vivia entre o povo, n'uma evangelisação despreoccupada e alegre, encantando os corações simples que ao vel-o affavel, sem orgulho, sempre bondoso, se aproximavam confiados, ouviam a sua palavra e o seu ensino, seguiam-o fascinados, sentiam-se felizes da sua rehabilitação social.

Comprehende-se que antagonismo irritante se formaria entre aquella sociedade e o humilde Nazareno, que ousava expulsar os vendilhões do templo, e das discussões havidas, das controversias successivas dão noticia larga os Evangelhos. E' combatendo os escribas e os phariseus hypocritas que mais forte, luminosa e severa se apresenta a eloquencia do Mestre; como ao contrario na desculpa dos miseraveis e dos ignorantes, na protecção aos pobres, na rehabilitação dos peccadores arrependidos se reconhece a idealidade do seu pensamento e a superioridade da sua doutrina.

Accentuando para relembrar a vida do melhor amigo do povo, o acto energico de suprema revolta contra o mercantilismo das acções humanas e contra a oppressão disfarçada dos poderosos, melhor se destaca, em relevo soberbo, a acção benefica, divina, infinitamente intensa que o Christo veio exercer no destino da humanidade.

Reconhece-se como são tão productivas as sementes de verdade de que falla o Evangelho, que ainda hoje se veem reflorir primaveras; e apenas se lastima que a terra seja tão ingrata ao trabalho e ao amanho que as não deixe fructificar prodigamente, apesar da lavra profunda com que a sulcou a mais admiravel revolução popular de que ha memoria.





# De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

## CAPITULO I

### Porto Said — O canal de Suez — O mar Vermelho

**A**VIAGEM, de mez inteiro, entre Lisboa e Moçambique pelo canal de Suez seria intoleravelmente fastidiosa para quem gosta de que os dias se succedam sem se parecerem, se os portos de escala a não fragmentassem em passeios maritimos, entretidos pelas recordações do que se viu e pela expectativa do que se ha de ver. Nos tres dias de ininterruptas rotações do helice que separam o estreito de Messina de Porto-Said, o Mediterraneo só proporciona ao appetite artistico do viajante uma vista das montanhas asperas de Creta esboçada a pinceladas de fumo, mas o espirito saboreia e assimila as impressões do panorama capitoso d'esse passo que os antigos infamaram com os terrores de Scylla e Carybdis, e estimula-se com os portentos, que não tardará a gosar, da obra titanica com que Lesseps assoberbou as pyramides de Giseh e as ruinas de Karnak.

O canal de Suez, que, além de ser maravilha do seculo, é addito do mundo oriental, desperta tão vivamente a paixão humana pela novidade e pelo grandioso, que ainda os paquetes navegam nas aguas azues escuras das grandes profundidades e já os passageiros, agrupados nas amuradas, apontando com o dêdo, assestando lentes, fazendo pala com a mão estendida sobre os olhos, discutem se é costa longinqua a esbatida barra de vapores que encinzeira o horizonte, se é boia o casco de batel que a espaços negreja levantado pela arfagem dos seios do mar. Quando, afinal, principia de salientar-se, n'uma linha indecisa de que se desconfia que já não é agua, um vulto esbranquiçado que tanto pôde ser torre de pharol, como vela de embarcação, como illusão da vista, corre por todo o navio um alvoroço communicativo, surgem das camaras os enjoados esfregando as palpebras empapuçadas, assomam ás gaiutas rostos enfarruscados de fogueiros e chegadores com olhos lampejantes, e parece mais animado e impaciente o proprio resfolegar da machina. E', não é, consulta-se o ponto, lê-se o mostrador da barquinha, fazem-se calculos mentaes de distancia e velocidade, voltam-se

todas as vistas para a ponte, onde o comandante sonda o espaço com o oculo fito e o timoneiro faz girar a roda do leme sem olhar para a agulha. Agora! Agora! aquella scintillação furtiva foi um raio de sol, reflectido pelos vidros do lanternim, que o navio apanhou n'uma guinada. Porto-Said! Porto-Said! O vulto entrevisto vae reforçando os contornos e crescendo em altura, já se percebe, na base d'uma nebulosidade, a mancha pallida da costa baixa e arenosa; o mar esverdeia-se; alvejam rebentações distantes; vêem gaivotas em bandos mergulhar na esteira do paquete; a bordo levantam-se os encerados das escotilhas, desenrolam-se correntes de ferro dos braços herculeos dos guinchos, trasteja o *immediato*, silvam apitos, e as gentes de prôa surgem no convez, encarreadas como formigas. Porto-Said! Porto-Said! Lá estão massiços de telhados vermelhos e terraços cinzentos, d'entre cujas arestas esquadradas rompem topes de mastros com flammulas multicolores; distinguem-se verduras de arvoredos entremeando branqueamentos de edificios, relevos de casaria retintos de luz e sombra, grimpas, um minarete, chaminés que ejalucam nuvens e vidraças que espelham sol; para além, a perder de vista, espraia-se um areal amarello, retalhado, listrado, mosqueado, sulcado por aguas de anil. Porto-Said! Porto-Said! Os passageiros vozeiam alegremente enxameando na tolda, e preparam-se para o desembarque; os porões abertos derramam pelo convez fardos e saccarias, rangem de continuo os gualdropes do leme, á pôpa desfralda-se magestosa a bandeira, trepam signaes matizados pelos mastareus acima, abrem-se os portalós, vibram os telephones de commando, passa-se pelo pharol que foi advinhado ainda antes de ser visto, costeia-se um molhe, e o paquete, lento, cauteloso, serpenteia pelos meandros d'uma frota fundeada e vae largar ferro deante d'um extenso caes orlado de edificios pintalgados, cobertos desde os alicerces até ás platibandas com mirabolantes taboletas. Porto-Said! Porto-Said!

Quem se acostumou a associar á idéa de



porto a da vastidão do estuario do Tejo, só concede honras de doca á bacia que, do lado da Europa, remata o canal de Suez. Os navios precisam arrumar-se n'ella como espectadores n'uma plateia, com os cotovêlos em contacto, e amarrar-se de pôpa e prôa para não terem o capricho subversivo de girar sobre a amarra. No fundo d'essa bacia de aguas turvas abre-se a entrada do canal, e

rompem apinham-se rebocadores e jangadas, dragas e batelões, fundindo as formas em grupamentos escuros. Os carvoeiros e os vapores que se demoram para concertos fundeiam a par, com a pôpa virada contra essa margem, os que vão de passagem estendem-se em filas paralelas ao eixo longitudinal do porto, dando o costado ao caes. e tão perto d'elle que deitam cabos para terra. Por entre



No CONVEZ

as suas bordas são formadas, d'uma parte pela linha dos caes da cidade, da outra por ilhotas e restingas, de topographia confusa, que a dividem, mas creio que a não isolam, do lago Menzaleh, porque são intervalladas por esteiros e canaes. Sobre esses rôtos tabiques de areia coberta por espessas camadas de carvão assentam-se officinas, armazens, depositos de combustivel, e nas calas que os

uns e outros perpassam incessantemente possantes *tugs* roncadores e ageis escaleres golfando fumo branco, arrastam-se jangadas e batelões carregando pilhas geometricas de hulha, enquanto innumeros catraios a remos, pintados de côres vivas, resvalam surrateiros á flôr das aguas lizas transportando passageiros de capacetes de cortiça e chapéus *champion*, que alvejam na solheira. O movimento marítimo é vivo e ruidoso. A toda a hora entra do mar ou larga para o mar, vem do canal ou vae para o canal, algum populoso paquete das carreiras do Oriente ou algum bojudo *cargo-boat* da India ou da Australia, e a cada partida e cada chegada referve no porto a faina intrepida das cargas e descargas, dos embarques e desembarques, espalhando nos ares luminosos as vibrações sonoras de businas, de machinas, baques de fardos, guinchos de moitões, range-duras de amarras, gritas da maruja, algaraviadas de barqueiros.

O desembarque é uma lucta. Na escada do portaló corre-se risco de ser amolgado pela chusma dos vendilhões ambulantes que a tomam de assalto apenas arreada, e em baixo encontra-se o patamar assediado por embarcações atracadas umas ás outras, tantas e tantas que quasi formam um tablado, de peças moveiças, lançado do navio ao caes, que pouco dista. Os seus tripulantes, negros, brancos, pardos, tagarellas



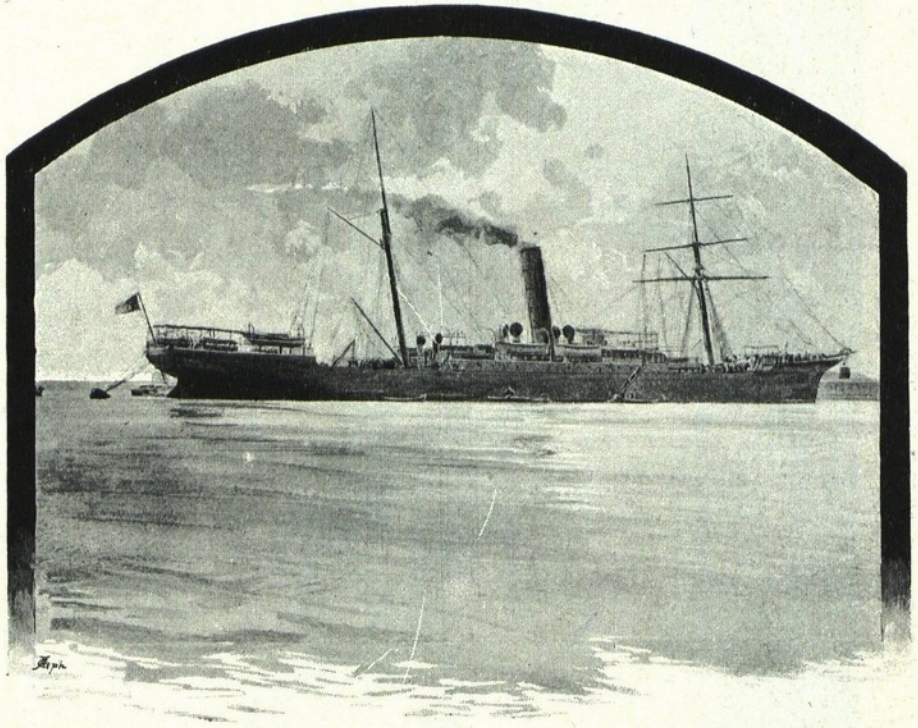
como catraeiros da Ribeira Nova, arrancam o passageiro das mãos uns dos outros, e os que no aperto não conseguem agarral-o, pegam-lhe na bengala, apoderam-se-lhe do paletot, reteem-lhe a mala, para segurarem o freguez, que lá vae, empuxado, tropeçando, meio suspenso, quasi em braços, desequilibrado pelos balanços, cair sobre as almofadas de ramagem d'um bote que não escolheu, enquanto os corsarios, que lograram captival-o, resgatam a poder de descomposturas os refens que outros lhe haviam tomado. Uma duzia de remadas vigorosas levam-no a uma pequena rampa boiante de madeira, e elle atira aos barqueiros com alguma moeda de prata de qualquer paiz; mas é raro que os galfarros não

peçam mais, com loquacidade e mimica expressivas quando não ameaçadoras, se não intervem espáduados policias de azeviche com a auctoridade prestigiosa das chibatas que empunham. O forasteiro fica então disponível para ser prêado por outros ganhões. Ainda não deu dois passos na areia solta da avenida do caes e já tem filado a cada pé um gaiaito arabe a engraijar-lhe as botas, enquanto um grupo de judeus, maltezes, fellahs, aproveitando a paragem forçada, lhe mettem á cara, debaixo do braço, nas algibeiras, caixas de *turkish delight*, bengalas que se armam em cachimbos, ou rolos de photographias pornographicas.

Os engraiadores infantis de Porto-Said — e de todo o Egypto, — devem de ter afinidades ethnicas com a praga biblica dos gafanhotos. Estão emboscados a cada esquina, acorados á porta de cada loja, e seguem o transeunte como a sombra, espreitando ensejo para se lhe lançarem aos pés. Têm a importância das varejeiras, e lustram um par de pés com a instantaneidade com que a vespa crava o ferrão. Pára-se a perguntar a um amigo como passou, e ainda se lhe não deram recados para a familia já um engraiador minuscuro, de bonnet na mão, pede a

gorgeta em mau francez por ter limpo o calçado, quasi sem se sentir. Que as botas estejam ou não enlameadas, estejam ou não empoeiradas, pouco importa aos diligentes artistas: são capazes de engraijar a propria graixa. E é tal a mania de engraijar, que os crentes que se descalçam, segundo os preceitos mussulmanos, para entrar na mesquita, á saída encontram luzidio como polimento o calçado que deixaram á porta entregue aos cuidados, não d'um andador ou *suisso*, mas de um engraiador, que não sei se é pago pela commuidade, se engraija de graça em louvor de Allah e do propheta.

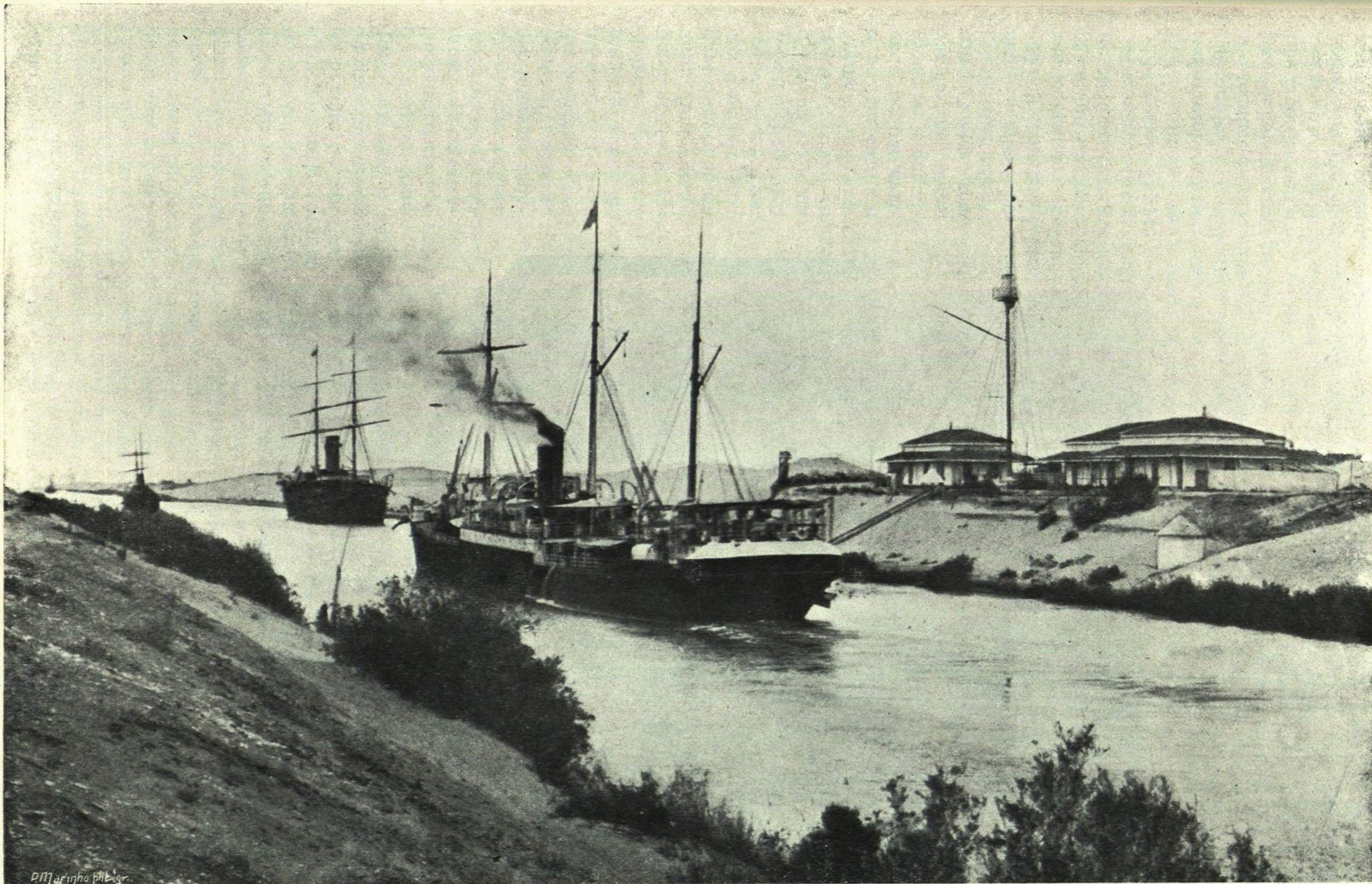
E', pois, com pés reluzentes que o estrangeiro pisa o leito arenoso e os passeios arga-



O PAQUETE «MOÇAMBIQUE» DA MALA REAL PORTUGUEZA, EM PORTO SAID

massados das ruas de Porto-Said, a cidade mais cosmopolita do orbe terraqueo, pois que nem se sabe ao certo em que parte do mundo é situada, e a sua população compõe-se de contingentes de todas as raças e todas as nacionalidades humanas. Egyptia é que ella é menos. O paiz classico dos pharaohs só contribuiu para a sua formação com o sol, a areia e alguns fellahs. Nem palmeiras lhe deu para o scenario: em Lisboa ha mais. Debalde se procurarão nas suas ruas, arremedos, que seja, ou simples reminiscencias da architectura do Luqsor ou do Rhamesseum, linhas de pyramides, perfis de obeliscos, relevos de folhas de lodão, desenhos de esphinges, tradições dos Krufus ou dos Lagidas: até os edificios publicos se desnacionalisaram no estylo nas dimensões, na structura, nos materiaes,





O CANAL DE SUEZ



O proprio typo mais banal e elementar de construcções domesticas intertropicaes, commum á Asia e á Africa, está escassamente representado, e só nos bairros interiores, por algumas casas chatas e massiças de alvenaria, furadas sem symetria por janellas quadradas, pequenas por isso que a luz é calor, sobrepujadas por terraços que recolhem as aguas das chuvas, e assentes em arcadas que dão sombra ás lojas e offerecem abrigo aos viandantes. Fóra d'estes excerptos inartisticos do Oriente, os edificios são essencialmente europeus, apenas adaptados ás altas temperaturas reinantes. As janellas de cada pavimento — e ha predios com seis e sete, — abrem para uma larga varanda ou galeria de madeira corrida e gradeada, que faz alpendre á do pavimento inferior, sendo a varanda mais alta coberta, de ordinario, por um telheiro ou prolongamento do beiral; e toda essa armação exterior, destinada a impedir que as chapadas do sol aqueçam as paredes e a fazer girar correntes de ar em volta dos aposentos, é ligada e amparada por vigas a prumo, erguidas a espaços eguaes do chão á cobertura. As frontarias usam côres variegadas, sim, mas sempre mortas, e o que lhes dá um aspecto vivo e uma nota oriental são os toldos e os *stores*, de tela ou de palha, listrados ou floreados, corridos nas janellas, pendentes entre os prumos das varandas, armados sobre as portas dos estabelecimentos, que como que as empavezam vistosamente d'alto a baixo, ondulando com as virações e fazendo kaleidoscopos com as taboletas gigantes, que, enfileiradas desde as lojas até aos sotãos, apregoam que Porto-Said é principalmente um bazar.

Porto-Said fez-se para abastecer navios e explorar estrangeiros, e em tudo se ageitou a estes fins especulativos. E' menos uma cidade para habitantes do que uma cidade para hospedes ephemeros. Escasseam-lhe, portanto, os confortos, os recreios, os meios de satisfação de necessidades materiaes e moraes, com que se dotam as grandes povoações organisadas para se viver e morrer n'ellas. Passeios, além dos que ás margens das ruas obrigam os transeuntes a passarem rentes com os mostradores das lojas e a sujeitarem-se ás suas tentações, ha só areaes pulverisados pelo piso e impregnados de liquidos organicos. Os armazens e as hospedarias não deixaram espaço senão para uma praça, a de Lesseps, que contrasta pelo acanhamento com a vastidão das concepções do grande engenheiro, e onde um arvoredado rachitico, de folhagem amarellenta, espreita, debruçado, se ha alguma gotta d'agua no fundo do tanque central, sobre cujas bordas

se armou um coreto, talvez na ideia de regar o jardim com ondas sonoras. Templos, que os erigisse quem tivesse vagares para rezas: de feito, algumas commuidades têm construido modestas capellas para os seus cultos. Não sei se tambem é particular a mesquita, que, entre os bairros europeu e indigena, levanta para o ceu o unico minarete que se avista do mar; mas essa mesma, apesar de consagrada á religião do estado, é pobre e sem caracter. De theatros não precisam os habitantes, só attentos aos espectaculos do porto, representados pelos navios que lhes levam dinheiro; e os viajantes contentam-se com os *casinos*, onde ao mesmo tempo se exercem muitas artes bellas e feias, desde a arte de cosinha até a de furto, sem esquecer a de amar, praticada por mestres menos requintados, mas tambem menos prolixos, do que Ovidio.

Esses *casinos* — dois conheço eu, — são vastos botequins de entrada franca, que justificam as suas pretensões á respeitabilidade de casas de espectaculo e salões de musica arrumando a uma parede um palco scenico para *chansonnettes*, e disfarçam a sua indole viciosa de tavolagens escondendo n'um cubiculo, ou cobrindo com biombos e cortinados, as roletas e as mezas do *baccarat*.

Dão concertos a toda a hora. Se um magote de passageiros de paquete recémfundado, com apparencia de exploraveis, abancam e pedem coisas caras, apparece logo uma *troupe* de *damas viennenses* ou *hungaras* sobraçando violinos, flautas, violoncellos, requintas, grupa-se n'um estrado, e executa o hymno nacional dos consumidores, sem lhes ter perguntado pela nacionalidade. Segue-se um repertorio de valsas e *pot-pourris*, com acompanhamento mudo de olhadellas e sorrisos. De quando em quando, — muito a miude, — uma das executantes, e nunca a mesma duas vezes, percorre as mezas colhendo offertas e retribuindo-as com phrases e requebros, de suavidade porporcionada ao valor da moeda que tiniu na bandeja; e como são novas e ás vezes bonitas, as colheitas costumam ser copiosas, pelo menos quando os colhidos são portuguezes com dez ou doze dias de viagem pelos mares cheios de sol. Têm feito victimas, essas concertistas de Porto-Said, entre os nossos compatriotas, porque á volta d'África não ha cabellos louros que não pareçam um resplendor de formosura.

Estes honrados estabelecimentos, e a propria cidade, decahiram muito desde que foi permittido navegar de noite pelo canal, com o auxilio da luz electrica.

Quando os navios que entravam ao des-



cahir do dia tinham de passar a noite fundeados no porto, então sim, que eram bons tempos! Enchiam-se os *casinos* de multidões variiegadas, em cujo apertão o inglez se deixava acotovelar pelo indio e o mouro comia á mesma meza que o judeu; cogulavam-se as bandejas das concertistas de moedas de ouro de todos os cunhos, aquecidas pellas mãos que as largavam como promessas; en-sopava-se em espuma de Champagne a serradura do chão; cobria-se de libras o panno verde da meza da roleta. e os hoteis sabiam

com os pizzicatos dãs viennenses vê Porto-Said em meia hora. Aluga um trem de praça, que só deferirá das tipoias do largo do Camões ou do Corpo Santo por ser guiado por um cocheiro de *fez* ou de cabaia, percorre as ruas principaes tendo por unica distracção a variedade dos trajes e dos typos dos transeuntes, dá volta á praça de Lesseps, visita a mesquita, onde, em vez de se descalçar, calça a mais um sapatões de esparto, que lhe alugam para prova de que tambem ha faceis e baratos *accomodements* com o Islam, e vae



PORTO-SAID

chronicas mordentes de aventuras boccacianas. Agora, porém, os paquetes chegam e largam quasi sempre á claridade do dia, que sempre fez piscar os olhos dos Bazans e dos Tenorios, e, para cumulo de desgraça, a policia prohibiu o jogo ás escancaras. Era feroz, segundo dizem. N'um dos casinos vi eu ainda os espelhos em hastilhas, rachadas as pedras das mezas, escalavrados os estuques, por uma batalha de jogadores em que se tinham brandido punhaes e disparado revolvers. Ultimamente a jogatina tomára disfarces innocentes e infantis: apostava-se pelos cavallinhos de manivella.

O passageiro que não fica embevecido

dar uma vista d'olhos ao bairro indigena, montão de casebres e pardieiros, muitos d'elles de simples e toscas taboas, atravessado por uma larga avenida em que desemboccam estreitas viellas, e caracterizado por essa immundicie sordida e abjecta, que é a realidade mais tangivel e mais olfactiva do Oriente das *Mil e uma noites*. A civilisação moderna pode cortar o isthmo de Suez; o que ella porém, não conseguiu foi lavar a miseria asquerosa dos mussulmanos, que logo acampam á margem do canal.

A vil ociosidade em que apodrece uma numerosa parcella dos habitantes crentes de Porto-Said, apesar das suggestões laboriosas



da actividade européa, sustenta no bairro indigena botequins sem conto, installados em baiucas acanhadas, que lembrariam as barracas de *peixe-frito* das nossas feiras se fossem cobertas de lona, sempre cheias de matulões com catadura de bandidos, que fumam, palram ou dormem acorados ou estatelados sobre esteiras estrompadas e toscos bancos de pau. Tambem ás portas das moradias, nas ourelas de sombra das ruas alagadas de sol, preguiçam no chão, que já tem covas dos corpos, ou em canapés encebados pela laseira de muitas gerações. Abrahões vadios de intonsas barbas ennastradas com espiraes brancas de fumo de tabaco; e por entre os seus grupos estaticos brincam ranchadas de creanças, nuas ou mal cobertas por longas camisas côr da sujidade, de magras carnes tostadas, desaffogando a alacridade infantil em guinchos de maçaricos a foliarem na praia.

As mulheres é que mourejam. Encontram-se por toda a parte, morosas, com um dolente aspecto de passividade, acarretando agua á cabeça ou ao hombro, levando embrulhos, vendendo em ceiras circulares fructas, bolos, frituras, gulodices reles, que são como a alcomonia ou o burrié da nossa terra. Só se conhece, porém, que são mulheres por se saber que os orientaes escondem as femeas. Parecem antes farricôcos descalços de procissão de penitencia. Não teem fórmãs, a não ser as de saccos cheios, movidos lentamente por parellhas de pés nus. Tunicas de muita roda descidas até aos tornozellos, mantéus lançados sobre os hombros e a cabeça e aconchegados ao tronco, tentam persuadir a sensualidade avulsa de que ellas são feitas d'uma só peça, como as estatuas do velho Egypto, sem braços soltos que possam formar collares de amor: do rosto só lhes apparecem os olhos, a luzirem por entre as duas peças da mascara, presas uma á outra por um pedaço de bambú com anilhas de metal, fixo entre os sobreolhos e sobre a linha do nariz. Tunica, manto, viseira, tudo é negro, como são negras as pupillas

que scintillam atravez das frinchas do bioco, e como deve ser negra a vida das pobres creaturas, a quem o despotismo do ciume priva do mais innato prazer feminino, o de inspirar desejos. Não sei, e nunca tive curiosidade de saber, o que se esconde dentro d'aquellas trouxas ambulantes; mas desconfio de que, ao menos n'aquella pousada offerecida aos vicios europeus, nem o koran, nem legiões de Othellos, nem todos os patriarchas islamitas impediriam que as trouxas se desentrouxassem, se costumassem encerrar Cleopatras.

A' volta do bairro indigena, o viajante vae inevitavelmente gastar tempo — e di-



PORTO SAID — A PRAÇA DE LESSEPS

nheiro, — á *Rua do Commercio*, a mais característica e movimentada da cidade, onde a cada hora apontam e se espalham ranchadas de passageiros desembarcados dos paquetes.

Essas ranchadas offerecem a si proprias themas variados para albuns de costumes e de caricaturas.

Anima-as o prazer que tem o viajante sentindo-se desconhecido entre desconhecidos; usam soffregamente, e até abusam, da liberdade, que lhes dá o anonymato, para fazerem coisas que *pareceriam mal* nas suas terras. O sizudo commerciante, que o seu arruamento nunca viu sem chapéu alto, permite-se a estroinice de saltar em terra de *casquette* de quadrados; a loira *miss*, educada no santo temor do *shocking*, descobre que as laranjas são mais gostosas descascadas á



mão e chupadas sob o arvoredado d'uma praça; o official allemão enthusiasma-se percebendo que tem no seu organismo engonços que lhe permitem sentar-se no limiar de uma porta; os portuguezes atrevem-se a

cendo e gabando as suas mercadorias. Sabem de todas as linguas do mundo, as palavras e as phrases indispensaveis para esta agencia importuna, e possuem um sentido especial para conhecer a nacionalidade do desejado fre-



MULHER EGYPCIA

fallar alto nos passeios. Ha notas pictorescas nos vestuarios, um á vontade expansivo nos movimentos, jovialidade nas physionomias, e não raras exhibições de typos humanos pertencentes a essa variedade ethnica que se póde denominar *homo viator*, porque só apparece em viagens de longo curso.

Os lojistas estão sempre ás portas esperando estas caravanas, e assaltam-nas na rua offe-

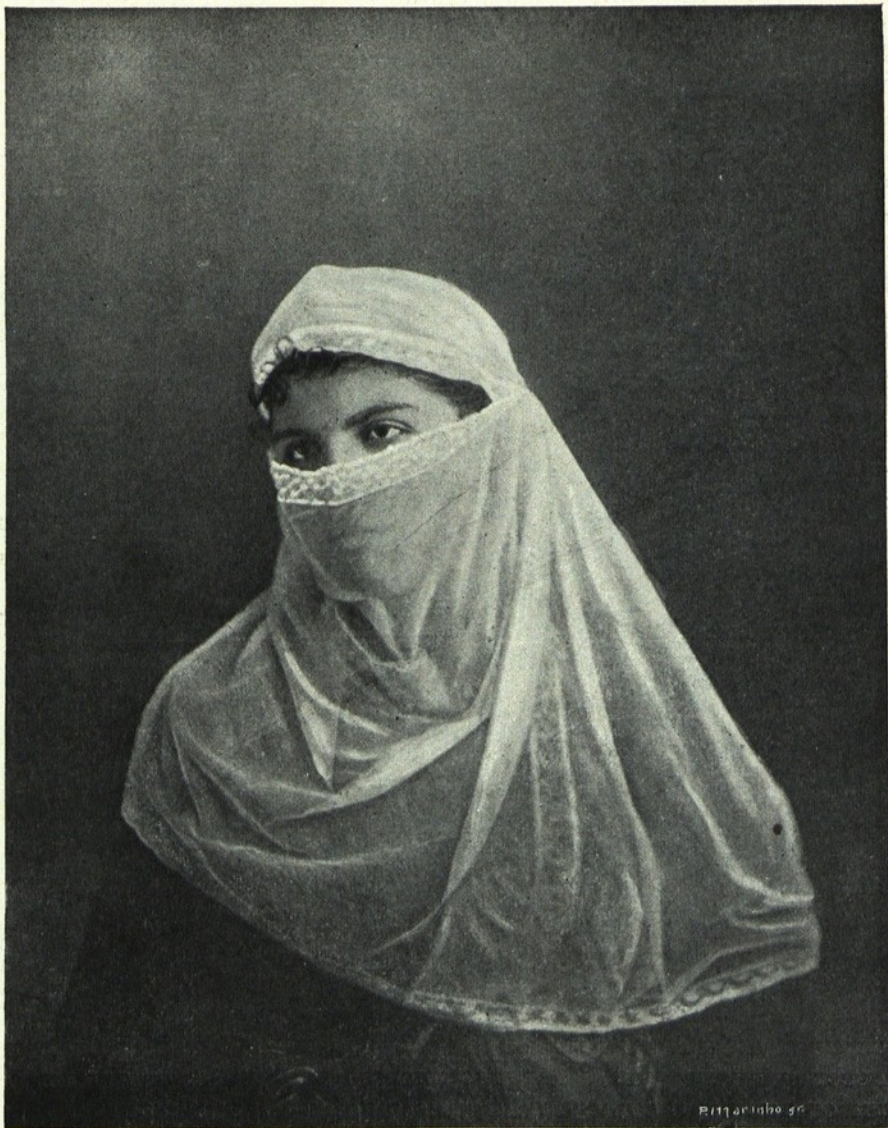
guez, e outro para calcular o dinheiro que elle traz no bolso. Vendem de tudo. Um Adão que entrar por uma porta d'aquelle grande armazem ali da esquina, poderá sahir por outra, ao cabo de poucos minutos, vestido, calçado, de chapéu sobre a orelha, bengala na mão enluvada, charuto ao canto da bôcca, flôr na botoeira. As franquias do porto e concorrência mercantil permitem comprar barato, uma vez que se não dê senão a decima parte do que pedir o vendedor. A especialidade da *Rua do Commercio* e a *attraction* dos viajantes são, porém, as bugigangas, o *bric-à-brac*, os artigos de luxo e phantasia, de fabrico mais ou menos authenticamente oriental, que ali se offerecem para lembranças á familia. O sortimento é variado. Lá vem um maltez inculcar leques de varetas de sandalo ou madreperôla com plumagem frisada de avestruz, ou ventarolas chinezas de figuras de cartão vestidas de setim: — preços modicos, assevera elle. Aquella loja só vende delicadas rendas de Malta, que o lojista explica serem lavradas pelas monjas da ilha; mas,

logo adiante, M.<sup>me</sup> Fioravanti, uma italiana de busto de prateleira e ademanos magestáticos, tem exposições estonteadoras de pratos e aparelhos de louça da China, bronzes e simili-bronzes do Japão, *stores* diaphanos, subtis reposteiros de fios de contas e varinhas, charões da India, almofadas, colchas e biombos de seda bordados a matiz e ouro em desenhos pantafaçados, coraes de Napoles, ou-



rivesaria de Ceylão, e... offerece-se para fazer estampar por artistas japonezes o retrato do freguez, em pannos de leques, ou papeis de paredes, ou transparentes de janelas. O fumista pode colleccionar cachimbos de todos os typos, desde o amarujado *brule-gueule* de gesso branco até a gorgolejante jarra que esfria o fumo em agua perfumada, e surtir-se d'uma infinita variedade de tabacos louros, marcados com caracteres enigmaticos nos pacotes e nas mortalhas. Os gulosos devem tratar de se entender com uns turcos côr de alfelo, que apre-goam uma pasta doce e gommosa, cortada em pedacinhos, que sabe a essencia de rosas ou de limão. As pennas de avestruz começam ali a apparecer, atadas em feixes de quatro e resguardadas em canudos de folha de Flandres, e os braceletes e os alfinetes de gravata, feitos de medalhões imitando moedas orientaes, são recordações de Porto-Said ao alcance das ternuras proletarias de marinheiros e soldados. O viajante não levou moeda acreditada no mercado para fazer as suas compras? Está prevista a hypothese. A cada canto ha um cambista, como ha em Lisboa um kiosque d'agua fresca, que hon-

parte do preço que pediram á chegada, e vendendo geralmente os *monos* das lojas, cousas encebadas das mãos, amassadas das trouxas, desbotadas pelo sol. E' preciso quasi dar-lhes pancada, para não lhes dar dinheiro. A primeira vez que passei em Porto-Said, quando voltei ao *Rei de Portugal* en-



MULHER EGYPCIA

rará, inclusivamente, a firma do sr. Cunha estampada nas cédulas da nossa casa da moeda.

Não é facil fugir dos bazareiros da rua do Commercio, e quando se regressa a bordo, sobraçando embrulhos de côres vivas, escoltado por caixeiros e carregadores ajouçados com trouxas e caixas, tambem a bordo se soffrem novas tentações, novos assaltos, novas espremiduras. Se o viajante é a azeitona d'aquelle lagar! No convez, ao longo das amuradas, improvisam-se feiras, e bandos de vendilhões ambulantes infestam todo o navio, importunos, pegajosos, aladroados, vendendo á hora da partida pela quarta

contrei as irmãs das missões, minhas companheiras de viagem, accommettidas, assediadas, torturadas por um bando de judeus, que as julgavam obrigadas pelo habito a fornecerem-se copiosamente de objectos de devoção... christã. Enfiavam-lhes nos braços rosarios feitos de caroços lavrados ou de suppostas azeitonas do monte das Oliveiras; punham-lhes no collo rumas de cartões tendo colladas flôres e hervas seccas dispostas em ramalhetes, corôas e calvarios, que os bufarinheiros juravam por Abraham e Moysés serem colhidas em Jerusalem, em Jerichó ou no valle de Josaphat; e um Mathusalem de



barbaças até ao estomago emprehendêra obrigar as pobres senhoras a substituirem os crucifixos de metal, que usavam pendentes sobre o peito, por outros de madreperola, que o neto de Judas trazia no cabaz. Custou-me a desvenvilhal-as da malta, como sempre custa a qualquer passageiro resistir ás sollicitações dos innumeros vendilhões de photographias, — photographias de Porto-Said, do Canal, do Egypto inteiro, — que ás vezes servem de capa a mercadorias secretas. E' tal a importunidade d'aquella gentalha, ralé de todas as raças e todas as nacionalidades, tamanha a algazarra que fazem apregoando, regateando, altercando, tão incommo-

do o pe-jamento, o apertão, o tumulto que causam no convez, que apesar dos paquetes, em regra, só passarão poucas horas em Porto-Said, os seus viajantes veem levantar ferro com um sentimento de allivio e libertação. Uf!

Dirigido por um piloto, quasi sempre italiano, de casaco azul com botões amarellos e bonnet de marinha, o paquete voga lentamente para o fundo do porto, enfia por entre dois renques de boias vermelhas, que d'antes se accendiam de noite, e mette-se na bocca do canal, aberta entre duas madibulas de areia dentadas por dragas e officinas.

alguns troços, á altura do convez, e ás vezes sobrepujam-n'o e entaipam-n'o; ainda quando são baixos, só descobrem areal, areal a perder de vista, chato, com raras ondulações, amarello, quasi sem manchas de verdura, ou então lençoes azues de agua parada, rotos aqui e além por grenhas hirsutas de juncaes. No primeiro lanço da viagem, a attenção só encontra, em que se detenha, bandos de palmipedes que, lá ao longe, da parte de bombordo, povoam o Menzaleh; quando levantam vôo parecem nuvens, quebradas em ziguezagues, que põem enormes sombras movediças na transparencia do lago; á flôr d'agua, formados em linhas de kilometros,

f a z e m lembrar exercitos dos velhos pharaohs passando pantanos a vau. Chegam a ser uma das curiosidades do Egypto, essas aves do Menzaleh, patos, garças, cegonhas, pelicanos, ibis, que sei eu? tão innumereveis que já um curioso calculou que



PORTO SAID — A RUA DO COMMERCIO

comem por dia 60.000 libras de peixe; mas do canal só se avistam muito fóra do alcance d'um tiro e eu dei-me por feliz podendo distinguir a côr rosada d'um rancho de ibis, que folgazavam n'uma praia, em mergulhos e adejos, á beira de cannaviaes.

Passado o lago, cae-se na monotonia inexoravel do deserto. Os archeologos distinguem, n'umas dunas que se arredondam ao largo, n'uns monticulos que accidentam a planicie, logares historicos, de que sabem os nomes: além era o monte Cassius dos antigos, acolá fica Tallieh, para aquelle lado jazem as ruinas de Tell-es-Semont e de Migdol; mas os profanos encontram mais distracção n'algun raro camello de lã suja e beiços arreganhados que mede ás pernadas a margem do



canal, apinham-se de preferencia ás amuradas para ver passar um fellah montado n'um jumento, e guardam os alvoroços para saudar os navios com que se cruzam no caminho, e as *gares* que, de dez em dez kilometros, representam a Europa e a sua civilização no meio d'aquella barbaria da natureza.

O canal não tem largueza que permita a dois navios navegarem a par no seu fundão, que é marcado em todo elle por duas linhas de pequenas boias piramidaes, bem visiveis umas das outras: se dois navios se encontram, um pára a distancia, encosta-se e atraca á margem para dar pèssagem ao ou-

As *gares*, cuja funcção primaria é regularisar o enorme movimento, amenisam a aspe-resa e a desolação das margens com o seu aspecto garrido e pittoresco. São vastos chalets de telhados vermelhos, com um ar europeu de conforto e elegancia, servidos por curtas pontes-caes de madeira e assinalados pelos alterosos mastros de signaes, com suas enxarcias e gaveas, cujos topes se avistam a kilometros de distancia. Se estas moradias e repartições têm a ventura de lhes correr ao pé a canalisação, a ceu aberto, que desde o Cairo leva as aguas doces do Nilo até Ismaí- lia e quasi até Suez, então os seus habitan-



CANAL DE SUEZ—DRAGA E CASA FLUCTUANTE

tro. Chama-se a isto *garar*. A *garagem* faz-se segundo determinadas regras regulamentares, e é ordenada por meio de signaes, — balões pretos de dia, luzes coradas de noite, — que se içam em mastros semaphoricos erguidos em frente das *gares*; segundo o signal que vê na gare por onde vae passar, assim o piloto prosegue na jornada ou atraca. A's vezes essas parogens são amiudadas e succede serem prolongadas, e d'ellas depende a duração da travessia, cujo tempo medio é de dezoito horas; já a fiz, porém, em pouco mais de doze horas e em perto de quarenta e oito.

tes obrigam às areias asceticas a orgias de vegetação, que escandalisam as dunas da visinhança: atapetam jardins, armam parques minuscuros, e improvisam luxuriosos oasis, que um esfaimado dromedario mastigaria n'uma ração, se não fossem guardados por gradarias e palissadas. Ainda com esse regalo de verdura, que no meio de um deserro adusto refrigera a propria alma, deve de ser bem triste a vida que se móe n'aquelles *gares* n'uma solidão perturbada pelo constante desfilar de gente com que se não pode comunicar! Todavia, das suas janellas abertas irradiam ás vezes para a atmosphaera calida,



echoando gratamente nos ouvidos dos passageiros, vozes fagueiras de alegrias domesticas, melodias de instrumentos, risos e chilreadas de creanças, e nas sombras dos arvores ou nas esplanadas das pontes debuxam-se linhas airosas e flexiveis de mulher. Em toda a parte se pode amar, em toda a parte se pode ser feliz!

Ainda outras habitações, mais desfavorecidas do que essas, marginam a espaços o canal.

O açoramento determinado pelas correntes, e principalmente o constante esbroar das trincheiras arenosas, são combatidos e

menos lusida, descansada e rendosa de que a de chefe de repartição! E, comtudo, deixam ver physionomias risonhas e satisfeitas aos viajantes, que na passagem lhes acenam com os lenços.

Nos espaços enormes em que o grande fosso só offerece á vista as suas margens de amarello torrado, o passageiro tem de se entreter a observar a vaga, o como *macareu*, que segue o navio embatendo rijamente nos taludes, que se vão empedrando agora para resistir a esse embate, ou lendo as taboetas pregadas em estacas, que a um lado dizem a medição do canal em milhas e decimos de

milha e a outro lado em kilometros, para calcular quanto tempo lhe falta para ser restituído á vastidão dos mares. Se é muito feliz, se é favorito do imprevisto e do extraordinario, talvez tenha em cem viagens uma occasião de observar o phenomeno da *miragem*; se, pelo contrario, é d'esses callistos cujo influxo faz avarias nos paquetes em que embarcam, arrisca-se a apanhar uma saltada de *simoun* que o obrigue a fechar-se e a calafetar-se n'algum estajo, para que o não ceguem, asphyxiem e flagellem nuvens de areia impalpavel vibradas por braços de vendavel, ou a ser visitado por uma praga de ga-



GRANDES LAGOS AMARGOS — PHAROL SEPTENTRIONAL

remediados pelo trabalho incançavel de formidaveis dragas, semelhantes na fórmula e no machinismo ás que têm sido empregadas nas obras do porto de Lisboa; o pessoal que dirige essas dragas, e que precisa acompanhá-las nas deslocações constantes, aloja-se perto d'ellas em casas fluctuantes, montadas sobre barcaças que se amarram ás margens. E' preciso vêr mundo para se avaliar a quanto se sujeita, nos paizes onde nenhum trabalho é desdouro, quem quer ganhar honradamente a vida! Sobre essas barcaças, expostas durante a maior parte do anno a uma temperatura de forno, arriscadas ás tempestades d'areia, repassadas pelas exalações humidas do canal, vivem familias cujos chefes, se tivessem nascido em Portugal, antes pediriam esmola do que acceitariam posição

fanhotos, que o não deixem abrir a bôcca sem lh'a atafulharem. Estas são, porém, as aventuras *extra*, de jubileu, que não figuram no programma da travessia; quem não fôr muito ambicioso, não deverá conceber esperança de espectaculos mais phenomenaes do que a passagem, em Kantarah, de alguma caravana da Syria, ou de tormento mais excruciante do que um calor implacavel, um calor de dupla expansão, a do sol e a do areal.

Quando se chega ao lago Timsah festeja-se uma mudança de scenario.

A delgada fita lisa de azul pallido, pontuada pelas manchas das boias, faz-se subitamente vasto lençol encrespado, tinto em anil, com uma ourela verde tecida de arvores, juncos e cannaviaes. Interromperam-se as areias soltas; o geologo descobre, a leste,



montículos de calcareo, e o engenheiro observa que a construção teve, n'aquellas paragens, de atacar terrenos duros, abrindo n'elles trincheiras de dezeseis metros de altura. Sobre uma d'essas trincheiras elevadas, ainda hoje campeiam, *memorandum* triste da inconsciencia da fortuna humana, a granja de Lesseps, d'onde a imperatriz Eugenia assistiu ao desfilar da frota cosmopolita que inaugurou o canal. Lesseps é hoje um infamado, a imperatriz nem é mãe, e a casa acompanha essas decadencias desabando a pedaços.

O lago Timsah foi destinado para porto interior, e na sua margem de noroeste edificou-se Ismaília, ligada ao Cairo por um canal de agua doce e uma linha ferrea, toldada por arvoredos, alfombrada por jardins, guarnecida de caes e nobilitada com um palacio do khediva; mas as pompas do nascimento e as glorias da padrinagem não lhe seguraram as venturas e as prosperidades, com que só o commercio poderia dotal-a. Está em pleno descachimento. Quem passa pelo canal não a vê; apenas descobre os tons viçosos dos seus arredores, e só percebe a existencia de uma povoação á margem do lago, porque as suas aguas são a miude cortadas por embarcações de pesca e de carga, de velas amarellentas desdobradas em compridas vergas flexiveis.

Durante a travessia do Timsah, que dura horas e cujo rumo é marcado por boias, os navios emancipam-se do preceito de conservação do canal que lhes restringe a velocidade a um maximo de seis milhas por hora; pôdem navegar a todo o vapor, e aproveitam-se da liberdade correndo á porfia por aquella largueza, como rapazio traquinas á sahida da escola. Os pulmões dilatam-se para receber as correntes d'ar deslocado, e os espiritos reconfortam-se com a sensação do espaço.

Essas saudaveis correrias recommencam depois de se ter percorrido, com andamento de

charrua, outra secção do canal, quando se entra nos *Grandes lagos amargos*, mais vastos do que o Timsah, de margens nuas. guarnecidas a oeste por uma trincheira de collinas, o Gebel Chebreudet. Ahi, duas torres de pharoes alçadas no meio das aguas, uma vermelha e outra preta, assignalam a derrota aos navegantes, de dia com os seus vultos, de noite com luzes coradas. Os navios precipitam-se na esteira um dos outros, golfando fumaradas negras; depois, os cautelosos pilotos fazem repicar os telephones ordenando *de vagar*, passa-se uma *gare* verdejante e volta-se ao deslizar sorna por entre rampas argilosas, aqui e acolá orladas á



FONTE DE MOYSÉS

flor d'agua por tufos de vegetação. A espaços ferem a vista as scintillações argentinas da agua doce encanada ao longo da margem, e descobre-se um comboio, serpenteando entre as ondulações do terreno e espavorindo com os silvos da locomotiva algum burro branco, parente pobre e desprotegido d'aquelles que, levados para a *Rua do Cairo* da exposição de Paris, tiveram a gloria de dar couces dentro do cerebro do mundo. No sopé dos taludes, em perpetuo risco de resvalarem para o canal, correm garotos arabes, que acompanham os navios durante kilometros e milhas pedindo esmola aos passageiros em desafinada grita, de entre cujos sons inarticulados se destacam algumas palavras francezas: lembram os pequenos mendigos das nossas estradas, que desafiam na carreira



as parelhas das diligencias. De noite, o aspecto do canal deve de ser phantastico para quem o possa gosar de alto, de cima de uma nuvem ou com os olhos de uma aguia. Tanto que escurece, cada navio em marcha accende a immensa lanterna que traz pendente do bico da prôa, e que é provida de uma camara onde se aloja o conductor do aparelho. Os intensos feixes luminosos são dirigidos para a frente, illuminando as boias, e para os lados, espalhando sobre as margens claridades brancas, que ás vezes dão apparencia de montes de neve ás collinas d'areia. Ferida obliquamente pela luz, a agua cobre-se de laminas movediças de prata, accende arco-iris nas rugas e fogos diamantinos nas gotas, veste-se de escamas metallicas, recama-se de phosphorescencias azuladas, e sobre esta estranha variedade de combinações luminosas vae-se correndo de continuo um veu espesso de trevas. Isto de perto. De longe, se a noite é sem lua, cada pharol electrico diffunde no espaço um grande clarão esbatido, que avança como uma nebulose a arrastar-se na terra, e essas manchas lucidas da escuridão profunda avistam-se a distancias enormes, quando o traçado do canal se desvia da linha recta. Passando uns pelos outros, os navios encadeiam-se; navio garado, apaga logo a lanterna e accende um modesto pharolim d'estae; navio sem lanterna, passa a noite fundeadó onde se lhe acabou a luz solar, e os seus passageiros estremunhados devem contar, ao cabo da viagem, que viram passar monstros marinhos com bolidos entre os dentes.

A aproximação de Suez annuncia-se com larga anticipação pelo alto relevo da margem occidental; depois avistam-se terras baixas entremeadas d'aguas e, lá ao longe, na orla de vasta bacia, uma cidade branca e chata, de edificios quadrangulares comprimidos, empenachada por um minarete, a que a perspectiva dá por espaldar uma montanha escura, o Gebel-Ataka. E' a velha Suez, terra genuinamente oriental, segundo dizem, no calor e na immundicie, que Ebers louvou... pelos seus jumentos. A Suez moderna, commercial, européa, estende a casaria nova sobre uma ponta de terra que serve de molhe ao canal, e é debruada por uma avenida em que os renques de arvores copadas estampam a folhagem, nitidamente recortada, na esteira amarella do sol como no cartão de um album de botanica. De bordo vêem-se as horas no relógio de uma torre de presumçosa frecha, lêem-se as taboetas dos hoteis e dos estabelecimentos mercantis, e descortinam-se, para além dos telhados vermelhos, vãos de docas ouriçadas de mastros e

chaminés, e uma nesga de mar cortada por um caminho de ferro. Os paquetes param para desembarcar os pilotos e osapparelhos de luz electrica, e d'essa mesma curta paragem se aproveitam os praguentos vendilhões para virem a bordo, em açodados catraios, offerecer caixas de tamaras, rosarios e adereços de busios. Raramente ha tempo para saltar em terra, o que muito lamentam os estudiosos da archeologia biblica porque aquelles logares, se a tradição não mente, foram theatro da scena capital do Exodo.

Quasi em frente da cidade, na costa asiatica, á sombra de um ramallete de palmeiras, deslisa um manancial d'agua dôce, a que se vinculou o nome de *fonte de Moysés*; e da denominação e situação d'esta fonte deduz o vulgo que foi n'aquella fenda do golfo de Suez que os netos de Abraham passaram a pé enxuto o mar Vermelho, que logo, após enguliu nas ondas o *cavallo e o cavalleiro*, o pharaoh e o seu exercito. Os explicadores de milagres, os criticos perspicazes que sabem sempre reduzir ás proporções de meros phenomenos naturaes as tradições maravilhosas dos povos, accrescentam que a passagem e a submersão, celebradas pelo psalmista como effeitos da protecção e da ira de Jehovah, resultaram singelamente da rapidez com que ali sobem e descem as mares, abonando esta exagese com a sabida aventura de Bonaparte, que, tendo querido passar, creio que sobre a corcova de um camello, da praia africana para a asiatica, já tendo a sorte do perseguidor de Moysés. Parece, porém, que estas tradições e os subsequentes commentarios não têm o minimo pezo scientifico. Burgsch estudou-as a fundo, e desabonou-as. Sustenta-se que em tempos antigos o mar Vermelho, ou o seu braço que tomou o nome de Suez, prolongava-se até ao lago Timsah, tendo sido depois entulhado por areias na extensão de muitos kilometros, embora não tão completamente que não ficassem aguas relativamente profundas n'esse lago e nos Amargos. Sendo assim, é provavel que o littoral onde hoje mana a fonte de Moyses não estivesse então quasi ligado ás praias africanas pelos açoreamentos de que o heroe das Pyramides quiz fazer ponte, e essa probabilidade rebate o unico argumento que se podia invocar para localisar ali a travessia dos Beni-Israel,—o não ser possivel semelhante feito em qualquer outro lugar [do *mar dos juncos*, se o mar assim chamado pela Biblia é o Vermelho, e não apenas o *lago de Sirbon*, como pretendem egyptologos allemães. A *Oyun-Musa* continúa, porém, a ser visitada por devotos



*touristes*, e, se borbotassem em sitio mais accessivel, já se teria descoberto nas suas aguas mirificas virtudes de therapeutica beata.

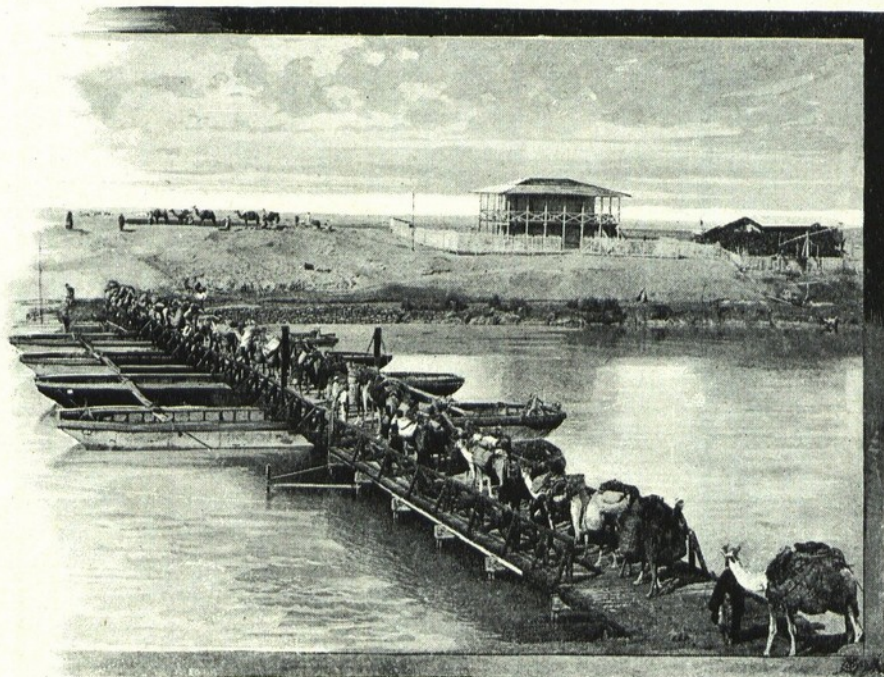
Quando, á sahida do canal, o viajante se consulta sobre as impessões que d'elle recebeu, reconhece que para o achar grandioso precisa fazer calculos mentaes de volumes de terras deslocadas. A sua grandiosidade não se impõe aos sentidos. A vista fere-se de roçar na areia amarella das trincheiras, e o interminavet desdobramento da delgada fita d'agua não dá a percepção das difficuldades de ligar com ella dois mares, atravez de 160 kilometros de areal. O senso artistico, esse sentiu-se offendido pelo contraste das proporções dos navios com a regueira em que navegam, e indigna-se com o panorama estupidiificante d'aquellas margens, que nem regadas a ouro poderam viçar. Pois que: o deserto, atravessado pelo canal, penetrado e revolvido pela fecundante civilisação, ficou sendo o mesmo deserto bronco que antes era, o grande *marracho* da natureza, que o pintou entornando tigelas de amarello sujo, n'um dia de mau humor da creação? Esperava-se outro scenario para a tão fallada maravilha da engenharia moderna! Todavia, quando se reflecte na magnitude do empreendimento, especialmente quando se pede aos algarismos que figurem elles as resistencias vencidas, os esforços envidados, as terras removidas, os braços empregados, os capitaes gastos, as machtnas applicadas n'aquella obra que não poderam realizar esses despotas do Egypto que erigiram as pyramides e escavaram cidades em rochedos, sente-se ufanía de ter visto, só de ter visto, o que Lesseps fez, muito embora se sinta tambem um alegre desafogo ao tomar a ver o largo mar azul.

• • •

Quem navega no golfo do Suez avista-lhe ambas as margens, a Asia e a Africa, ambas montanhosas, denegridas, despovoadas até

de vegetaes. As suas aguas são geralmente mansas, como é proprio de charcos de 60 metros de fundo. Já fiz a viagem do estreito de Jubal para o canal resvalando por cima de um espelho, em que os navios se miravam até as pontas dos mastros, e que duplicava os céus coloridos do occaso, permitindo aos viajantes imaginarem que fluctuavam sobre nuvens vermelhas. A navegação ali é frequente: luxuosos paquetes orientaes, pesadas embarcações de carga, cruzam-se a cada hora, approximando-se quasi ao alcance da voz, e os que sahiram enfiados do canal fazem regatas, em que não raramente se esquentam o amor proprio.

Quanto mais se caminha para o sul mais



PONTE DAS CARAVANAS

se alteiam as costas, sem nunca se divisar n'ellas a chanfradura de um porto, a alvura de uma povoação, um signal de vida humana. Em muitas partes, as serras descem quasi a prumo até ao mar. No Egypto, o alto relevo do solo é a miude recortado, tendo os montes fórmias nitidamente pyramydaes, que, a meu ver, explicam as linhas canonicas da velha architectura indigena melhor do que quaesquer intenções de symbolismo espiritualista. Na Arabia, a barreira montuosa parece mais compacta á vista distante, e n'uma e n'outra margem o colorido geral dos terrenos é vermelho escuro ou amarello torrado. Da parte do Oriente, é o Gebel-et-Tih que por largo espaço fecha o horisonte com a sua linha accidentada de cumieiras de mil metros de altura, e áquem das suas escarpas arre-



dondam-se monotonas collinas cretaceas de um tom esbranquiçado, por entre as quaes se estendem as sombras de largos *uadis*; depois, todo o relevo é sobrepujado pelas longinquas massas de grés das montanhas sinaicas, que, se lhes bate a luz em cheio, deixam perceber as linhas sinuosas e alabyrinthadas das suas arestas vivas e as escarpas e anfractuosidades dos seus cimos, escalvados, encarquilhados, requeimados, como se ainda conservassem vestigios do fogo do céu, entre cujos estampidos Moysés ouviu a revelação da Lei. Logo adiante abre-se o estreito de Jubal, limitado do lado da Asia, por um littoral massiço e alcantilado, a serraia que, estendendo-se para o mar, forma o Ras Mohammed; do lado do Egypto, por uma costa baixa, arrendada, projectando de si uma poeirada de ilhas e de parceis, que mal se distinguem de longe.

Apesar de marcado por pharoes, um dos quaes parece emergir da agua sobre uma torre aberta de ferro, este passo é perigoso para a navegação, e bem avisam dos seus perigos as lugubres carcassas de navios aqui e além varadas entre penhascos, que o mar insulta cuspiendo-lhes espumas brancas. A vista d'esses despojos de naufragios, arrojados aos pés de montanhas que infundem pavor e em que os naufragos encontrariam ainda menos misericordia do que nas ondas, faz confranger o coração mais forte e desvanecer a illusão, que o viajante chega a ter, de que a maravilhosa, possante e intelligente machina, que o transporta, nunca poderia ser destruida por essa cousa fluida, molle, inconsistente, que, afinal de contas, é a mesma que espadana n'uma poça quando se lhe assenta o calcanhar em cima!

Entra-se finalmente no mar Vermelho.

Os simples, que quando passam o equador querem ver a *linha* pelos oculos de bordo, tambem esperam que a côr das aguas d'este mar lhe justifique o nome; mas a sua curiosidade scientifica soffre cruel decepção. Nem eu pôde nunca descobrir a menor differença de coloração nos quatro mares que visitei, — o Atlantico, o Mediterraneo, o Vermelho e o Indico, — comquanto apurasse a vista para não deixar escapar nenhuma gradação de tom. Em todos elles a côr das aguas só muda, e muda em todos do mesmo modo, conforme a sua profundidade, formando escala desde o pallido *verde-mar*, atravez do qual se descobrem as areias brancas do fundo, até ao *azul marinho*, tão conhecido nas lojas de modas, e que denuncia abyssos insondaveis. O *Vermelho* não sae fóra d'esta regra, e hoje crê-se geralmente que só deve a denominação aos povos que habitam nas

suas margens occidentaes, esses khamitas a quem os arabes ainda hoje chamam *El-Ahmar*, os *vermelhos*. Mais difficil é o explicar por que motivo os antigos portuguezes o appellidaram mar *Roxo*.

As suas aguas banalmente azues não são bravias, apesar dos exemplos que lhes dão as costas, e de se amontoarem em abyssos que, n'algumas latitudes, medem 2.200 metros de profundidade. Os unicos perigos normaes que n'elle se corre são o de bater n'um rochedo e o de morrer de calor. Quem entra pelo estreito de Jubal para sahir em direitura pelo de Bab-el-Mandeb, está livre dos parceis de coral, do *cheb*, que lhe ouriçam as margens, mas passa perto de outros, que lhe formam uma especie de espinha dorsal, cujas vertebraes, espacejadas irregularmente, rompem das aguas com a fórmula de ilhas vulcanicas. Em todas essas ilhas, desertas, não ha uma só folha de herva. São montões de materias calcinadas duas vezes, primeiro pelo fogo terrestre, depois pelo fogo solar, e algumas conservam bem definidas as fórmulas conicas dos vulcões, com as suas crateras escancaradas. Poucas teem pharoes; apenas me recordo de ver luzes em *Sheduan*, á entrada de Jubal, e nos *Dois Irmãos*. Quem não é muito experiente d'aquellas aguas não se aventura n'ellas sem pratico. Os paquetes da Mala Real, nas suas primeiras viagens, tomavam em Porto-Said um piloto arabe, que desembarcavam em Aden, ou vice-versa, e tomavam n'ó, não só para se guardarem das ilhas, que muitas vezes passam de noite, senão tambem para terem quem, no caso de avaria que exigisse arribada, os levasse ás costas alabyrinthadas e rendilhadas, onde se abrem, em Africa, os portos de Suakim e de Massuah, na Asia os de Djeddah e Moka.

A minha primeira passagem pelo mar Vermelho deixou-me recordações que ainda agora me fazem suar. Estavamos nos principios de julho e julguei que tambem no fim da minha vida. Tinhamos — os passageiros do *Rei de Portugal*, — soffrido o primeiro tracto da acclimação tropical em Porto-Said e no canal de Suez, onde as areias eram brazas moidas, que com as reverberações aqueciam o céu quando o céu se apagava; mas não iamos bastantemente calcinados para aguentar na pelle e nos pulmões as labaredas volatilizadas, que se tinham acamado sobre as aguas rasas do mar Vermelho. Não se respirava, fumegava-se; não transpiravamos, fundiamos-nos. O duplo toldo de lona estendido sobre o convez era encharcado a cada hora a baldes e á lança, mas aquecia a agua, e creio que sem ella seria chamuscado. Simplificaram-se os vestuarios: o dos homens reduziu-



se, da cintura para cima, a um tenue casaco de linhagem ou de seda, abotoado no pescoço para esconder... o que faltava por baixo. Na camara, por mais que se agitassem os *pancres* sobre as mezas, a temperatura aqueceria ovos para o almoço, se ainda houvesse ovos que não estivessem chocos. Podia-se lá dormir nos camarotes! De noite acampava-

se no convez, a corpo descoberto, sobre o xadrez da pôpa, em cima das gaiutas, nos escaletres, em redes suspensas, n'uma atmosphera densa de vapores; e de madrugada passavam por cima dos corpos umas fortes virações quentes, que ao mesmo tempo os inundavam de suores e lhes davam arrepios, causados pela evaporação. Quem se deixava adormecer debaixo de alguma abertura do toldo era acordado por dores rheumaticas, e o meu hombro direito ainda hoje se lembra de uma aventura d'essas. Ingeriam-se quantidades inverosímeis de liquidos nevados, — porque os frigidiferos resistiam, — e até se inventavam beveragens novas, feitas de *ginger-ale*, de summo de laranja, de limonadas gazozas, de vinho palhete, de soda, de cerveja, de agua de côco, de quantas drogas appeteciam á sede inextinguivel, phantasiosa como a gravidez; e essas orgias de refrescos derrancavam os estomagos. As senhoras, especialmente, obrigadas a mais compostura, soffriam crueis tormentos, e entre ellas inspiravam compaixão ao proprio egoismo do soffrimento as irmãs missionarias que os preceitos da regra, a timidez, os melindres do recato, entregavam sem defeza e sem allivio ás atrocidades do clima. Entrouxadas em fazendas pretas de lã e pannos empastados de gomma, corriam

o risco, inclusivamente, de se cobrirem de molestias cutaneas; se condescendiam em pernoitar fóra dos camarotes fechados, d'onde de manhã sahiam lividas, terrosas, emmagrecidas, febris, ficavam na tolda muito hirtas, muito cautellosas não se lhes desalinhasse alguma peça do vestuario, sentadas em más cadeiras que nem lhes davam encosto á ca-



DAMA HUNGARA NO CASINO DE PORTO SAID

beça, n'um perpetuo receio de perderem o rigido decoro, que bastaria para lhes afugentar o somno das palpebras arroxeadas. Um verdadeiro supplicio, padecido sem queixume e sem revolta!

E' um supplicio inutil. Os institutos, que mandam religiosas para a Africa, devem accomodar-lhes o vestuario ás necessidades do clima. Não o recommenda só a commodidade; exige-o a hygiene. Os padres, os proprios bispos, conformam-se com essa



exigencia. Usam, mesmo em viagem nos mares tropicaes, ligeiras batinas brancas e leves chapéus de abas largas. Porque ha de, pois, uma mal entendida inflexibilidade de figurino beato obrigar pobres mulheres a enrouparem-se no hospital de Lourenço Marques ou na missão de Boroma como se enroupam em Paris na casa de S. José de Cluny, exacerbando com os pruridos, as ferroadas, as chagas, as repellencias dos herpes, do lichen, talvez da lepra, os martyrios da sua dedicação altruista?

O mau estado, o verdadeiro estado pathologico, da população do *Rei de Portugal* tornou-se especialmente agudo no dia 8 de julho, — um dia de pavores!

Uns após outros cahiram mortos um fogueiro, um ajudante da cosinha e um creado da primeira camara. Não os fulminava a insolação, porque não se tinham exposto ao sol; prostravam-n'os congestões determinadas pelo calor. Tombavam de improviso, eram sangrados logo, mas nem uma gotta de sangue lhes corria das veias abertas. Momentos depois de mortos, os seus cadaveres principiavam a decompôr-se e era preciso arrojalos ao mar. E que lugubre scena essa, a de um sepultamento no largo oceano! Não se esquece mais! Um dos espectros das minhas noites negras é um corpo humano cosido n'um lençol branco, que, modelando-o grosseiramente, fal-o parecer já reduzido a massa informe; quatro marinheiros descalços transportam a prancha aos hombros, apoiam-lhe uma extremidade sobre a borda do navio, e esperam. A bandeira nacional desenrola-se gravemente; pára a machina; passageiros e tripulantes, em grupos silenciosos, descobrem-se. A um silvo de apito, a prancha estende-se pela borda fóra e inclina-se para o mar, o cadaver resvala, desequilibra-se, enfunam-se-lhe as dobras da mortalha, apruma-se um momento no espaço, baqueia no mar com um som cavo e submerge-se entre espadanhas d'agua e rodopios de espuma; a bandeira desce lentamente na adriça enviando ao pobre morto a despedida da patria, e a

meu lado uma hospitaleira cae de joelhos soluçando uma prece. Singelo e terrivel! Fica-se muito tempo estarrecido, a olhar para as ondas que se fecharam sobre o misero despojo. Julga-se descobrir, lá em baixo, cardumes de tubarões, monstrosas jamandas, polvos de cem braços, despedaçarem n'um relance o que pouco antes fóra um homem; crê-se ouvir estalarem ossos entre maxillas vorazes, e desviam-se afinal os olhos, com medo de ver apparecer á flor d'agua algum farrapo de carnes, alguns laivos de sangue, detrictos de banquete nefando do abysmo. Deus meu, dae-me uma sepultura no regaço da terra.

Estas mortes subitaneas espalharam pavores no paquete. Queria-se apressar-lhe o andamento, e cada vez se andava menos, porque os chegadores e os fogueiros, se não adoeciam com o calor infernal da casa das caldeiras, adoeciam com susto. Foi necessario obrigar a trabalharem uns degredados pretos de S. Thomé, que iam a bordo, e a resistencia de um d'elles a pegar na pá do carvão occasionou lastimossas scenas de violencia. A gente da machina entrava de quarto aterrada, levando enormes vasilhas d'agua que esgotava nos estos de uma sêde inextinguivel, ou com que a cada hora encharcava o corpo; voltavam do quarto semi-nús, denegridos, a escorrer, com os olhos empastados de sangue, febris, cambaleantes, parecendo ter emmagrecido em quatro horas. Chegou-se a receiar uma revolta ou o apagamento das fornalhas, assim como se temeu o desenvolvimento de alguma epidemia; entretanto, da amurada para fóra avistava-se apenas um mar de estanho, um céu azul encinzeirado, e, aqui ou acolá, a mancha amarello-torrada de algum ilhéu vulcanico.

Durou quatro dias esta situação de anciedade, e quando por fim avistámos a móle pyramidal da ilha de Pernin, feita de lavas negras e vermelhas, assignalando o estreito de Babel-Mandeb, pareceu-nos que a verdadeira traducção d'este nome lugubre devia de ser *porta da vida*.

(Continúa).

Antonio Ennes

---

*Mercê da amizade com que se honra e se envaidece o gerente d'esta revista, permittiu o sr. conselheiro Antonio Ennes com aprimorada gentileza aos SERÕES publicarem este livro inédito de impressões de viagem á Africa Oriental, no qual os leitores terão mais uma vez ensejo de apreciar as altas qualidades de espirito observador e reflexivo que caracterizam o eminente homem de estado e as excellencias de linguagem que distinguem o escriptor.*



# ESTAVA ESCRIPTO...

## Scenas da vida americana

**D**Á LICENÇA? Era a voz da minha criada, entreabrindo a porta. Está ali uma senhora que lhe deseja fallar. Fechei surpreso e com desgosto o livro que estava lendo, por signal muito interessante em assumptos de psychologia. Que



desejaria uma senhora de mim, um simples maniaco de leitura?

— Disse quem era?

— Não, senhor; não me quiz dizer.

— E quer-me fallar; insisti ainda duvidosamente.

— Sim senhor; perguntou pelo seu nome.

Hesitei um instante. — Tem apparencia de pessoa séria?

— Oh! assim parece — affiançou a minha criada.

— Mande-a entrar.

Poucos instantes depois, entrava precipitadamente uma senhora, nova e bella, o que pelo inesperado do caso me causou profunda sensação. Não fiquei menos enleiado quando a vi estacar e olhar para mim, com um olhar de duvida e de espanto ao mesmo tempo.

— Mas o senhor não é o sr. Clarckson? exclamou.

— Creio bem que sou, respondi sorrindo para disfarçar a minha perturbação. Henrique Clarckson ao seu dispôr. Minha senhora queira fazer-me a fineza de se sentar.

Ella continuou a fitar-me, depois, envergonhada da sua exclamação e levemente ruborisada, acceitou a cadeira que eu lhe apresentava e começou a tirar as luvas.

— Bem, disse um tanto nervosa, quero acre-

ditar que seja. Sabe, desejava encontral-o um homem já velho!

— E' muito lisongeiro da sua parte, respondi, ignorando o que ella queria dizer; mas realmente não vejo que isso fosse muito util para mim, ainda que o fosse para si.

— Quero dizer, esperava que o senhor fosse já velho.

— Oh! perdão, bem vê que ainda leva tempo. Comtudo creia que vou n'esse caminho fazendo visiveis progressos.

Um timido sorriso foi o seu unico commentario; porém, como tivesse descalçado as luvas, estendeu-me a mão direita com a palma para cima e ficou n'uma attitude de expectativa.

— Estou prompta, disse.

Olhei para a mão, depois olhei para ella, e tive esperanza apesar da sua attrahente formosura, que alguém da familia, que a deveria acompanhar sempre, não estivesse muito longe, ou andasse já em sua busca. Finalmente considerando que a devia entreter enquanto não chegasse esse desejado al-

guem, e imaginando que ella assim o queria, approximei a minha cadeira, tomei-lhe a mão e apertei-lh'a.

— Oh! que ousadia! gritou, retirando a mão, como se a tivesse magoad.

— Perdão, minha senhora, exclamei encolhendo-me espavorido no canto da minha cadeira, sinto... sinto muito se procedi mal, mas julguei que estendendo-me a sua mão, me concedia auctorisação de a apertar.

— Não era isso! respondeu um tanto agastada, eu queria que o senhor a examinasse.

— Oh! comprehendo — desejando ancioso a appareção de quem estivesse encarregado de a acompanhar. — Certamente. Que estúpido que sou! Devia têr logo percebido.

— Não posso comprehender como não tivesse logo percebido — disse severamente.

— Nem eu, accrescentei; é um mysterio muito profundo que não posso penetrar. Peço-lhe mil desculpas. E agora se quizer, tenha a bondade de m'a deixar vêr.

Um tanto abrandada, estendeu a mão outra vez, e eu inclinei-me para deante para a vêr com muita attenção.

— E' uma bonita mão, realmente, — disse, apreciando-a como critico d'arte.

— E' na verdade? perguntou com um tom de vaidoso contentamento.



—Devéras, respondi, é mesmo muito bonita.

Então, segurando-lhe na mão com delicadeza, voltei-a e examinei-lhe os dedos delgados, as articulações delicadas, as unhas bem feitas e cuidadosamente tratadas, e segui com a vista o curso das veias finas por baixo da pelle branca. Quando acabei o exame, encostei-me para traz na cadeira, encruzei as pontas dos dedos e olhei para ella.

— Sim, disse eu pausadamente, com modo de quem quer enunciar uma opinião sensata. Não hesito em dizer que é uma linda mão, na verdade muito bonita.

A senhora olhou espantada para mim como quem me julgasse um imbecil.

— Sim, sim! — exclamou com impaciencia Mas o que quer dizer?

— Dizer? — perguntei confusamente (e não chegava esse alguém da familia d'ella por quem eu ancioso esperava).

— Sim, dizer! Não comprehende? Quero que o senhor me diga a minha sina.

— A sua sina? Minha senhora, creio que temos estado n'um equivoco. Eu não leio sinas pelas linhas da mão.

— Não? perguntou duvidosa.

— Não, respondi seriamente.

Houve uma pequena pausa, em quanto ella perplexa brincava com as luvas.

— Então será pelas boças?

— Como queira, mas eu vi apenas uma bonita mão, que não tem boças.

— Oh! senhor... disse com desanimo, eu queria referir-me ás boças do crâneo.

— Parece-me que estou hoje muito obtuso. Minha senhora, eu não leio sinas, nem examino boças, nem outra qualquer cousa parecida. Sou um simples estudioso, apenas um leitor maniaco.

— Que pena, murmurou, pegando nas luvas. N'este caso vou retirar-me.

— E por que me não dá a honra de ficar mais algum tempo? disse por cerimonia, esperando anciosamente pela chegada de qualquer pessoa que fatalmente a devia acompanhar, e não estaria já longe.

— Oh! não obrigada; disse, levantando-se. Deve julgar-me terrivelmente grosseira, em ter entrado aqui, por esta forma, interrompendo a sua leitura e...

— De nenhum modo, tive pelo contrario, um inesperado prazer!

— Receio que o diga apenas por cumprimento. Mas em todo o caso é já muita bondade fazel-o tão delicadamente. Soffri na verdade uma decepção em não ter sabido a minha sina, porque...

— Pois bem, respondi resolutamente. Não precisa ficar desconsolada. Se quizer sentar-se outra vez, alguns minutos, vou revolver na me-

moria todo o meu saber de adivinho e vou ler-lhe a sua sina! (Tremi da minha propria audacia).

— Julguei que me tinha dito que nada sabia d'este assumpto.

— Queria dizer apenas que não o podia fazer como profissional, porque não conheço os mais profundos mysterios da sciencia, mas para as cousas vulgares, como os caracteres, os legados, as viagens por terra e por mar, accidentes, acontecimentos inesperados, — todo esse genero de coisas simples, estou á sua disposição, unicamente como amigo, se me dá licença e serei muito feliz.. — interrompi o discurso para tomar fôlego.

— Pois bem, se realmente não o incommoda...

— De nenhum modo, minha senhora; basta ser-lhe agradável, para o ser igualmente para mim. Portanto, se quizer retomar o seu lugar, e deixar-me vêr de novo a sua mão, — e puchei a minha cadeira, para ficar defronte d'ella.

Sentou-se, estendeu a mão e disse-me agradecida.

— Faça favor de me ler uma sina muito boa.

— Devo guiar-me pelo que estiver escripto nas linhas, respondi com serenidade; mas creio, ah! sim, creio que ha de ser muito boa. Dê-me ambas as mãos, se faz favor.

Este pedido foi uma feliz inspiração, porque observei ter ella ficado um tanto impressionada. Estendeu-me a outra mão obedientemente descanzando os cotovellos sobre os joelhos.

— Está bem: disse eu; agora principio pelo character; e continuei fazendo as melhores conjecturas, — porque sabia tanto de chiro-mancia como de lagares de azeite. Devo dizer-lhe que é sincera e generosa, duas grandes virtudes em qualquer pessoa, e tambem que é sensivel, sympathica, simples sem malicia, e olhei para vêr o effeito d'esta primeira adivinhação.

— Oh! isso é muito bom, não é assim? disse ella com um sorriso agradecido.

— Não póde ser melhor, concordei, curvando-me outra vez sobre as mãos d'ella. Mas...

— Acaso ha um *mas*?...

Abanei a cabeça com ar de grave pezar.

— A senhora é pouco logica; não raciocina com sufficiente sequencia, sabe? E muito apresada em proceder pela sua imaginação — e de novo observei o effeito d'esta minha segunda adivinhação.

— Oh! sim, creio que é verdade.

— O que aqui está, deve ser — continuei com ar convicto. Todavia este seu defeito fica compensado pela promptidão em admittir o erro quando lhe é apontado, e para se desculpar ou se emendar.

— Então isso agora ainda é melhor, pois não é? perguntou com vivacidade.



— Decididamente; mas voltando aos seus pequeninos defeitos . . .

— Pelo amor de Deus, supplicou.

— E um dever cruel, mas é preciso que o desempenhe, disse heroicamente. A senhora é muito impulsiva, quasi temeraria; procede com a precipitação do momento, sem pensar nas consequencias e algumas vezes, levada por este impulso, encontra-se em embaraçosa situação.

— E isso, é; tambem é verdade. Estão sempre a dizer-m'o em casa. Como o senhor deve ser intelligente! Explique-me como se percebe isto tudo na mão?

Ainda quiz reflectir um momento, mas segui logo. — Ali, ali, respondi, apontando para quatro differentes pontos. Desejando evitar novas perguntas e novas difficuldades de mais minuciosa explicação, prosegui um tanto apressadamente. — Agora vamos tratar da felicidade . . .

— Ah! sim, isso é que eu queria verdadeiramente saber.

— Em primeiro lugar tem tido uma vida muito feliz (a sua luminosa e alegre disposição garantia-me a verdade d'esta affirmativa), e naturalmente continuará a ter igual felicidade para o futuro. Certamente soffrerá alguns incommodos, como qualquer outra pessoa, mas a vida promette ser-lhe muito feliz.

— E longa?

— Sim, cuidando de si, mas . . . — analysando-lhe a mão mais de perto e dando-me ares de profunda sabedoria — ha de ser-lhe proveitoso seguir as regras rudimentares da hygiene, fazendo exercicio moderado, evitando resfriamentos, emfim, tomando todas as precauções essenciaes. Nunca deve, seja por que motivo fôr, estar em pé, ou sentar-se defronte de uma peça d'artilheria, porque pode ser alvo d'um tiro.

Ella riu-se.

— Receberei alguns legados?

— Porque? Porque teve um, affirmei no primeiro impulso, de que logo me arrependi.

— Tive? perguntou com surpresa.

— Então não teve? insisti, mas devéras pre-

occupado com o modo de me sair d'aquelle embaraço imprevisto.

— Não me lembro de nenhum — replicou vagarosamente, como quem se quer recordar.

— Pense bem, disse eu com ar convicto.

A minha nova e inexperada cliente franziu as sobrancelhas, com o esforço reflexivo, emtanto que por meu lado vacillava em decidir, se no caso de não ter havido nenhum legado, deveria confessar um erro, e denunciar que a mão dizia coisas que lá não estavam.

— Não, affirmou; nunca tive um legado na minha vida; pelo menos que me lembre, e parece-me que me lembraria se tivesse tido algum. A não ser uma lapizeira de prata que a tia me deixou . . .

— Ha de ser isso, agarrando-me a esta taboa de salvação. Não asseverei que fosse um legado importante.

Ella abriu os olhos n'um espasmo de admiração. — E póde o senhor vêr uma cousa tão pequena como uma lapizeira?

— Oh! posso vêr cousas mais pequenas ainda, continuei, pois ia animando-me com o proprio papel que estava representando. Vou provar-lhe. A senhora enguliu em creança o caroço de uma ameixa, que poderia ter tido serias consequencias, se tivesse parado na garganta.

— Como pode saber-o? exclamou admirada; lembro-me d'isso perfeitamente; fiquei muito assustada, e meu pae teve de dar-me nas costas uma forte pancada, contou com encantadora ingenuidade.

— A pancada não está marcada, disse, examinando-lhe a mão com pretendida minucia, ou as marcas já desappareceram provavelmente. Mas o caroço da ameixa vê-se; foi um Perigo, com P grande, e então deixou uma marca permanente. E agora, continuei com um sorriso significativo, quantos namorados tem?

— Oh! exclamou com extrema aspereza na voz.

— Vou-lhe contar tudo. Vou fallar-lhe dos seus amores, passados, presentes e futuros, procurando n'um rapido olhar, medir o effeito das minhas palavras, e affectando um sorriso que fingia expressar alguma coisa mysteriosa.





Coloriu-lhe a face um leve rubor gracioso.

— Não creio que veja nenhuma historia d'amor, mas não deverá haver verdadeira felicidade sem elle, não é assim?

— De certo, concordei; porém melhor seria não haver nenhum do que um mau. Em todo o caso não deixa de ter admiradores (eu já era realmente um d'elles n'aquella occasião), mas deve ser muito cuidadosa na preferencia.

— Tenho ainda muito tempo para isso, disse, rindo e córando novamente.

— Comtudo, eu não sei, continuei meditativo no exame das linhas da mão, quem é este homem trigueiro que aqui está — vou dizer o menos possível — achando a sua companhia tão agradável?

— Não sei, respondeu admirada, não conheço nenhum homem trigueiro; pelo menos não é este, nem aquelle, e fallava com as suas proprias recordações.

— Parece-me que elle não a conhece de ha muito e está prendendo a sua attenção, em virtude do que julgo dever chamar falsos pretextos. (Fiz uma pausa). Talvez elle pretenda saber coisas que ignora, ou póde ser que affecte tomar por si maior interesse do que realmente sente. Mas em todo o caso todo o seu intuito é merecer-lhe sympathia.

— Comprehendo, mas não sei quem seja.

— De certo que não póde pensar que elle a pretenda, continuei, mas só póde calcular que elle esteja verdadeiramente interessado por si. Póde imaginar ou conhece um homem trigueiro n'estas condições?

— Não, não posso, depois de uma breve reflexão; mas diga-me, o que quer significar um homem trigueiro? Chamar-se-ha, por exemplo, trigueiro ao senhor?

— Sim, eu sou trigueiro, mas não muito. Esse tal homem deve ser pelo menos tão trigueiro como eu.

— Não posso de fórma alguma lembrar-me.

— Bem, continuei, observando-lhe a mão, e quem é este homem louro?

— Pois ha tambem um homem louro?

— De certo, ha sempre um, sabe. Parece ser rival do homem trigueiro e naturalmente será o que vence.

— Quem poderá ser? Como é elle? diz-me?

— Um tanto exquisito, respondi; com um enorme corpo e uma cabeça pequena e um nariz muito comprido. Oh! e com uma perna mais curta do que a outra!

— E parece-lhe que será o escolhido?

— Sim, minha senhora, e até me parece que ao presente é bem succedido.

— Mas eu não quero um homem d'esse fei-tio! declarou resoluta.

— A mão assim o affirma.

— Não me importa com o que a mão affirma! Não póde ser verdade!

— Não é verdade? E o legado da lapizeira?

— Sim, mas... está bem certo? Não se enganou?

— Não me enganei.

— Ainda assim, não quero um marido como esse.

— Pois está escripto na mão, sabe?

Seguiu-se um silencio d'alguns instantes.

— Diga-me, não haverá meio de o evitar? Diga que sim.

— Bem, respondi vagarosamente, póde haver um meio, porém não será prudente dizer-lh'o desde já.

— Porquê?

— Porque poderia destruir o effeito desejado. Como vê, (acrescentei n'um movimento de eloquencia), estas prophcias são tiradas do livro da Natureza e não se póde brincar com ellas. Devem ser apreciadas com muito cuidado pela sua suprema importancia, e se eu fosse divulgar o segredo n'um momento inoportuno, poderia estragar-lhe o valor.

Olhou para mim por alguns momentos com uma expressão inquieta, bem visivel, no delicioso oval do seu rosto, agora levemente impallidido pela commoção.

— Então quando me fará a desejada revelação? Como vê, naturalmente nunca mais nos tornaremos a encontrar...

— Sim, havemos de nos encontrar, disse depressa, pelo que leio na sua mão.

— Sim? perguntou com duvida, enquanto que um rubor lhe subia furtivamente á face.

— E' positivo. Em todo o caso temos de nos encontrar outra vez, para que lhe possa dizer em tempo opportuno como fugir do tal homem louro.

— De certo, respondeu meio convencida; mas bem vê, — hesitou um momento enquanto o rubor lhe augmentava nas faces — vou muitas vezes de manhã passeiar pelas ribas do mar...

— Vae? tambem eu vou algumas vezes. Portanto já vê que podemos estar certos de nos encontrarmos, e então lhe revelarei o segredo, quando chegar a occasião propicia. E agora continuarei ainda o exame da mão...

— Oh! perdão, não posso demorar-me por mais tempo, interrompeu; está-se fazendo muito tarde e tenho de me retirar.

— Na verdade? perguntei em tom de pezar que era bem sincero.

— Sim, respondeu levantando-se. Mas o senhor ha de fazer-me a revelação a tempo, não é assim? Não se esquecerá?

— Com certeza não me esquecerei, respondi com enthusiasmo, (como se isso fosse possível). Tive immenso prazer em que tivesse vindo.



Fez-me passar uma manhã muito agradável.

— Receio que o tivesse vindo interromper na sua leitura predilecta, respondeu, apresentando-me a mão para apertar d'esta vez. Estou-lhe muito obrigada por ter sido tão amavel para commigo.

Acompanhei-a até á porta e quando voltei ao meu quarto de trabalho, pareceu-me repentinamente triste e escuro, comquanto o sol estivesse tão brilhante como pouco antes. Atirei-me para uma poltrona, e esqueci-me de continuar com a leitura do meu livro—o tal muito interessante em assumptos de psychologia. Foi uma bonita invenção aquella do homem louro, disse comigo proprio, mas hei-de pô-lhe o nariz fóra do plano, apesar do seu comprimento; seria isto? ou teria eu dito que era curto? Pouco me importa. Sim, comprido é que eu disse; deve ser. E isto chega a todos mais tarde ou mais cedo; e quando chega assim... deve ser amor e amor fulminante de que falla Stendhal. Que gentil rapariga!

Passaram-se alguns dias sem que a visse outra vez. O sol tomára a caprichosa resolução de se esconder atraz de pesadas nuvens que fazem todo o possivel por se dissipar e correr mundo. Afinal fugiram, e na primeira manhã limpida e bella fiz o meu passeio pelas ribas do mar, vagueando duvidoso mas esperando comtudo encontral-a em breve. Com effeito vi-a na minha frente, a cem metros de distancia sobre um rochedo. Reprimindo a minha impaciencia, encaminhei-me vagarosamente ao seu encontro.

— Bons dias, disse-me quando nos aproximamos. Muito me alegra vel-o. Aquelle homem louro e feio, tem-me prendido completamente a imaginação.

— O homem louro? Estava tão entretido a pensar n'ella, que até me esquecêra do homem louro. Oh! sim em que tristes afflicções elle deve ter estado!

— E eu apprehensiva. Ainda espero que se tivesse enganado.

— Sentemo-nos aqui por alguns minutos, disse, indicando-lhe uma grande pedra comoda, e deixe-me verificar mais uma vez (Era realmente uma linda mãosinha!)

— Não, disse em tom vagaroso de falso pezar, não ha engano. Está aqui o homem tri-

gueiro, tentando conquistar o seu coração, e está o homem louro, com a sua grande cabeça e pequeno nariz.

— Grande cabeça e pequeno nariz! Tenho idéa de me haver dito o contrario.

— Isso mesmo; cá está elle com as suas grandes pernas.

— Grandes pernas! Lembre-se bem que me disse ter uma das pernas mais curta do que a outra.

— Sim, comparativamente fallando, expliquei, já um tanto nervoso. Mas vê-se que são ambas grandes, muito grandes; a mais curta é ainda muito comprida e a segunda é tanto que não deixa chegar a outra ao chão, estando de pé.

— Oh! meu Deus que creatura será essa! E voltando-se repentinamente para mim. — Por força chegam ao chão ambas quando estiver em pé como succede a todos!

— Só uma d'ellas, declarei. Vê, a outra faz deligencia, mas não consegue. Possui certa timidez de character, tem o instincto da moderação, não se parece com a companheira.

— Mas o senhor disse-me que elle tinha um grande corpo?

— Enorme, fóra de todas as proporções.

— O quê! Fóra de proporção mesmo para com as pernas? perguntou estupefacta.

— Sim minha senhora.

— Então deve ser um gigante! exclamou.

— Positivamente um monstro.

— E o senhor pensa que eu quereria para marido simmilhante creatura? perguntou com vivacidade.

— Será devéras um horror, mas é o que está escripto na sua mão.

— Todavia disse-me que havia um meio de o evitar? Tenho a certeza que o disse.

— De certo que ha. Existe sempre meio de evitar a fatalidade d'uma prophecia como esta.

— Como?

— Muito simplesmente: casar-se com o propheta trigueiro, para fugir do louro que está prophetisado. Ella còrou engraçadamente, mas sorriu-se e eu aproveitei-me do momento, para lhe declarar com a eloquencia, não de vidente de sinas mas de enamorado, a paixão que em mim ella despertára inconscientemente na sua visita inesperada, buscando por engano a leitura do seu destino, confundindo-me pelo nome





com um profissional de *buena-dicha*. E fui sem duvida mais persuasivo na simples verdade sentida, do que nas conjecturas de chirimano improvisado; porque, momentos depois, voltando de braço dado, ao longo das ribas, em doce conversação, ella me dizia:

— Mas realmente não leu a minha sina? As linhas da mão nada revelaram?

— O quê! Já se esqueceu do legado?

— Ora! uma lapizeira de prata!

— E o caroço da ameixa?

— Isso succede a toda a gente.

— E o homem louro, de pernas compridas,

uma mais comprida ainda do que a outra, e de nariz pequeno?

— Foi uma invenção sua, respondeu rindo.

— Que importa, se elle se desempenhou bem do seu papel por isso não lhe quero mal.

— Nem eu tão pouco — accrescentou ella, com subita seriedade, emquanto se apoiava mais confiadamente no meu braço.

E foi assim que eu encontrei a minha companheira da vida, na interrupção da leitura de um livro de psychologia, como a poderia ter visto por acaso na rua, na igreja ou n'um baile, como succede a muitos outros.

(Imitação).

## A Resposta do Inquisidôr

POR GONÇALVES CRESPO

Na Hespanha, no Perú, em Napoles, na França,  
 Paira como o sinistro espirito do Mal,  
 O negro Inquisidôr, feroz como a Vingança.

Sisto quinto, o cruel, fizera-o cardeal,  
 E a Hespanha pôde ver com assombroso espanto  
 Juncto do rei-panthera o inquisidôr chacal.

E Philippe dizia ao monge no entretanto:  
 «Sentinella da Lei, piedoso inquisidôr,  
 «Tu que fallas com Deus e és padre, e és bom, e és sancto

«Arranca-me este pezo, afasta-me este horrôr!  
 «Ah! diz'-me, cardeal, se é um vil, se é um precito  
 «O rei que é justo e mata o filho que é traidôr...»

E mais não disse o rei, tôrvo, sombrio e afflicto.  
 No emtanto o inquisidôr erguendo imperturbavel  
 O seu hediondo olhar das lageas de granito,

Assim tornou com voz vibrante e formidavel:  
 — Ó principe, e apontava o livido Jesus,  
 — Para acalmar dos céus a colera implacavel

— O Eterno fez morrer seu filho n'uma cruz! —

(Dos «Nocturnos»)





P. Marinho, sc.

A RESPOSTA DO INQUISIDÔR — QUADRO DE LAURENS



# A palavra transmittida pela luz

*De todo o tempo a palavra foi comparada á luz; a rhetorica preciosa e a imaginação dos simples, em todas as epochas, assimilharam os dois phenomenos. A palavra illumina, como a luz define; ambas revelam, esclarecem; ambas se reflectem, uma no écco, outra no espelho. Ambas se refrangem; a palavra irisa a intelligencia, como a luz as facetas d'um prisma.*

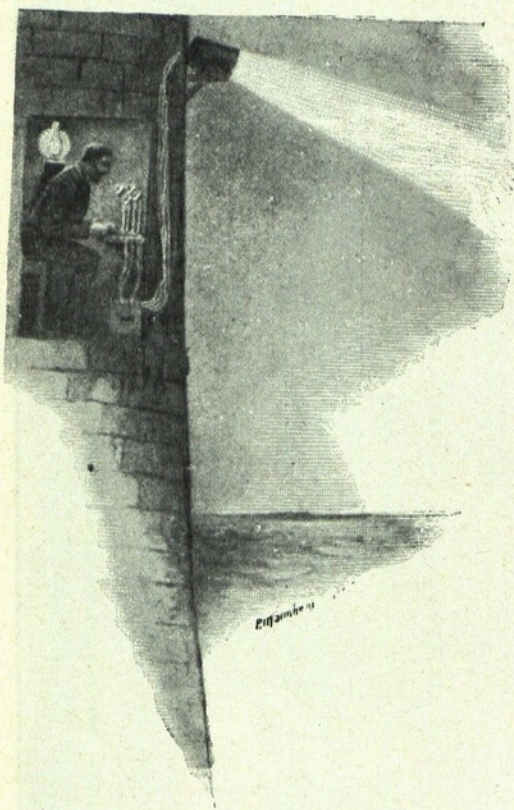
*O moderno espirito inventivo realisou a comparação litteraria. Fundiu as vibrações mysteriosas e imponderaveis d'ambas e produziu o novo instrumento — O RADIOPHONE — que permite fallar atravez d'um raio de luz, levar a luz da intelligencia atravez da palavra quente do mundo physico.*



**O** FUNCIONAMENTO do radiophone é extremamente simples; uma creança póde comprehendel-o e utilisal-o com facilidade, — factio que por si proprio é assombroso n'estas epochas de complicadas invenções. A etymologia [do nome

por uma caixa que serve de regulador e reforçador, vão reunir-se n'uma lampada de projecção collocada exteriormente sobre a parte superior da *cabine* telephonica.

Supponhamos agora que a tres ou quatro kilometros da costa passa um navio cujo ca-



do novo apparelho define o seu destino e applicação: — conversar a distancia por meio d'um feixe luminoso, como se conversa por intermedio d'um fio telephonico.

Supponhamos a estação de partida instalada n'uma torre de pharol, n'um pequeno gabinete isolado, como aquelles que se usam para as conversações telephonicas. Sobre a banca, conforme se vê da illustração que acompanha este artigo, ha quatro transmissores ordinarios em vez do unico geralmente adoptado; e os quatro pares de fios que sahem dos transmissores, passando previamente

pitão é esperado para receber ordens; e supponhamos ainda que na guarita do piloto existe um apparelho telephonico ordinario cujo fio receptor está substituido por um espelho concavo tendo ao centro, no fóco, uma pequena ampola de vidro, quasi cheia de filamentos carbonisados, e semelhante ao pequeno deposito d'alcool ou de mercurio n'um thermometro vulgar, como se vê da figura reproduzida. Esta ampolla atravessa o espelho e a sua extremidade alongada vae ligar-se a um tubo auditivo, no genero dos empregados para ouvir o phonographo, quando este restitue a voz ou



o canto, gravado e conservado no cylindro receptor.

Da estação de partida, dirige-se o feixe de luz para bordo a incidir sobre o espelho da guarita do piloto, bem distincta e visivel pelo pequeno pharolim, o que corresponde ao chamamento pela campainha d'um telephone. Em seguida a conversação estabelece-se, muito intelligivel apesar da distancia (quatro kilometros) a que se têm verificado as experiencias.

Mal a luz se projecta sobre a ampolla do espelho, os filamentos carbonisados absorvem o calor da luz; o ar que a ampolla contém dilata-se ou expande-se immediatamente, e a cada variação infinitissima na intensidade da radiação, provocada pela falla no transmissor, corresponde identica variação no ar da ampolla e consequentemente reproduzem-se as ondas sonoras. Assim é explicada a theoria do radiophone pelo seu inventor, o sr. Hayes, engenheiro electricista ao serviço da companhia dos telephones de Boston, nos Estados-Unidos.

A rara modestia do inventor leva-o a considerar-se apenas como adaptador de velhas theorias, esquecendo-se de que elle creou com o seu aparelho a telephonia sem fio, como Marconi a telegraphia sem fio; e sómente se resolveu a apresentar a sua invenção ao publico, depois de concludentes experiencias, na recente exposição electricista de New-York, nos jardins de Madison Square. Na descrição que o sr. Hayes faz do maravilhoso aparelho, são discutidas e explanadas todas as questões theoricas e todas as objecções praticas, suscitadas pela utilização do radiophone, tanto em plena luz solar, como em tempos cerrados de nevoeiro, sem comtudo lhe attribuir exageradas virtudes de competencia com a telegraphia ordinaria, por meio de fio, para os usos terrestres. Frisa, porém, as vantagens bem evidentes que o radiophone proporciona ás comunicações com e entre navios, muito especialmente, e os valiosos e opportunos serviços que póde prestar em campanha.

O aparelho é tão facilmente utilisavel, tão simples e tão barato, que póde calcular-se que tempo virá em que todo o navio quer de guerra, quer mercante, de véla ou a vapor, todo o

yacht e pharol serão dotados com o radiophone.

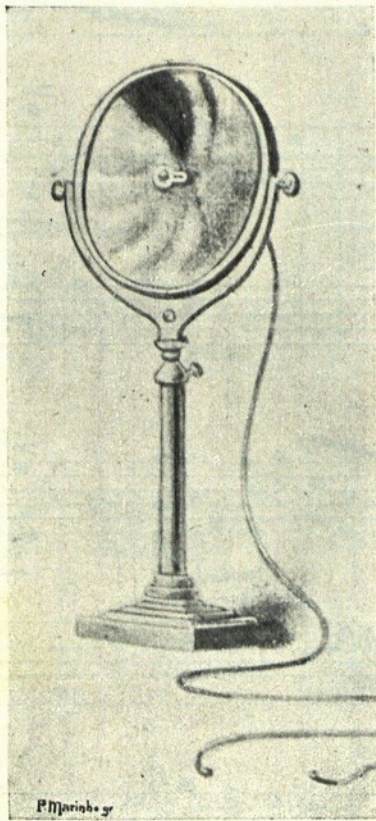
«Não é difficil de calcular o prazer que experimentarão os viajantes de qualquer embarcação ouvindo as vozes dos viajantes d'outros navios, apesar de milhas de longitude, a que passem, trocando felicitações, noticias, ou pedindo soccorro, escreve o inventor o sr. Hayes. Com o radiophone podem fazel-o de dia e de noite.

«Certamente as embarcações de certa importancia, em nossos dias, têm o seu codigo de signaes de bandeiras, para durante o dia, e de luzes para durante a noite. Mas quanto mais agradavel será, em todo o caso, substituir estes signaes arbitrarios, pelo som da voz, ouvida a distancia, no mar alto. Accrescente-se ainda a satisfação que deverá resultar da possibilidade de dar maior expansão e volubilidade ás mensagens transmittidas pelo novo instrumento, em lugar de serem vagarosamente soletradas nas bandeiras ou luzes de signaes.

«Pode tambem imaginar-se, continúa o sr. Hayes, que os raios do sol affectam o espelho a ponto de não poder trabalhar, ou pelo menos trabalhar mal o radiophone em dias em que o céu estiver perfeitamente limpido. Isto não póde acontecer. E' preciso considerar que não é a luz que faz mover o filamento carbonisado na ampolla de vidro; a luz por si só nenhum effeito exerce sobre a ampolla; é o movimento das ondas quentes, provocado pela pessoa que transmite a palavra, que faz expandir ou contrahir o filamento carbonisado.

Por outro lado, o tempo de neblina não altera a utilidade do radiophone, a não ser que a nevoa seja tão espessa ou tão dura como uma parede de tijolo, pela qual nenhum calor possa passar. Emquanto a nevoa fôr bastante delgada para deixar navegar os navios, póde sempre contar-se com o radiophone, o que é sem duvida sob máu tempo, d'um immenso beneficio e utilidade.»

No dizer de pessoas auctorisadas a nova invenção tem de vir a representar um importante papel no progressivo desenvolvimento das modernas descobertas scientificas com um fim pratico e utilitario.





# GAVOTA

POR

AUGUSTO MACHADO

(♩=46)

Piano

First system of musical notation for Gavota. It consists of a grand staff with a treble clef on the upper staff and a bass clef on the lower staff. The key signature has one flat (B-flat) and the time signature is common time (C). The music begins with a mezzo-forte (*mf.*) dynamic. The first staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, and the second staff contains a bass line with eighth notes and chords. There are slurs and accents throughout the system.

Second system of musical notation for Gavota. It continues the grand staff from the first system. The dynamic marking changes to piano (*P*). The melodic line in the treble clef continues with eighth and sixteenth notes, while the bass line provides harmonic support with eighth notes and chords.

Third system of musical notation for Gavota. The grand staff continues. The melodic line in the treble clef features a mix of eighth and sixteenth notes, and the bass line continues with eighth notes and chords. There are slurs and accents throughout the system.

Fourth system of musical notation for Gavota. The grand staff continues. The dynamic marking changes to piano (*P*) and then to *poco cresc.* (poco crescendo). The melodic line in the treble clef continues with eighth and sixteenth notes, and the bass line continues with eighth notes and chords.

Fifth system of musical notation for Gavota. The grand staff continues. The dynamic marking changes to piano (*P*) and then to *cresc.* (crescendo) and finally *poco cresc.* (poco crescendo). The melodic line in the treble clef includes a trill (*tr.*) and continues with eighth and sixteenth notes. The bass line continues with eighth notes and chords.



First system of a musical score in G minor, 3/4 time. The right hand features a melodic line with a trill (tr.) in the final measure. The left hand provides a rhythmic accompaniment. Dynamics include piano (p) and a crescendo (cresc.).

Second system of the musical score. The right hand continues the melodic development with various ornaments. The left hand maintains the accompaniment. Dynamics include piano (p).

Third system of the musical score. The right hand has a trill (tr.) in the second measure. The left hand features a steady eighth-note accompaniment. Dynamics include piano (p) and poco cresc.

Fourth system of the musical score. The right hand has a melodic line with accents. The left hand has a steady eighth-note accompaniment. Dynamics include piano (p) and poco cresc.

Fifth system of the musical score. The right hand has a melodic line with accents. The left hand has a steady eighth-note accompaniment. Dynamics include piano (p).

Sixth system of the musical score, ending with a double bar line. The right hand has a melodic line with accents. The left hand has a steady eighth-note accompaniment. Dynamics include piano (p) and rall.



## NOTA BIOGRAPHICA

**AUGUSTO MACHADO.**—Publicando a *gavota* que antecede, graciosa composição inédita que amavelmente o maestro offereceu a esta revista e que inicia a collecção musical portugueza, segundo o programma traçado, acompanhamol-a d'um medalhão e d'uma rapida resenha biographica do compositor, tão apreciado entre nós como no estrangeiro. Augusto Machado, nascido em 1845, aos 9 annos já se apresentava a tocar n'um concerto com acompanhamento de orchestra. Em 1868 exhibia em S. Carlos duas *romanzas* suas; em 1869, um *bailado Zeffireto*; em 1870 a sua primeira producção theatral *O Sol de Navarra*, operetta em 3 actos, que se sustentou no theatro da Trindade muito tempo; em 1873, na operetta em dois actos, no mesmo theatro, sob o titulo *A cruz de oiro*, onde começou a affirmar-se a sua individualidade; em 1875, o *Desgelo*, operetta em 3 actos; a seguir, *Os fructos de oiro*, *A guitarra*, em 1 acto, *A Maria da Fonte*, 3 actos, tentativa de operetta nacional. Pelo centenario de Camões conseguiu que em S. Carlos fosse ouvido o trecho de uma *ode symphonica*, composição original e delicada a que o tenor Corsi deu um grande relevo e que lhe valeu um diploma e uma medalha de oiro, na exposição de Milão. Em 1883, sóbe á scena no *Grand Théâtre* de Marselha a sua primeira opera a valer. *Laureana*, que elle dedicou ao fallecido rei D. Luiz, recebida lisongeiamente pela critica, e que foi representada em duas epochas em S. Carlos. A *Laureana* seguiram-se os *Dorias*, opera em 4 actos, que subiu á scena em S. Carlos em janeiro de 1887, trabalho em que o maestro Augusto Machado pôz o sêllo de uma individualidade propria, e o quanto aproveitára com o estudo das obras de Wagner.

Depois d'estes trabalhos, temos de mencionar pela ordem chronologica: os bailados do *Fausto*, executados com muito exito n'um concerto da «Real Academia de Amadores»; as operettas *Piccolino* e *A Leitora da Infanta* (1889 e 1893) executadas no theatro da Trindade; um *Hymno-Marcha de Santo Antonio* (1895); o *Mario Wetter*, levado á scena em S. Carlos, no anno de 1898 e de que a critica se occupou largamente, obra de cunho

em que o auctor, com uma consciencia artistica muito para louvar, se não preoccupou com lisongear o paladar das plateas, dandolhes uma obra de estudo e de alto preparo mental.

Ainda recentemente, por occasião do centenario da India, representou-se no theatro da Trindade o *Auto dos Esquecidos*, musica sua, poema de Sousa Monteiro.

Em breve representar-se-ha no theatro da Avenida o *Tição Negro*, farça lyrica sobre motivos de Gil Vicente, letra de Lopes de Mendonça.

Tem o nosso maestro dentro da sua pasta um trabalho completo, *La Borghesina*, comedia lyrica, letra de Enrico Golisciani, extrahido do *Livre Amoureux* de Fred. Soulié, e em preparação uma comedia lyrica, por ora ainda não baptisada pelo seu auctor, letra de Lopes de Mendonça, escripta expressamente para a graciosa actriz Palmyra Bastos, e que só será representada no proximo anno.

Basta olhar para o medalhão de Augusto Machado para adivinhar n'essa physionomia um temperamento d'artista. E'-o de corpo e alma. Não falando n'aquellas producções ligeiras que escreveu para o publico d'educação esthetica mediana e que não definiram bem a sua individualidade, é justo dizer que a *Laureana*, e especialmente os *Dorias*,

affirmaram os recursos de uma imaginação soffreada por um criterio superior e os de uma technica aprendida com os melhores mestres nacionaes e estrangeiros. A sua instrumentação é eminentemente cuidada e conduzida sempre por modo que não trilhe caminhos já sabidos e explorados; a sua melodia affasta-se da banalidade e procura alar-se sempre ás regiões superiores da Arte. Este character não foi bem comprehendido pelo publico, hoje n'um nivel superior ao nivel educativo de ha vinte annos, mas que ainda exige melodia clara, expontanea e accessivel sem esforço aos seus accomodatícios ouvidos. Augusto Machado não quiz lisongear as multidões, pondo acima da vaidade a sua superior consciencia de profissional. E' um titulo que as intelligencias d'*élite* lhe reconhecem e que o collôca n'um logar de honra, na arte musical portugueza.







## CAPITULO PRIMEIRO

### O Magusto

Eram 7 horas da manhã; e apesar do nordeste cortante e da espessa neblina que n'um véu de regêlo algodoava as coisas, muito havia já que a apparatusa vivenda dos Souzas, de Leomil, acordára no mais festivo aspecto, com todas as janellas abertas e por ellas a espaços extravasando chilreios limpidos de creanças.

Estava-se no primeiro domingo, antes do S. Martinho. E como, este anno, o anniversario do santo cahia a uma terça-feira, todos na villa haviam gostosamente concertado fazer a beberrona festa tradicional, antecipada de uns dias, muito de industria para que não fôsse de acaso depois o démo enlutar-lhes de agourentos episodios a alegria.

Os Souzas, antiga familia burgueza, de reputação solidamente estabelecida sobre a sua colheita annual de oitenta pipas de vinho e seiscentas medidas de pão, afóra o azeite e a fructa, haviam convidado os seus melhores conhecimentos para um magusto, ao meio dia, seguido de merenda, na sua grande matta da Galgueira. Por isso n'aquella manhã almoçavam á pressa, n'um atabalhoamento precipitado, ouvindo-se distinctamente cá fóra, na rua, o picar tilintado das colheres nos pires, cortado pelas vibrantes pragas de commando do dono da casa aos creados. Pouco depois, um aspero arrastar de cadeiras resoou, e immediatamente, atravez os grandes rectangulos abertos das janellas, cortaram rapidos a luz, como relampagos, apressados vultos de mulheres.

Estava combinado reunirem-se todos os convidados primeiro ali, no patim da casa, d'onde depois partiriam em alegre e tropeante cavalgada. Este patim era um vasto losango, lageado de granito, corrido a toda a frente da casa, que isolava da rua. Dois dos seus lados eram formados por duas faces da casa, fechando angulo, austeras e amplas na seve-

ridade secular do seu granito, mordido de musgosas hepatisações; e tendo uma aberto o portal de castanho, pintado a verde. superada a outra por um alto mirante envidraçado. A terceira face do patim, pegando com o portal, era formada por um muro corrido, tambem de granito, especie de varandim com seu largo degrau interior, deitando para a calçada. Na ultima face, fronteira á entrada principal da casa, chumbava-se uma grossa cancella de pinho, vermelha, agora corrida a escancarar, as tranquetas de ferro cahidas, e flanqueada por um lindo e piedoso nicho, deante do qual a Senhora da Conceição tinha a sua rica lampada de prata invariavelmente accêsa, de noite e de dia.

Como a casa e o patim pousavam n'uma eminencia, a sua situação era desafogada e naturalmente dominante. Ficava-lhe todo de roda muito em baixo, acochilado sob os telhados, o casario negro das viellas, onde as estrumeiras fermentavam á solta, fumegando; na frente, por uma extensão sem fim, n'um estonteador alongamento de perspectiva, desdobrava-se um amontoamento cyclopico de montanhas; e ali mesmo rente á casa, correndo junto ao muro, precipitava-se o aspero declive da calçada, por cuja berma em ennastrados gorgolões de prata perennalmente borbotava, mesmo no pino do verão, um farto veio de agua, providencia e regalo das lavadeiras.

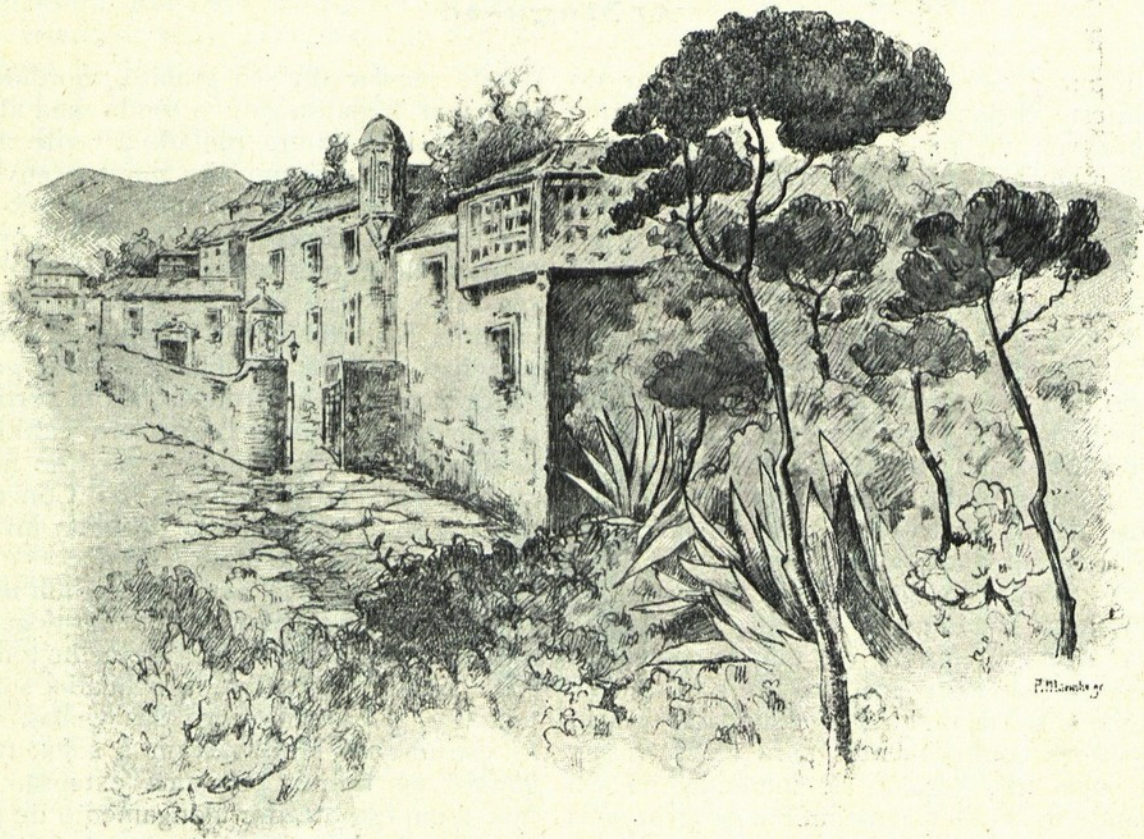
Soaram 8 horas pêrramente na torre da igreja; e então, abrindo-se as portas da cavalliça, os creados trouxeram para o patim as azémolas a quem a honrosa missão estava confiada de conduzirem ao magusto a familia. A matta ainda ficava longe, boas duas horas de caminho. Marcava pelo norte o limite arboreo da serra de Montemuro, com cujos primeiros lascados contrafortes entestava, n'uma vertente quasi a pino, Sahira ao



patim primeiro uma pequenina egua castanha, de albardão e estribos de pau, para o sr. Bento de Souza; depois uma anafada e pacifica mula, de cadeirinha acorreada sobre uma vistosa colcha de ramagens, destinada á mulher d'aquelle, a excellente D. Bernarda; e tres burritos mais para os tres filhos, o *Quinito*, o João e a Adozinda.

Esta, a mais velha, era uma singela e suave creatura, repousada e melacholica, sóbria de fallas, de olhar dulcificante, feita só, parecia, para sarar as penas dos outros á custa do seu proprio soffrer. . . Tinha o seu rosto uma nobreza de linhas que fazia instinctivamente ajoelhar de roda d'ella as almas. A côr atte-

Sacudiam impacientes os animaes no patim a ferralhada dos arreios, e o estrupido das suas ferraduras nas lageas confundia-se com o *chlap* dos tamancos dos creados, quando ao cimo da calçada apontou, e logo a seguir entrou pimpante no patim, montando um esbelto garrano rosilho, o sr. dr. delegado. — Vinte e oito annos, solteiro, loiro e quasi imberbe, com um rosto rosado e macio como os *Livros de Horas* attribuem aos archanjos, mas affirmando a sua condição terrestre nos olhos cheios de peccado, e além d'isso tocando eximiamente flauta e marcando muito bem uma contradança, elle era o luminar, a grande esperanza, a divin-



nuada do cabello castanho, da epiderme ascetica, dos labios prudentes, dos olhos scismadores, como que a traziam envolta n'uma penumbra melindrosa de sanctuario. Os visinhos tinham como de bom presagio ser Adozinda a primeira pessoa que elles viam, ao chegar á janella, cada manhã. E o seu quê de supersticioso respeito, uma carinhosa aura de lenda, quasi sobrenatural, ficára envolvendo-a perante a imaginativa extatica do povo, desde que um pintor do Porto, chamado a Leomil para restaurar os retabulos da igreja e pintar um novo pendão para a Misericordia, a escolhera a ella para modelo da Senhora das Dôres.

dade, o terror, o amorudo *Satan* da redondeza. A sua transferencia para Leomil trazia em alvoroço dezenas de ingenuos corações desprevenidos. Era o pesadello das solteironas, o peccaminoso espectro dos paes de familia. Idolatrava-o em sonhos a vaga appetencia sensual das donzellas, farejavam n'elle as sogras uma succolenta victima.

Ao tempo que elle entrava, surdia tambem no portal da casa o Souza, gordo e sorridente, de braços abertos, chale manta, espora no pé esquerdo:

— Ó meu caro doutor! Ou bem se é amigo, ou não... Isto é que é pontualidade!



O delegado apeára-se, e, subindo os cinco degráus do portão, com a mão do Souza entre as suas: — Não fiz mais que o meu dever... E então as senhoras? A D. Adozinda? Sua esposa?

Não teve o grosso velho tempo de responder, porque n'aquelle mesmo instante, ladeando-o e cingindo-lhe affectuosamente os braços, rompiam as duas senhoras; toda unctuosa e bonacheirona a mãe, com o cabello grisalho apartado em bandós, os olhos de velludo, a bocca tolerante, e a filha baixando aos pés, n'um geito mimalheiro, a face, toda córada.

Seguiram os cumprimentos do estylo, desciam os homens ao patim, e aprumavam-se ao lado das alimarias os moços, tirando os barretes; quando na quadra entrou tambem, ao passo miudo da sua burrita branca, o sr. padre Manuel. Era o parcho da freguezia. Longo velho, alcachinado e curvo, magrissimo, desenhava-lhe com anatomico rigor os ossos a epiderme, dura e estalada como pergaminho. Eram da mesma uniforme côr de cinza, do mesmo tom funebre de mortalha, o cabello, os olhos, os labios, a contractura avara e sordida dos malares emaciados. Moviam-se-lhe de continuo as mandibulas nervosas, como n'uma irrequieta ancia de apprehensão, ruminando projectos de complicados lucros. E na sua outra invariavel mancha, esverdongada, da velha batina surramposa, cheia de pingos de cêra, apenas destacavam as suas enormes mãos de cavador, afeitas a todos os mistêres, callosas de toda a sorte de trabalheiras.

— Salve-as Deus, minhas senhoras! — disse elle, tirando o largo chapéu de abas, a saudar.

— Bons dias, padre Manuel!

— A sua benção, sr. padre Manuel!

— Temos para o nosso passeio um dia regalado, graças ao Senhor!

Bento de Souza consultára o relógio, levemente impaciente: — E vão sendo horas!

— Então nem me apeio... — acudiu jubiloso, por se ver dispensado da custosa operação, o padre, inclinando á frente o cançado busto sobre o pescoço da burrita, e quasi tocando com os sapateis o solo.

O desacostumado movimento attrahira em torno os curiosos. Vinham espertas á porta as visinhas, umas fiando, agasalhando outras as mãos sôb a serguilha do avental. E a cancella vermelha do patim tinha agora uma gulososa moldura de garotitos, rôxos de frio, o dedo no nariz. Chegavam, quasi ao mesmo tempo, o escrivão de fazenda com as duas filhas, a D. Perpetua e a D. Aurora, duas trigueirotas petulantes, de buço, devorando Montépim e abusando do encarnado; e o

Pedro Maria Guedes, «o senhor commendador», antonomasia de cerimonia com que o distinguia o convicto respeito de todo o concelho, acompanhado pela irmã e a filha.

— Bem, estamos todos... — disse então, satisfeito, o Souza, passando a mão pela bocca escanhoadá. E para a filha e a mulher: — Vamos a isto!

A Adozindita e a mãe, cautelosamente, avançaram pelo degrau do patim até ao ponto onde os creados tinham a elle encostados os animaes, com os estrados das cadeirinhas ao alcance de seus pés; saltaram para cima; ao mesmo tempo o Bento montava tambem; o *Quinito* e o João eram postos ao collo sobre os burritos; e toda aquella grotesca e heteroclitá cavalgada se agitava agora em desordem no recinto acanhado do patim, — os homens rindo, as senhoras soltando pequenas interjeições de susto, o padre Manuel pendulando como uma ruína em cima da burra ás arrecúas, e a irmã do Pedro Maria clamando com solemnidade que lhe repuxassem á frente a barra do vestido.

Porfim, a um signal do dono da casa, pôz-se em marcha o cortejo, entre o alarido saltitante dos garotos; enquanto ás janellas da casa assomavam os rostos pezarosos de duas amas, debruçando do parapeito as creancitas com uns grandes olhos apavorados. Abriam o prestito os creados, todos de chibata, as carapuças sempre na mão. O delegado ladeava a D. Adozinda, e no couce seguiam gravemente, de respeito, fiscalizando o andamento da columna, o Bento e o commendador. Das janellas, das portas, pelas ruas fóra, iam colhendo saudações amigas. Tiraram respeitosa e ociosos habituaes da loja do Guimarães, bem como os invariaveis caturras da botica; e a cada passo, das mais infimas tocas, do fundo dos negros janellos fumarentos, avançavam manitas infantís, clamando: — A sua benção, padrinho!

— Madrinha, a sua benção!

Mas, como a villa era pequena, a breve trecho se extinguiram as casas, por ultimo apenas de raro prolongadas por uma ou outra taberna solitaria, perdida entre castanheiros no caminho. E assim chocarreira e mansamente fôram seguindo, em cortadas arestas de dialogo, no ar lavado e cortante, por entre o mesmo invariavel lençol de nevoeiro. As franças immoveis das arvores, no céu impassivel, pareciam vestidas de arminhos, e a humidade perolava de gottasinhas brilhantes a crina das cavalgadas, sob cujas patas rangia a herva coberta de geada.

O delegado accendêra o charuto, e, espo-reando o ginête, recitava com emphase a *Lua de Londres*. Respondeu-lhe a D. Perpe-



tua com as *Flôres d'alma*; e como então o requestado galan gentilmente se adeantasse, n'uma facil manobra de freio, a escutal-a, logo á compita a irmã, muito animosa, lhe fez com grande desbarato de gestos o elogio ao animalito que elle montava, epilogando com arrogancia:

— Que gosto que eu tenho pela equitação! Não imagina, doutor... A's vezes sonho, penso que não nasci senão para amazona!

— Com effeito! — sublinhou David de ironia.

— Ah, que ganas me dão, n'estes dias frios, de montar um grande cavallo, bem fogoso, em pello!

— Podia escorregar...

— Não, que eu tenho nervos de aço!

E dardejava uma incandescente mirada ao delegado, que prudentemente desandou pr'adonde a D. Adozinda, cuja mãe censurava para a Guedes, n'um sincero tédio, a desenvoltura d'aquellas duas meninas.

Mas não faltaram mesmo a esta curta viagem alguns comicos episodios. Assim, como, ao cortarem a estrada para Moimenta, passassem junto a uma pequena fonte, a mula que a irmã do commendador montava, quiz por força beber. Fustigada pelo creado, estacou, arrebitou as orelhas, desatou aos couces; e como então a grave senhora, com o seu compromettedor cuidado na compostura da saia, se dobrasse com as mãos á frente, desequilibrou-se, em riscos de cahir ao tanque, aonde em todo o caso lhe saltou o chapéu, que ficou completamente inutilisado. Então, entre o disfarçado rir, o reprimido gaudío dos circumstantes, aproximou-se, lastimando-a muito, a bôa da D. Bernarda; e com piedoso desinteresse tirou o farto lenço de lã que levava ao pescoço, para a outra agasalhar com elle a cabeça nua. E não teve remedio a Guedes senão acceitar, embora aquelle utensilio plebeu lhe compromettesse picaramente a gravidade.

Tambem, na ingreme descida da Malveira, como a velha burrita do padre Manuel, a amparar-se, esticasse demasiado o pescoço, com o exforço a cosipada rédea estalou, um dos lados do cabrestô fez-se em fanicos; e a burrita, com o susto, partiu então desaccordada, ladeira abaixo, deixando o padre plantado em pé, as longas pernas abertas em compasso, negro e tosco como um espantalho, em meio do caminho. Como o pobre velho não teve mais que o susto, todos a mandíbula batente riram. Muito mais porque elle tudo era depois apalpar, n'um comico exaspero, os alforges do apparelho, lastimando que se teria talvez por completo esborrachado o mimo que elle levava para a merenda; no

que, dada a sua tradicional sovynice, ninguem acreditava. De espaço a espaço, na sua festiva caminhada cruzavam com ranchos de camponios que seguiam tambem a estrada ou atacavam os pinheiraes, cantando. E a quando e quando, aqui, ali, pelas encostas palpitava o clarão azulino das fogueiras.

Chegavam agora á entrada da grande mata, — um portão de ferro, indefinidamente prolongado por dois altos muros, a perderem-se no nevoeiro, superados por latadas de ferro sustidas por pilares de granito. Os moços, já fatigados, vinham familiarmente ao lado dos animaes, com a mão enrolada á cauda ou pousada sobre a garupa. Entravam tambem n'este momento dois moços de lavoura, carregando cestos com louça e comestiveis.

Foi o delegado, o doutor David, o primeiro a apeiar-se, offerecendo lesto a mão ás damas. Duas d'ellas não acceitaram: a Guedes, cuja incorrigivel prosapia não consentia receber serviços de estribeira, a não ser do irmão; e a fogosa ginetista D. Aurora, a qual saltou impavida de um pulo a terra, o que lhe ia quasi valendo uma entorse, e a obrigou ainda assim a marchar algum tempo, claudicando, amparada ao braço do pae, que resmungava.

Seguiram primeiro todos a direito pela grande rua central da quinta, até junto á casa; d'onde, como ninguem quizesse entrar, para a esquerda tomaram logo, eutre turtuosas verêdas verdejantes, até á vasta clareira do lago, rumorosa e profunda. — Ahi se espriava, como ao acaso, n'um recorte irregular, uma toalha de agua enorme, sem cessar renovada por um alto caleiro que a entornava em cascata, trazida da limpidez virginal da serra, aproveitada depois por subterraneas canalisações na pujante fertilisação da quinta. Em volta era esta ampla bacia toda cingida, como n'um ciume da Natureza, por altas collinas vestidas de arvores, áquelle tempo amarellecidas. Ali as vozes tinham écho, reforçavam os sons claras e frescas resonancias. Na pacificação azul das aguas, prolongando linearmente a paysagem, mergulhavam alguns chorões seculares melancholicamente os ramos. A um canto havia uma casota de côlmo, abrigando um barquinho. E, quando os convidados do Souza chegaram, já a um lado da clareira, varrida das folhas sêccas, se empilhava um monte de vascalhos, silvas e rama velha de pinheiros. Atraz do rancho, os caseiros traziam os saccos com as castanhas, os moços os cestos com a comida. N'um instante, sentadas as senhoras em bancos rusticos, mandou o Souza chegar fogo á primeira rima de matto, para fazer cama ás castanhas. Beaticamente, o padre Manuel, de mãos cruzadas sobre o ventre hypothetico, sorria; em-



quanto a Guedes se assentára um pouco longe do grupo; e toda solícita a D. Bernarda presidia ao esvasiar dos cestos. Rodopiavam n'um incessante movimento os creados; o escrivão de fazenda promettia ao Guedes es-

protestava-lhe mais uma vez o seu ardente amor, deblaterava em eloquentes tiradas a symptomatologia banal da sua paixão, cujo venenoso effeito na alma simples da namorada o poetico bucolismo da paysagem estimulava.



*quecel-o*, n'um complicado caso de velhas contribuições em divida; e o *Quinito* e João, guardados pela caseira, deitavam pedacitos de pão aos peixes do lago. O delegado, naturalmente desinteressado do espectáculo, afastára-se de escape, mais a D. Adozinda, e

— Que felicidade a minha, Adozinda! em me terem mandado para este recanto inédito do Paraiso...

— Não exaggere...

— E' a verdade, juro-lhe... A grande reju-bilação da minha alma faz-me até de quando



em quando entrevêr, imaginar que, por qualquer bom mysterio sobrenatural, eu me acho agora, aqui assim, absoluto e unico senhor do seu coração, companheiro feliz d'um nova Eva...

— Mas sem esperança do peccado... — corrigiu Adozinda, com propositada frieza, recolhendo a mão que o dr. David queria beijar-lhe.

É afrouxando o passo, pretextando frio, progressivamente retrahida, a encantadora creança obrigou a retroceder o seu implacavel galanteador para junto da fogueira, já agora enorme. A D. Aurora e a D. Perpetua varavam-n'o com olhos de rancor... A termos que, quando David d'ellas se aproximou, complacente manejando a maromba do galanteio, e entre as duas requereu logar, logo uma d'ellas, toda abespinhada:

— Ah, Deus o livre, doutor! Está aqui tudo cheio de ouriços...

— Para o pé da Adozinda, vá... — reforçou a outra. — E' mais macio...

E uma contra a outra cerraram espaço, ferozmente inacessiveis. David encolheu, n'uma galante resignação, os hombros, e foi interessado plantar-se tambem deante da fogueira.

Longas, apumadas, finas e agudas como dardos, cresciam em rechinantes espiraes sobre o seu estrado de cinza as labaredas. No ar parado e frio, nas discretas velaturas do céu, tinha um arranque triumphador o seu recorte flammejante; e sacudidas, torcidas por aquella abrasada trepidação, vindo alimentar mais o incendio, precipitavam-se no rubro turbilhão, hypnotisadas e doidas como insectos, as folhas sêccas das arvores proximas, por sobre cujas copas friorentas um alto rodilhão de fumo se projectava vertical para o espaço. Os caseiros, muito açodados, nos rostos em fogo reflexos de cyclopes, revolviam de roda com longos ramos a fogueira. A cada momento agora estouravam as castanhas, determinando estremeções nas mulheres, corridinhas de susto nas creanças. Depois, pela successão, o phenomeno tornou-se familiar, e todos já afoitos se approximavam, todos apertavam circulo, emquanto nas costas d'elles, e sempre sôb a paciente attenção da D. Bernarda, continuava o apparatuso desdobrar das louças. N'este momento, um caricioso ruido, primeiro indeciso, alado, depois vagamente crescendo, como uma melodia de órgão, afagou os ouvidos de todo o rancho, que em interrogativas attitudes se voltava para o Bento de Souza, extasiado e surpreendido tambem... Era o segredo dos caseiros, a sua inesperada collaboração na festa.

Breve, nm esturdio rancho de guapas raparigas, brancas e louras como *willis*, rom-

peu do nevoeiro, de mãos dadas. cantando, na dôce toada das *carvoeirias*:

*A laranja vae à fonte,  
O limão vae atraç d'ella...  
A laranja leva a agua,  
O limão o sumo d'ella.*

*Nos «semol'as» carvoeiritas,  
Bonitas,  
Catitas,*

*Da beira do mar...*

*E vae nosso olhar  
Os vossos peitos inflamma.  
Com chamma*

*Que nos faz corar...*

Teve um exito doido a linda e inopinada aparição. Todos bateram palmas de entusiasmo. O padre Manuel abençoou-as; os moços, de mãos dadas tambem, entremeiaram-se com ellas. E, agora mais largo e flamante, afogueantemente illuminado, viravolteava de roda da fogueira o grupo, lembrando as classicas rondas etruscas, impellindo no seu doido sapatear os tições ao lume.

Cantando sempre:

*Semeei a salsa verde  
Nos escuros pinheiraes,  
Para vêr se me esquecias...  
Cada vez me lembrás mais!*

*Nos «semol'as» carvoeiritas,  
Bonitas,  
Catitas, etc.*

Com a repetição do voluptuoso estribilho, tambem já depois as filhas do escrivão de fazenda cantavam, em pé e proximas da fogueira, na maligna intenção de estimularem o delegado. E, como este voltasse pr'adonde a D. Adozinda:

— Deixa que as hasde pagar! — ameaçou uma d'ellas.

Entretanto, os Souzas chamaram para a mêsa; com grande espanto de todos, o padre Manuel saccára dos alforges, que mandára buscar, o tal seu inverosimil mimo,—um bello queijo da serra da Estrella, o primeiro que aquelle outono apparecia em Leomil; e d'ahi a momentos atacava-se com faminta decisão a grande bôla de presunto e o tacho das morcellas; emquanto, sentadas de roda da fogueira já apagada, as raparigas, com as mãos como tições, iam descascando as castanhas em estalidos brancos.

— O' diabo! — dizia uma. — Olha esta, chôcha de todo... que azar! Por isso *o meu* cahiu nas sortes!

— Pois eu então, não! — acudia outra. — Esta tem um filho... O' que rica coisa! caso antes do fim do anno.

— Quêr não, que tens grande sorte!

— Cada um come do que gosta... invejosa!

Ao mesmo tempo, á mêsa, a D. Aurora, que não pozêra de parte o seu vingativo plano, disse bem alto, com intimativa, ao David:

— O' doutor, visto que é tão grande apreciador, diga-me cá... já viu a filha do capitão Sobrêda?



— Já sim, minha senhora.

— E que tal?...

— Anda tão gabada!

— Dizem que é uma tal perfeição!

Ligeiramente embaraçado, David hesitava em responder. Adozinda cravava n'elle uns olhos de anciedade.

— Que não corresponde á fama...

— Ah, não pelo contrario! — disse por fim David, sinceramente. — E' muito gentil.

— E bonita?

— Bonita... — repetiu, quasi machinalmente, o magistrado.

Mas arrependeu-se logo, ao vêr a pallidez



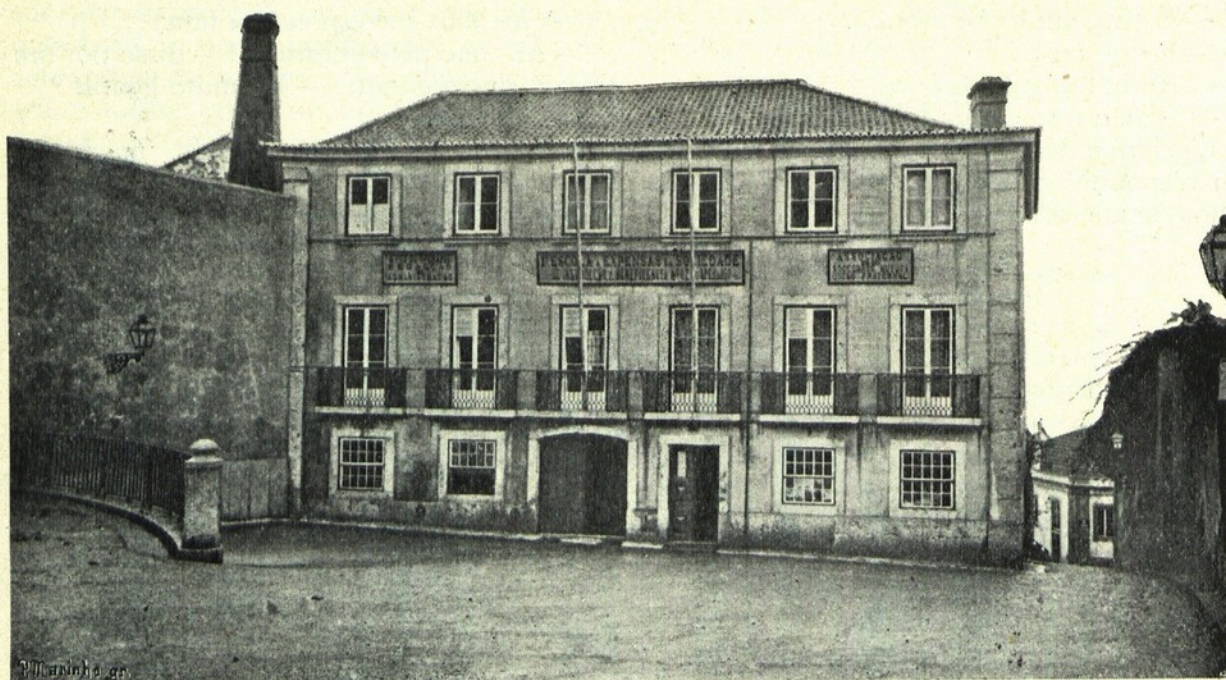
— Então?... tornou de sophisma a D. Aurora. Referia-se á filha do commandante do novo destacamento, chegado ha dois dias, e da qual, educada em Lisbôa e muito formosa, corriam na villa maravilhas.

— Dir-se-hia que a achou detestavel... — insinuou a D. Perpetua. E a ajudar, a irmã: (Continúa)

que amortallhou o rosto suave de Adozinda, a qual pregou n'um recalçado despeito os labios lividos... E não mais comeu, não mais fallou em toda a tarde; não mais sociegou emquanto não poudé, já noite e de novo em casa, afogar com raiva no leito os olhos mordidos de lagrimas.

ABEL BOTELHO.





CASA ONDE ACTUALMENTE SE ACHA INSTALLADA A SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO E BENEFICENCIA  
A VOZ DO OPERARIO

## *União pela Vida*

ENTRE as questões graves e complexas que, na herança sempre litigiosa da história, o século xx recebeu do que findou conjuntamente com muita riqueza e muito valor indiscutível, avulta pela sua maxima importancia a questão social, multipla nos aspectos, indefinida ainda no contorno. Falar d'ella, pronunciar sequer o seu nome generico de socialismo, deixar transparecer sympathias pela solução da nova escola economica, ou pela critica d'esta á actual organização das sociedades, era ha pouco ainda, despertar immediatamente receios e desconfianças, que não abonavam o character, ao contrario malsinavam os intuitos, de quem com desassombrada convicção proclamasse pela reforma necessária.

A pouco e pouco, a coragem d'uns, a lucidez expositiva d'outros, a evidencia dos factos, a força da justiça foram levando de vencida as resistencias, as repugnancias inconscientes, foram illuminando o caminho aos timidos, e congregando ao mesmo tempo os espiritos reflexivos e as almas generosas.

Foi preciso que os primeiros ministros das mais poderosas nações, os reis e os imperadores, chefes de raças valorosas, se occu-

passem publicamente da questão social e propozessem resoluções ou transigencias para que a opinião dirigente, sempre aváza de preponderancia ainda que abusiva, se conformasse com o necessario exame e estudo do complexo problema.

E como tudo caminhou rapido no ultimo quartel do seculo, tambem se generalizou e alastrou com progressiva rapidez a acceitação, por vezes resignada, dos novos factos ou das novas tendencias. Entre nós ninguem extranha agora que um ministro da corôa, o sr. Fuschini por exemplo, affirme em pleno parlamento convicções economicas socialistas, nem os espiritos da *élite* se revoltam com a inclusão da sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella, camareira-mór de Sua Magestade, na phalange reformadora, feita em biographia elogiosa, como merecido applauso ás praticas philanthropi-



BRAZ PACHECO

cas da grande dama opulenta. Ao contrario, na litteratura, na obra d'arte, no theatro, na politica, na administração das grandes empresas e na regulamentação dos serviços publicos vê-se aflorar o trabalho intimo evolutivo das consciencias, abaladas nas suas convicções tradicionaes ou desejosas de transigir em prudentes concessões.



Assustam ainda, é certo, muitos aspectos do problema social; que não raro a grandêza das reivindicações e o numero dos reclamantes presagiam convulsões tenebrosas e demolidoras, como terremotos, na actual organização social.

Mas ao mesmo tempo socegam o alvoroço dos espiritos receiosos as praticas intelligentes e as propagandas serenas dos que no mundo, em regiões bem diversas e distinctas pela raça, pelo temperamento e pela educação, dirigem e influem na concentração das collossaes forças operarias, como se exemplifica na Allemanha, nos Estados Unidos, na França ou na Inglaterra.

Apavoram ainda, sem duvida, as *grèves* excepcionaes, mais numerosas do que os exercitos das grandes nações, disciplinadas e mantidas como elles; porém sensibilisam e impressionam vivamente as energias decididas que vão até á ultima privação, á fome ao sacrificio extremo e voluntario para conseguir uma melhoria, lutar por um direito não reconhecido na lei, conquistar uma vantagem, não de immediato proveito egoista, mas de futuras consequencias geraes. Há n'estas lutas quadros assombrosos, d'um desenho emocionante e d'uma côr sinistra que sómente o pincel d'um Ribera saberia compôr e pintar; ha quadros que se não apagam, da memoria de quem uma vez, como quem escreve estas linhas, teve ensejo de os vêr e de os admirar no norte da França e em Inglaterra, em dois periodos bem significativos de resistencia grevista, acampada em extensos *bivacs*, de mistura com numerosas forças militares, que mais pareciam protegê-la do que guardal-a. Está bem viva na memoria dos que seguem estes acontecimentos a brilhante e oportuna intervenção de Lord Rosebery com toda a sua influencia pessoal e popularidade na terminação do conflicto de interesses dos mineiros inglezes.

Por vezes, amedrontam tambem e justamente as explosões criminosas da dynamite subversiva, a que a loucura do desespero accende o rastilho, como a loucura da fé assoprava ás fogueiros do santo officio; mas surgem tantas sociedades do bem a prodigalisar soccorros christãos, tanta assistencia dedicada a mitigar miserias, tanta propaganda altruista, quasi evangelica, a congregar respeito, que conseguem quasi apagar as chammias sinistras, e abafar os echos dos estampidos nefandos, accidentes fataes da grande obra evolucionista das classes trabalhadoras, producto subalterno da fermentação tumultuosa da grande miseria.

Por isso mesmo, os estados, em concessões alternadas com resistencias, vão procurando

pela legislação oportuna attenuar o mal, indicar remedios, facilitar transformações pacificas. Trabalham com affincô constantemente na reforma; hoje occupam-se das



CASA NO BECCO DO FROES, EM ALFAMA, ONDE SE FUNDOU O JORNAL «A VOZ DO OPERARIO»

subsistencias e da habitação dos operarios amanhã da hygiene das officinas; logo dos menores e do ensino technico; agora da assistencia medica e judiciaria, do seguro na velhice, da responsabilidade dos accidentes de fabrica; depois, da organização das sociedades cooperativas e de soccorros mutuos: enfim de todos os problemas que directa ou indirectamente concorram para a resolução do problema geral, adaptando-se ás reclamações, obedecendo ao impulso recebido, satisfazendo aspirações legitimas, attendendo reivindicações de justiça.

Mas de todo este collossal trabalho de remodelação social, a obra mais curiosa e instructiva é sem duvida a emprehendida e feita pelos proprios e directos interessados, a forte concentração progressiva de forças, a *união pela vida*, em vez da luta de classes, que caracteriza o moderno movimento operario, principalmente nos dois paizes do mundo, na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde mais evidentes são os resultados adqui-



ridos pela organização operaria. E conjuntamente observa-se que o exito d'esta, depende da lucidez, da precisão e da energia dos proprios operarios, sobretudo dos que assumem a responsabilidade da direcção suprema, ou tomam a iniciativa dos empreendimentos.



Ha no nosso paiz um elucidativo exemplo d'esta obra moderna e caracteristica, um exemplo demonstrativo de quanto póde a perseverança e o esforço continuado, de quanta sympathia desperta e confiança inspira a união pela vida, a concentração de forças individuaes para a utilidade collectiva, e de quanto tempo subsiste a acção energica e convicta do primeiro iniciador na protecção e defeza da propria obra. Referimo-nos a uma sociedade de instrucção e beneficencia — *A Voz do Operario* — de cuja organiza-

O estatuto da associação provê ao duplo fim com que se organisou — instruir e beneficiar — pela fórma mais simples e mais practica, attingindo o mais elevado intuito de propaganda effectiva, e de união proveitosa. Continuando a publicação do jornal semanal, fundado em 1879, e distribuindo-o aos socios; inaugurando uma bibliotheca, estabelecendo aulas nocturnas e diurnas para os socios e seus filhos, *A Voz do Operario* promove o desenvolvimento da instrucção, estimula o gosto da leitura, auxilia o orçamento domestico do operario na despeza de educação e de primeiro ensino aos seus filhos, ao mesmo tempo que diffunde os principios economicos, aprecia os interesses, e procura congregar as forças do operariado para a conquista das melhorias e das reivindicações sociaes. Se nem sempre é inteiramente justa a propaganda é comtudo bem intencionada ou convicta. Fornecendo ambulancias fune-

bres e o panno mortuario ao socio que fallece, subsidiando a despeza do enterro ou a familia com quantias que se elevam a 12\$000 réis, conforme os annos de quotas pagas, *A Voz do Operario* attende com uma intenção altamente delicada e por fórma sinceramente affectiva aos deveres de humanidade e de respeito pela morte.

Em antigos tempos, uma das obrigações que se impozeram no compromisso associativo os irmãos da Misericordia, onde se igualavam os fidalgos e os homens de officio quando os preconceitos e os privilegios da época os distinguiam e separavam em toda a parte, era acompanhar diariamente ao cemiterio a tumba, era transportar á ultima morada os extinctos nas enfermarias dos hospitaes e os miseros fallecidos sem meios, na penuria extrema que até exclue as taboas do caixão. Para este serviço haviam sempre nomeados por escala uns tantos fidalgos e uns tantos mestres de officios.

*A Voz do Operario* continúa as velhas e boas tradicções portuguezas; e por isso infundem respeito commovedor os sahimentos que frequentemente se encontram em Lisboa transportados na pequena carreta funebre por braços de irmãos no trabalho e nas luctas da vida.

Houve sem duvida uma grande intenção humana na organização d'este soccorro; con-



CASA NO CAMPO DE SANTA CLARA ONDE ESTÁ INSTALLADA  
UMA DAS ESCOLAS DA SOCIEDADE

ção e desenvolvimento damos hoje succinta informação, como uma das mais poderosas manifestações do movimento associativo do operariado portuguez.

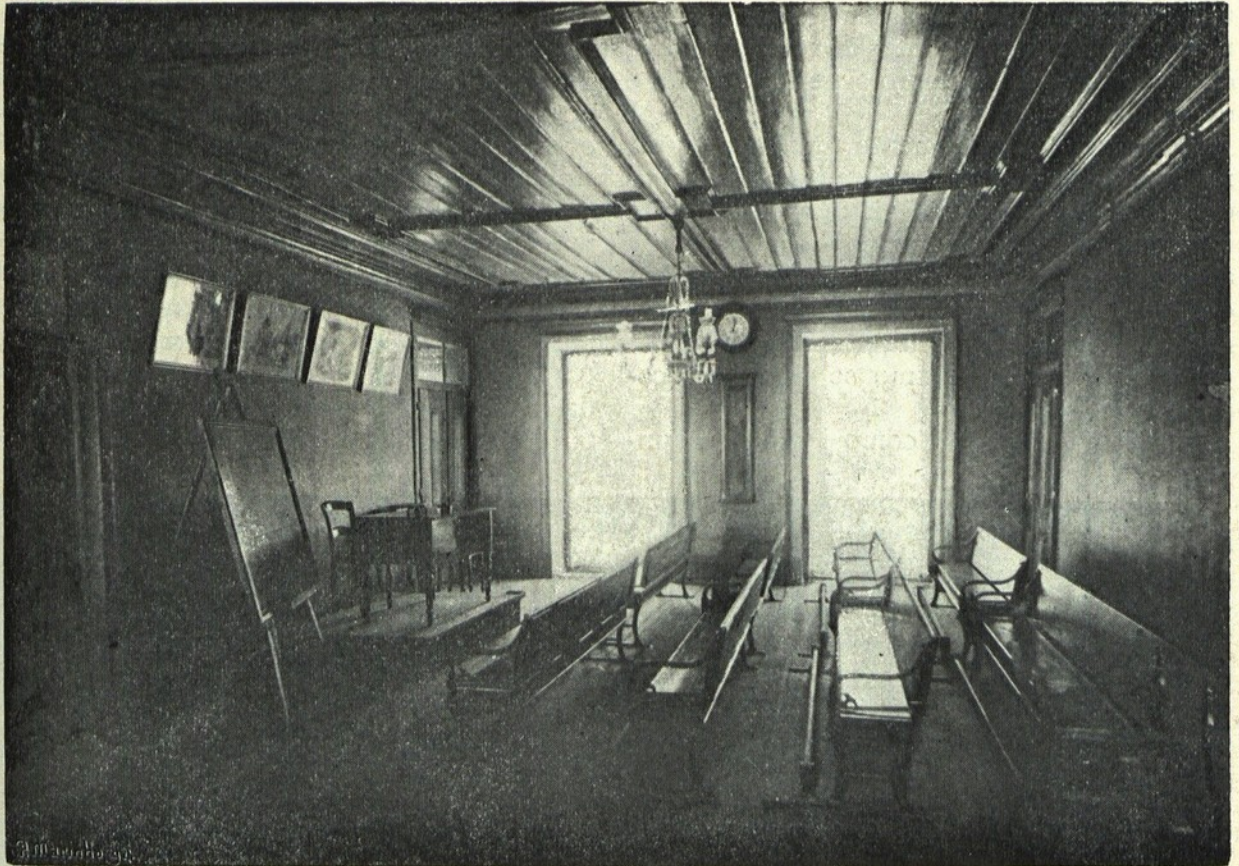


stitue um commentario eloquente ás condições de vida dos trabalhadores.



Porque motivo os que, trabalhando de sol a sol e constituindo familia, cumprem hones-

illudiram em enganosas esperanças de felicidade e de justiça, destruindo as instituições do passado, abolindo os privilegios, nivellando as castas, decretando a igualdade politica. Houve primeiro confiança nas reformas, e depois energia suprema em as realizar. Não



ESCOLA DO LARGO DO OUTEIRINHO DA AMENDOEIRA

tamente os seus deveres sociaes, raro conseguem obter pelo seu proprio esforço a garantia da miseria na velhice, ao abrigo de eventualidades funestas, extincto o vigor da musculatura ou parada a actividade cerebral ao cabo de longos annos de trabalho? Porque?

Porque, considerados ao menos como machinas, não conseguem obter para si a necessaria amortisação que o capital realiza pela acção do juro composto e illimitado?

Quantas interrogações dolorosas se formulam durante as horas de trabalho no decorrer dos annos, n'uma luta de todos os instantes! Quantas comparações amargas se estabelecem; quantos confrontos irritantes se approximam na imaginação, excitada pelas difficuldades ininterruptas, emquanto as machinas possantes reproduzem a força que os seculos accumularam no carvão, e as correias sem fim transmitem movimentos que na sua delicadeza complicada, mais parecem actos de intelligencia voluntaria, do que automatico resultado de alavancas e rodas dentadas!

Houve um tempo em que os espiritos se

é preciso descrever a revolução realisada no fim do seculo XVIII e do principio do XIX; basta recordal-a: todavia] principia agora o novo seculo e os espiritos encontram-se n'uma situação de desolada incerteza perante o problema social que se formulou na desigualdade inevitavel das condições.

Por isto mesmo se reconhece no mundo trabalhador um poderoso movimento de concentração de forças, não para estabelecer lutas indefinidas, provocar conflictos irreductiveis, mas para aproveitar recursos, apreciar interesses, decidir procedimentos. Tanto na população operaria, como na rural, tanto nos que crestados pelo sol pleno dos campos esgotam a vida, puchandó ao cabo da enchada, como nos que na manobra das machinas, ao pedal do torno do tear ou no desempenho d'uma taboa no vae-vem da garlopa, vão dia a dia gastando a mocidade, se accentua uma nova orientação, deliberadamente tomada, cuja formula se resume na *união pela vida*. Concentram-se forças, aproveitando os minimos esforços individuaes postos em com-



mum. A associação a que nos estamos referindo, n'este proposito caminha, e para confirmação d'elle basta considerar o augmento progressivo das receitas sociaes, ou a tiragem crescente e excepcionalmente avultada que attinge o seu jornal. A quota estatutaria é de 20 réis por semana; pois estas minimas contribuições enchem o mealheiro commum com mais de trinta e tres contos de receita annual, o que representa numero superior a trinta e dois mil associados.

É curiosa, extremamente pratica e d'uma rara providencia a formula como os estatutos de *A Voz do Operario* evitam a perturbação inherente ao grande numero e subtrahem a administração interna ás naturaes vicissitudes que podem determinar as paixões e os enthusiasmos de momento, cujo mal tarde se remedeia, quando mesmo se chega a reconhecer.

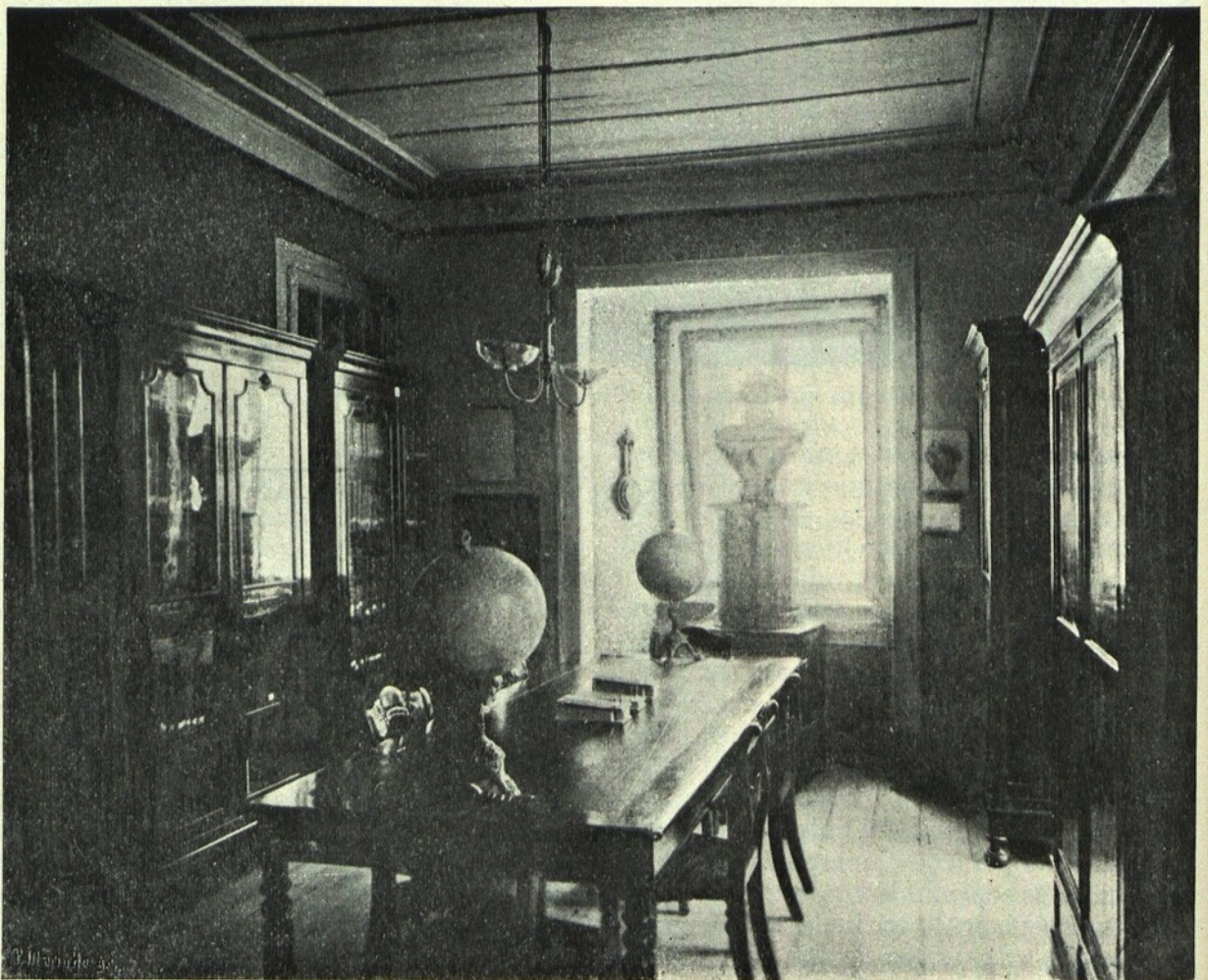
*A Voz do Operario*, como jornal, foi fun-

admissão de socios auxiliares contribuintes com a mesma quota semanal de um vintem, gosando de todas as garantias e vantagens, *excepto a de votar e a de ser votado*.

O socio auxiliar póde comtudo fazer parte das commissões eleitas pela assembléa geral para auxiliar os corpos gerentes na realisação dos fins sociaes.

Nos Estados Unidos alguma cousa de parecido se tem feito recentemente nas uniões operarias; e não é indifferente para o exito e prosperidade d'estas instituições, para a disciplina indispensavel e para a fusão de todos os elementos individuaes no proposito commum, esta organização interna, de grave responsabilidade para os que dirigem, mas de constante fiscalisação exterior que ao mesmo tempo os obriga a procederes meditados,

O exemplo é convincente; a importancia das receitas demonstra a agremiação voluntaria; a applicação dos fundos attesta o es-



SALA DA BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE A VOZ DO OPERARIO

dada em 1879, por manipuladores de tabaco, e por estes mesmos se constituiu a sociedade de instrucção e de beneficencia, que continúa agora a sua publicação; porém permittiu a

tricto cumprimento dos fins da sociedade. Cerca de metade, quasi quatorze contos são annualmente dispendidos com a instrucção, ministrada em *sessenta e cinco* escolas, fre-



quentadas por cerca de 2.000 alumnos, de ambos os sexos, menores e adultos.

O operario portuguez comprehendeu que na concorrência da vida moderna a mais poderosa força para o ganho diario e para a defesa dos interesses economicos era o cultivo da intelligencia, ao menos o saber sufficiente, e por isso desenvolveu na sua mais numerosa agremiação a escola elementar, lutando com a rotina, com a tradição, com o atraso da instrução geral. E nem sempre se avalia com justiça o esforço ou o sacrificio de tempo que se traduz em diminuição de jorna e que a familia operaria precisa fazer para educação dos filhos. Multiplicando as escolas, espalhando-as pelos bairros de Lisboa mais populosos, a sociedade benemerita presta um valioso serviço ás classes trabalhadoras e necessitadas, facilitando o ensino elementar, pratico, a alumnos de ambos os sexos com uma minima despeza semanal



Descrevendo em rapido escorço a organização, os fins, e os serviços da mais numerosa sociedade popular que conhecemos no paiz, prestimosa e sympathica, e talvez a unica que reúne tão avultadas receitas por meio de cotisações minimas, dispondo para a propaganda dos ideaes economicos d'um jornal, a arena moderna de luta, onde os interesses das classes trabalhadoras são defendidos, quizemos dar uma idéa geral da grandeza do movimento operario portuguez, sensatamente orientado em instituição pacifica, aberta a todas as escolas, e a todos os systemas, independente das situações especiaes que o momento politico ou economico mais ou menos determina, a paixão sobressalta e o interesse individual involuntariamente desvirtua.

Em volta d'esta sociedade, n'outro meio d'acção bem distincto, congregam-se as associações de classe. Como os centros de ondulação sobre a superficie da agua se formam, se alargam em circulos concentricos, simulta-

neamente sem se confundirem, o trabalho d'estes diversos grupos segue isolado na apparencia, desenvolve-se em direcções oppostas,



OFFICINA TYPOGRAPHICA DO JORNAL «A VOZ DO OPERARIO»

mas todo converge para um resultado superior e unico, a melhoria das condições de vida, a garantia de trabalho consecutivo, a satisfação de legitimas aspirações.

Recentemente, nos Estados-Unidos e na Australia, os chefes do movimento operario, tendo comprehendido, verificado pela experiencia, e convencido os dirigidos da vantagem pratica e effectiva obtida á medida que punham de parte os processos aggressivos, que isolam e afastam, para adoptar os meios conciliadores que chamam sympathias, teem conseguido interessar toda a gente na resolução do seu problema, e variam de artificio conforme as circumstancias. Das grèves proveio-lhes o ensinamento salutar de quanto mais amiudadas e produzidas com o fim de encarecer o trabalho manual ellas eram, tanto maior era o estimulo das invenções mechanicas que dispensavam a intervenção do braço humano, tanto mais concorriam em geral para augmentar a producção dos artigos, diminuir-lhes o custo e como consequencia extrema lesar, em vez de proteger, o preço da mão d'obra.

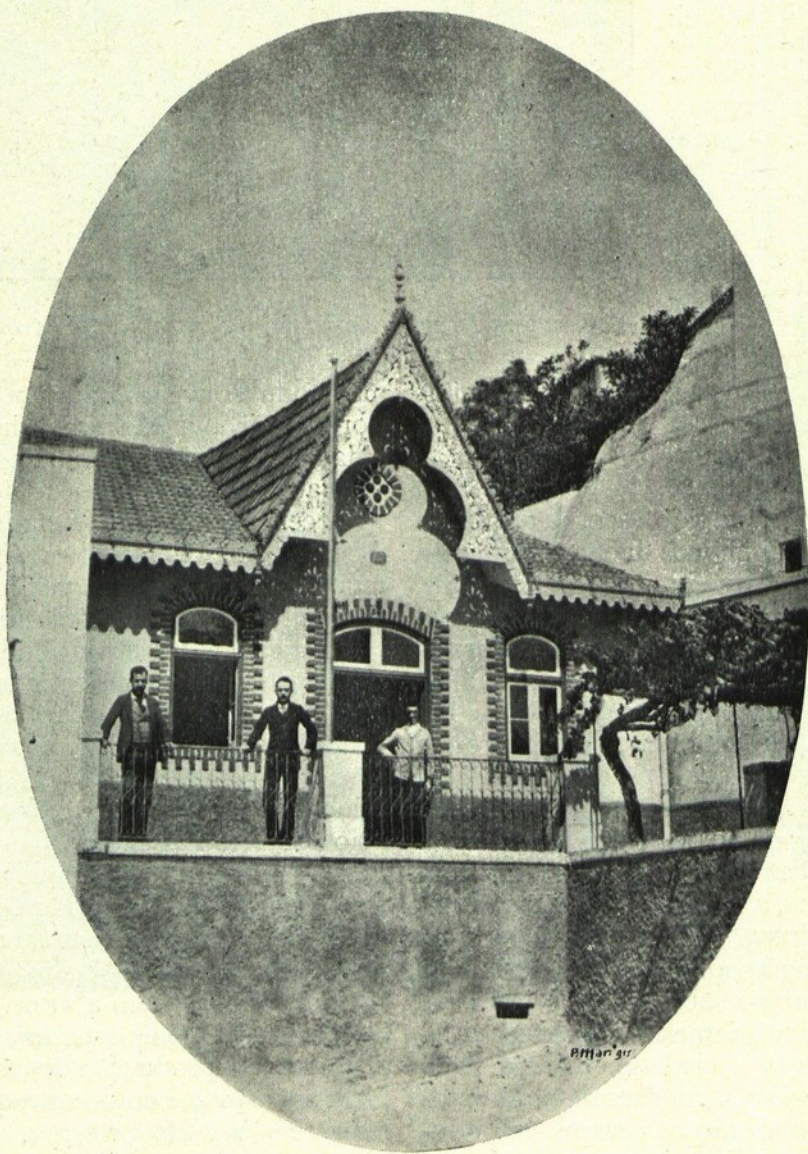
Meios mais simples, d'applicação oppor-



tuna produzem resultados mais effectivos. Para citar, entre milhares de exemplos, um qualquer contaremos o processo seguido em Cincinnati para melhorar as condições de trabalho violento, extenuante, e mal pago das costureiras de armazem. A união operaria, denominada conselho central de trabalho, dirigiu-se ás damas de Cincinnati, solicitou d'ellas, appellando para os seus naturaes sentimentos affectivos, que não comprassem onde não havia accordo, onde não apparecesse a *marca* operaria; porque d'outra forma estavam inconscientemente animando e estimulando o trabalho de creanças. As damas d'aquella e d'outras cidades interessaram-se pelo caso, formaram ligas, e a situação das infelizes costureiras melhorou pelo auxilio das grandes damas, que até então vestiam despreoccupadas as louçanias opulentas, cosidas pela miseria e por creanças de sangue emboprecido.

No nosso paiz, onde ainda não existia a grande industria poderosa, onde não se aponta um centro de producção fabril pertencente a um particular ou a uma companhia que atinja a grandeza d'uma cidade, como o estabelecimento do Creusot, onde ao contrario se dividem as fabricações, a vida operaria tem uma feição bem diversa da que tem assumido no estrangeiro. E a cada meio, a cada passo, se applicam procedimentos de defeza apropriados.

A moderna formula da *união pela vida*, substituindo o conflicto de classes, ou atenuando a crueza do *struggle for life* do determinismo scientifico, tem no nosso paiz, onde os sentimentos da mais subtil caridade floresceram sempre de par com as isenções altivas do character independente, vasto campo para se desenvolver; e por isso a vemos a cada passo nascer expontanea e exuberante, como essa de que demos um exemplo.



CASA DAS OFFICINAS TYPOGRAPHICAS



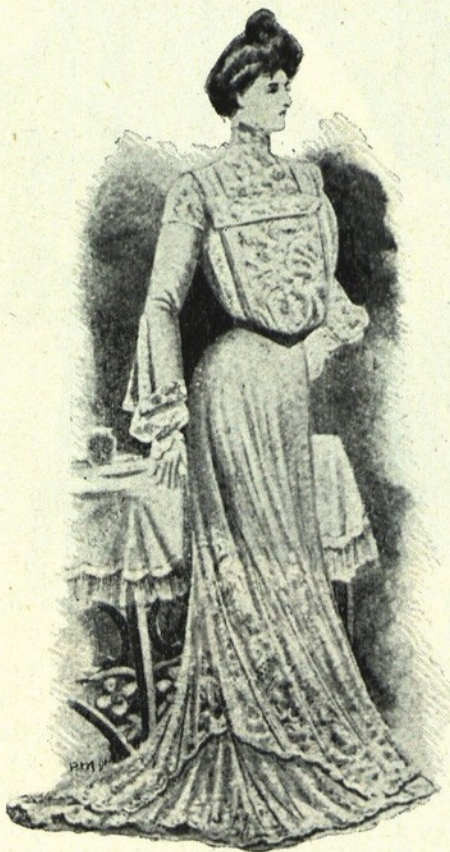
# MODAS

A MODA, apesar da sua despotica autoridade em rapidas determinações, tambem soffre de quando em quando do mal da vontade, tem hesitações; que não raro se confunde a deliberação precipitada e irreflectida com a resolução prompta, o capricho volitivo com o querer resultante de bom juizo. O certo é que a moda, surpreza pelos rigores extraordinarios e prolongados do inverno, hesita na preparação da primavera.

Não sabe se as fazendas leves, claras, de tecido phantasioso que mandou fabricar, as cascas, as mousselines, as setinetas de novo lavor e perfeição, em que a mechanica e a tinturaria moderna transformaram as chitas, algodões estampados, poderão ser desde já adoptados na confecção dos novos modelos, todos tendentes a remoçar tradições de renascença, com grande dispendio de rendas e de bordados. A moda, portanto, n'este mez que antecede a entrada franca e risonha da primavera, contemporisa no aproveitamento dos materiaes existentes, utiliza o panno, ainda de corpo espesso e de pêllo em acabamento de *cheviot*, para recortar *boleros* andaluzes sobre saias compridas, ou traçar sobre o busto gentil, que os colletes modernos tornam exuberante, casacos largos e curtos com botões em esmalte.

Claro está que se apresentam desde já modelos como definitivos; porém informam autoridades insuspeitas no assumpto que as verdadeiras creações de primavera estão ainda soffrendo modificações sob o lapis dos desenhistas, á medida que nos *ateliers*, ha pouco em grêve, como toda a gente (tão generalisadas ellas teem sido) as *primeiras* dos grandes estabelecimentos decoram os seus modelos e procuram inspiração na phantasia dos antigos, sobre paginas de velhas composições que as artes decorativas agora fazem resurgir nas linhas d'uma saia, como em curvas de desenho primitivo, nos lyrios dos esthetas ou na ourivesaria trabalhada e largamente ornamentada.

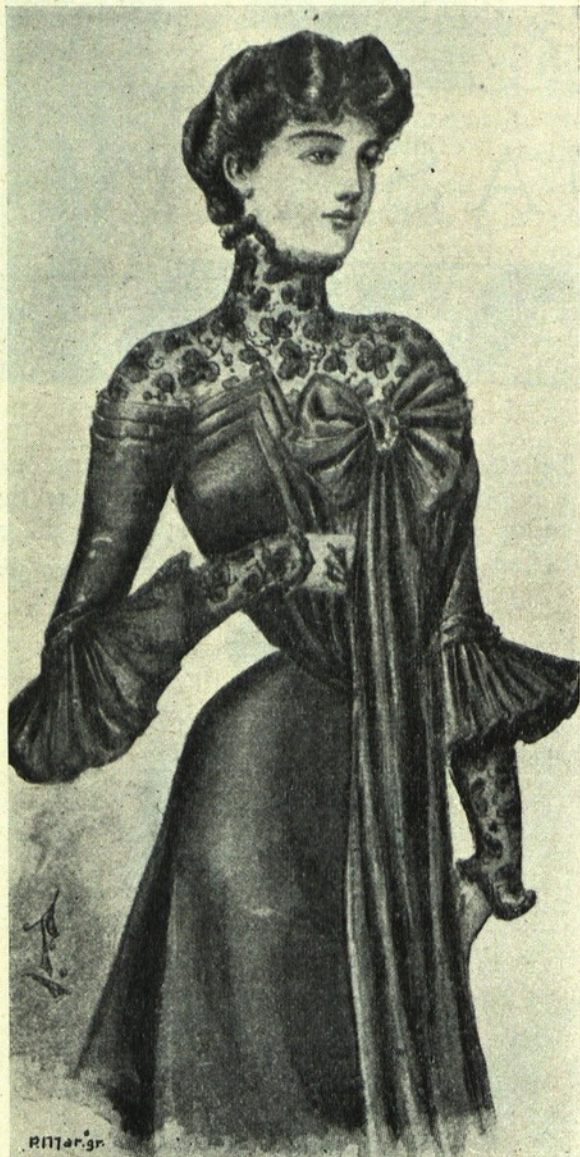
**Toilettes de senhora.** — As tres illustrações que publicamos dão idéa clara do genero de vestidos agora usados para recepção de dia e para jantar, adaptados á época da quaresma,



sedas e rendas pretas, mangas guarnecidas de fôfos nos cotovellos, dividindo-as da parte inferior em renda bordada e aberta. A primeira d'estas tres illustrações representa, porém, uma *toilette* de jantar, clara, de saia dupla, em tecido leve e *blouse*, fazenda de phantasia, genero Pompadour, que parece deverá ser o genero e o feitio mais adoptado na entrada da primavera. Voltarão portanto, as fazendas claras, com desenho de flôres pequenas, applicadas, tecidas ou bordadas.



**Vestuarios de meninas.** — A nossa illustração representa duas *toilettes* apropriadas uma para tura, onde se ajusta por um cinto em setim da guarnição, abre na frente para mostrar um



menina de 14 a 16 annos, e outra para menina de 10 a 12 annos.

A primeira compõe-se de saia curta de cachemira, de côr variada, sendo o azul e o castanho mais usados, guarnecida á roda da bainha com fôlhos em prégas á Van-Dyck, seguros com um vize de setim da mesma côr, em tom mais vivo da fazenda empregada. O corpo franzido nos hombros e sobre o largo até a cin-

peitilho de setim crême, coberto de renda grossa de *guipure*. As mangas de fazenda são curtas, e prolongam-se até aos pulsos por meio de canhões de setim e renda.

A segunda compõe-se d'uma saia de fazenda lisa, enfeitada com tres viezes da mesma fazenda ou de velludo, e d'um casaco curto e largo, debruado de velludo, abotoado ao lado, e gola tambem de velludo.

### JOIAS

**E**M todo o tempo, as joias foram encanto do bello sexo; mas, em boa verdade, o sexo feio não as despreza e não se furta ao vaidoso prazer de as usar. Os aneis enfeitam todos os dedos, e os alfinetes de gravata ou manta disputam primazias de valor e de trabalho artistico aos que se destinam a pren-

der em bustos gentis finas rendas trabalhadas. As joias são todavia adorno predilecto das damas, e muitas ha que conhecem a mineralogia das pedras preciosas melhor do que um engenheiro de minas os silex e os calcareos. Conhecem-lhes menos o valor do custo; que a satisfação d'um capricho, medida vul-



gar das avaliações femininas, pode traduzir-se em fabulosas sommas dispendidas, e quantas despreocupadas e felizes trazem nos cabelos em diademas, ou em volta do collo a realçar perfeições de esculptura incomparavel, fortunas immobilizadas. Tem fascinações estranhas a belleza luminosa das joias que parece terem sido feitas, como as constellações, para a noute. A moda, sempre inconstante nas suas determinações, tem preferencias de momento; ora escolhe umas para as evidenciar, ora esquece outras que perdem de valor. E' extremamente incerto este commercio especial; por isso elle tem de se garantir pelo custo geral contra as vicissitudes inesperadas. As pedras preciosas soffrem oscillações de preço, como os fundos nas bolsas; comtudo conservam, na sua maioria, um valor intrinseco muito apreciavel, como as obras d'arte de ourivesaria onde aquellas se engastam, apesar de postas em desuso pelo feitio que a moda transmuda a cada momento. Assim os pendentos de brincos, em forma de péra, agora pouco usados, teem sido aproveitados, quando trabalhados em bella arte decorativa e de fórma graciosa, para fabricar magnificos alfinetes ou pregos de prender chapéus. Assim, as magnificas fivellas antigas, grandes, guarnecidas de brilhantes, que talvez brillassem,

em pleno seculo XVIII, nos sapatos dos abba-des peralvilhos da epoca, são muito aproveitadas para apertar largas fitas de velludo em cinturas gracís. Recentemente a opala leitosa, rodeada d'um filete de brilhantes, fez moda; a opala, dizem, ser o symbolo do feitio perturbador que possuem os caracteres voluveis e significar em linguagem *semper mobile*. Curiosa igualmente a correspondencia convencional expressa pelas pedras, como a linguagem das flôres, ou como os attributos symbolicos que lhes são dados pela tradicção.

A *agata* raiada ou o olho de gato protege do mau olhado; dá saude, riqueza, longa vida! E' uma pedra muito estimada pelos indios. A *amethysta* significa sciencia, humildade e sinceridade; e comtudo era consagrada na velha religião grega a Baccho. O *coral* pos-

sue a virtude de afugentar assassinos e de evitar os pesadellos; tambem a *turqueza* preserva de morte violenta e significa — *não me esqueças*. E' por esta ultima razão ornato obrigado dos anneis de nupcias na Russia, e como os costumes do grande imperio moscovita agora se vulgarisam e se imitam por snobismo, em anneis de nupcias mais ou menos celebres tem sido recentemente adoptada para fundamento decorativo, embora se use tambem duas pedras enlaçadas, como a perola e o brilhante. A turqueza é a pedra predilecta da czarina, e figura sempre nos presentes que a imperatriz offerece ás pessoas a quem quer honrar com a sua estima.

O *cristal de rocha* quer dizer *alma e coração limpidos*, como o *diamante* é a pedra da reconciliação. Affirma a

lenda que a *esmeralda* acalma as convulsões da epilepsia; e ao mesmo tempo symbolisa esperança. A *granada* quer dizer lealdade, amizade sincera, como o *lapis-lazuli* tem a força de attrahir sympathias para quem o traz nas suas joias, além da virtude de conservar a vista, conforme rezam velhas superstições. O *rubi*, quasi tão raro hoje como uma boa perola e mais caro que o brilhante, dá felicidade e preserva de falsas amizades. Significa a *saphira*, consciencia pura, verdade; o *topazio*, riqueza e esplendor.



A moda tem felizmente ido buscar ás antigas gavetas, onde se haviam guardado quasi como inuteis, muitas pedras de preço diminuto, e outras, como o coral, o crystal de rocha, a cornalina, e tem-as imposto ao uso e ao bom gosto das elegancias mundanas. As joias, onde se engastam, devem ser em ouro finamente trabalhado; vêem-se nas ourivesarias afamadas objectos d'arte, maravilhas de montagem e de bom gosto que fazem evidenciar aquellas humildes pedras, associando-as ás de grande valor. Voltam a usar-se e são procurados os bons mosaicos e os esmaltes para pulseiras. Daremos opportunamente reproducções de modelos de ourivesaria moderna para servirem de indicação ás nossas leitoras, nos arranjos, e nos aproveitamentos que tiverem de mandar fazer.



## DECORAÇÃO DE CASA

**P**ELO arranjo d'uma casa que se visita, pela disposição dos moveis, pela decoração apropriada, pelo aceio escrupuloso, se conhece e se aprecia a dona de casa, na sua influencia bemfazeja, tornando o lar confortavel e alegre, que prende sympathias, impõe respeito e conquista estima. A mulher portugueza é felizmente caseira e arranjada, desejosa sempre de alindar quanto possivel a sua habitação. Falta-lhe por vezes a educação necessaria para aprimorar o gosto artistico; porém, não é culpa d'ella, que é em regra intelligente e viva de comprehensão. Quasi sempre lhe não facultam os meios e os modelos para apprehender e adaptar; quasi sempre lhe limitam o ensino á copia ou á imitação de cousas que os usos modificaram, que o bom gosto ou a moda caprichosa pozeram de lado, ou n'uma mescla extravagante confundem épocas e estylos, applicações e utilidades. Todavia, ella pacientemente, n'um louvavel desejo de agradar, n'um gracioso impulso de sentimento amavel, gasta tempo e trabalho assiduo na confecção de objectos que a critica aponta depois como inaceitaveis, mesmo ridiculos, magoando com o sorriso desdenhoso tanta intenção adoravel, tanto interesse affectivo e bom. Pena intima, benevolencia attenciosa, é que deveria haver.

De resto, não é apenas a educação artistica a unica influencia decisiva sobre os aspectos do lar domestico, n'este capitulo muito especial da decoração de que estamos dizendo. Pondo de parte influencias moraes, o clima tambem actua poderosamente. A graça amaneirada do *interieur* francez, o aconchego utilitario do *home* inglez, a severidade levemente sombria das casas flamengas e hollandezas reflectem em grande parte as exigencias do meio ambiente. Entre nós, o inverno dura trez mezes, quando rigoroso; o resto do anno é doce, vivido, cheio de sol que extenua e esgota. Não ha quasi necessidade do fogo; apenas a brazeira se torna indispensavel aqui e alli, fugitivamente, tanto ao norte, nas montanhas cobertas de carvalheiras, como ao sul, nas planicies alemtejanas. E d'esta benignidade do clima derivam mil aspectos diversos dos que determinam nos paizes do norte as janellas largas envidraçadas para deixar entrar a luz escassa, como se fossem paredes de vidro, sempre fechadas ou apenas abertas em postigos de ventilação; dos que tornam indis-

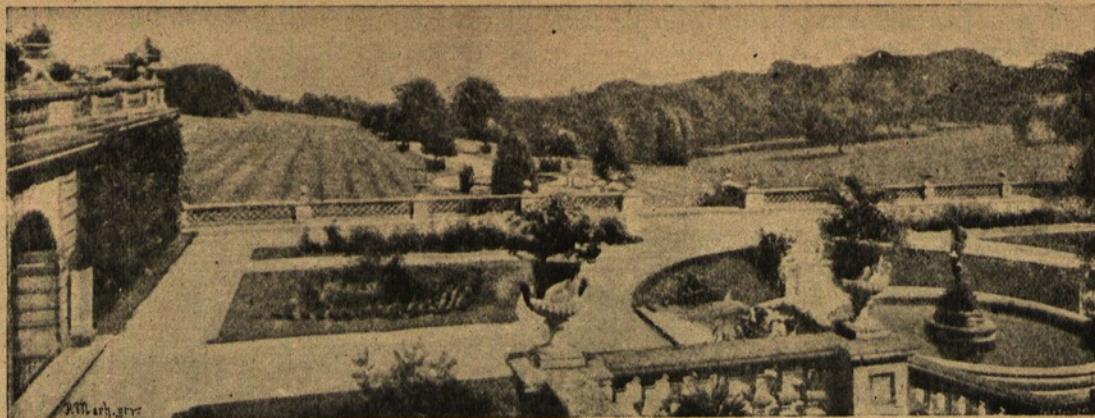
pensaveis chaminés ou fogões, decorando paredes inteiras ou recortando cantos de sala, resguardados por paraventos que limitam a irradiação do calor, e dos que exigem abundancia de plantas de interior para supprir a efflorescencia espontanea que a natureza aqui prodigalisa.

O clima, a paisagem, o meio produzem a architectura local, alteram a transplantada, determinam novos motivos de decoração. Comtudo o bom gosto, guiado por um criterio seguro e educado, imprime um cunho especial; e as flores, as janellas, as chaminés podem prestar-se, em toda a parte, nos usos a que se destinam, conforme as latitudes, a uma decoração artistica, como os moveis, os utensilios domesticos, as proprias ferramentas, até as machinas de trabalho. Por exemplo: nada mais decorativo e elegante do que a roca, a fiandeira, a dobadoura ou o tear manual.

Não é essencial a riqueza para alindar um interior; com modestos recursos bem aproveitados consegue-se aformosear uma casa, torna-a appetecivel, convidativa para o repouso, para a vida intima, insubstituivel da familia. No nosso paiz abundam os elementos na ceramica, na tecelagem, e no mobiliario para compôr ornamentações graciosas e distinctas que podem substituir com vantagem as importações a esmo, incaracteristicas, e tão abundantes sem necessidade. Forneceremos n'esta secção ás damas que presidem ao arranjo das suas casas, modelos variados, indicações praticas, que lhes permittam executar decorações ou dirigil-as, consoante os recursos disponiveis. Dispõem-se flôres tão elegantemente n'uma jarra de Saxe ou n'uma floreira do Japão, como n'um açafate ou n'uma alcofa das Caldas; forram-se moveis tão graciosamente com tapeçarias ou fazendas de seda como com chitas de desenhos escolhidos; recobre-se em apanhados de finas rendas um espelho de toucador ou enfeita-se um piano de salão com um chaile de Tonkin, como com egual distincção se póde aproveitar um pedaço de cassa bordada senão e forrada de setinetas de côres brilhantes. Alguns modelos com que illustraremos esta secção dirão melhor e mais facilmente do que largas explicações; que pelo exame dos desenhos e das reproducções de interiores artisticos o gosto apura-se rapido, e a phantasia suggere modificações apropriadas.







OS JARDINS DE OSBORNE HOUSE

# VARIEDADES

## MEMENTO ENCYCLOPEDICO

*D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista, procuraremos dar noticia, acompañada quanto possível de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade. Para cada capitulo iremos abrindo secções que constituem um repositorio de factos ou de curiosidades e que sejam de facil consulta, quer se procurem por datas, quer por paizes.*

**JANEIRO** — 1 *Hespanha* — Inauguração official, em Madrid, da estatua de CANOVAS.

— *China* — Revista de tropas, em Pekin, festejando o anniversario da proclamação da rainha Victoria como imperatriz das Indias.

2 *Portugal* — Sessão solemne da abertura das côrtes, em Lisboa.

— *Republica Argentina* — As Republicas Argentina e do Chile, assignam a confirmação do antigo protocollo a respeito da delimitação da fronteira.

— *Inglaterra* — Chegada de LORD ROBERTS a Osborne; é recebido pela rainha Victoria, que lhe confere o titulo de duque e a ordem da Jarreteira. O illustre marechal de regresso á patria tocou em terra portugueza e foi recebido com as honras que se lhe deviam; por isso da sua passagem na Madeira damos dois episodios em gravura.

— *Sul de Africa* — 1:400 prisioneiros boers embarcam na cidade do Cabo com destino a Santa Helena.

4 *Inglaterra* — SIR ALFRED MILNER é nomeado governador do Transvaal e do Orange, republicas annexadas á corôa britannica.

9 *Hespanha* — É approvedo no Senado de Madrid o tratado de commercio com o Japão.

10 *Inglaterra* — Rebenta um violento incen-

dio em Brooklin, ficando queimados alguns vapores e varias embarcações, resultando enormes prejuisos.

— *Hollanda* — A camara alta de Haya approva o projecto do casamento da rainha Guilhermina.

— *Japão* — Morrem afogados nas costas orientaes do Japão, 400 pescadores, em consequencia de tempestades.

11 *Estados Unidos* — O senado de Washington approva o projecto de lei que eleva o numero de deputados a 386.

12 *França* — 150 operarios das officinas de construcções electricas da casa BREGUET, em Donai, constituem-se em greve por motivo de diminuição de salario.

13 *Hespanha* — Em Barcelona um comicio tumultuoso péde ás côrtes a abolição das tou-  
radas.

14 *França* — Começam os debates parlamentares na camara franceza sobre a lei geral de associações que envolve a questão religiosa. — É preso em Nice o principe russo VICTOR MAKADCHIZE, accusado de conjuração contra o czar.

— *Marrocos* — É nomeado ministro dos negocios estrangeiros do imperio marroquino, Abd-el-Krin-ben-Sliman.



—*China*—É assignado o protocollo da paz na questão da China.

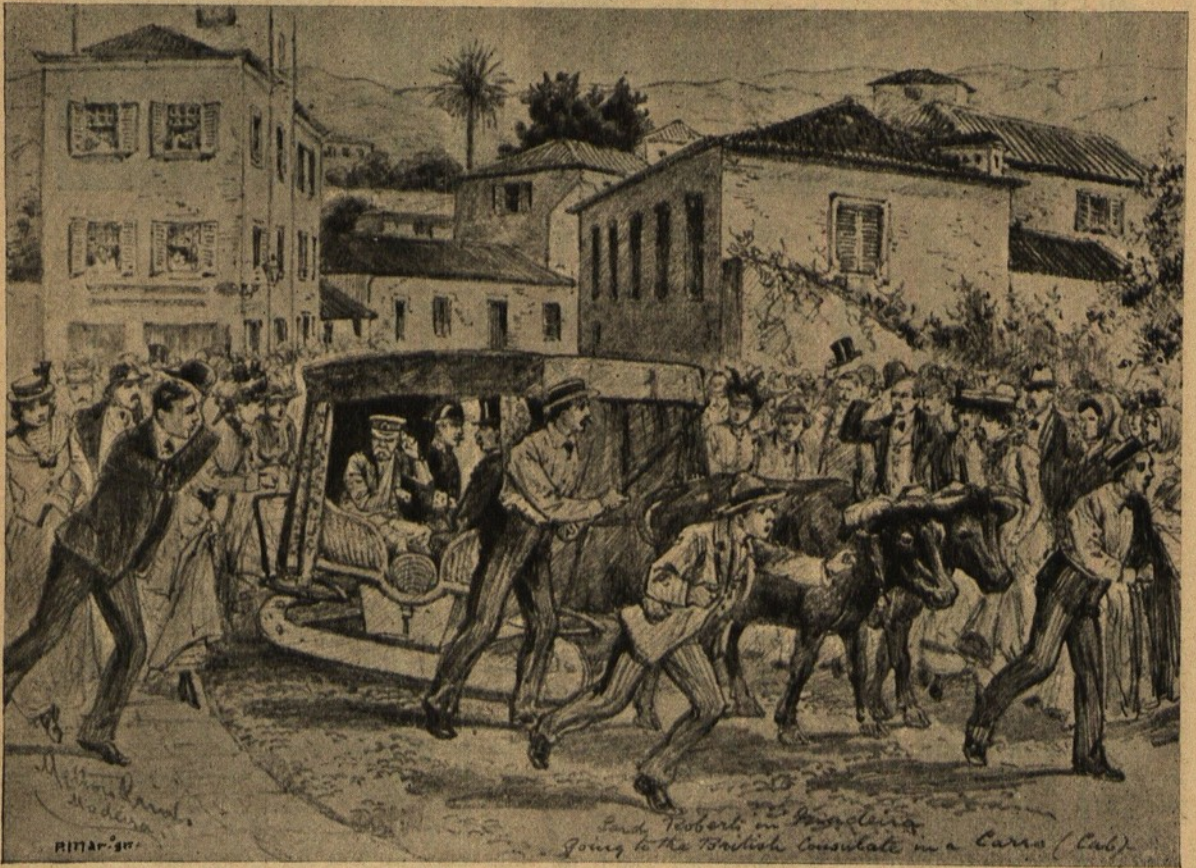
16 *Belgica*—Os operarios das pedreiras de Lesnires, declaram-se em grêve, reclamando augmento de salario.

17 *Allemanha*—Commemoração em Berlim da instituição da ordem da AGUIA NEGRA,

diarios, suppressão de pernoitar em casa dos patrões e da distribuição do pão ao domingo.

—Nova grêve dos cocheiros da *Compagnie générale* de Paris.

21 *França*—500 mineiros de Mont-Maillot, Lucy e Magny e Monteceau-les-Mines declaram-se em grêve pedindo augmento de salario.



LORD ROBERTS NA MADEIRA — DIRIGINDO-SE PARA O CONSULADO INGLEZ

Reprodução d'uma illustração do sr. Mello Prior, publicada por «The Illustrated London News»

a mais nobre da Prussia, instituida por Frederico I, em 17 de Janeiro de 1801.

—*China*—Os plenipotenciarios chinezes entregam aos representantes das potencias uma copia do decreto do imperador, com o sello imperial, accetando as condições da nota collectiva.

—*Suecia*—Abertura do parlamento.

18 *Allemanha*—200º anniversario do reino da Prussia.—Fundação da «Ordem para o merito da Corôa da Prussia».

—*Estados Unidos*—O senado de Washington approva a lei de reorganisação do exercito, cujo effectivo é elevado a 100:000 homens com as respectivas bandas de musica.

19 *Austria*—Constitue-se a nova camara de deputados do REICHSRALL em Vienna.

—*Italia*—É inaugurada a nova linha telephonica, Florença-Pistoia-Lucques-Pise-Livourne, comprehendendo 120 kilometros.

20 *França*—700 manipuladores de pão em Lyon declaram-se em grêve geral reclamando a reduçção a 11 horas de trabalho, 5 francos

22 *Inglaterra*—É proclamado rei de Inglaterra o Principe de Galles, reinando sob o nome de EDUARDO VII.

23 *Canadá*—Um grande incendio no bairro do commercio por grosso em Montreal consome dez armazens cujo valor, inteiramente perdido, é avaliado em cinco milhões de dollars.

25 *Bulgaria*—O general Petrof assume a presidencia do gabinete conjunctamente com as pastas do interior, dos negocios estrangeiros e dos cultos. O coronel Papritrof conserva a pasta da guerra, e interino das obras publicas. O sr. Dautchef fica na justiça, o sr. Peef na instrucção publica, e o sr. Toutchef é nomeado para a fazenda. Esta constituição de ministerio, em pleno periodo eleitoral, denuncia um gabinete de resistencia.

—*Italia*—O sr. Saracco, presidente do conselho, pronuncia no senado um notavel discurso de appello ás forças conservadoras do paiz contra o perigo revolucionario, a proposito da ultima grêve de Genova.



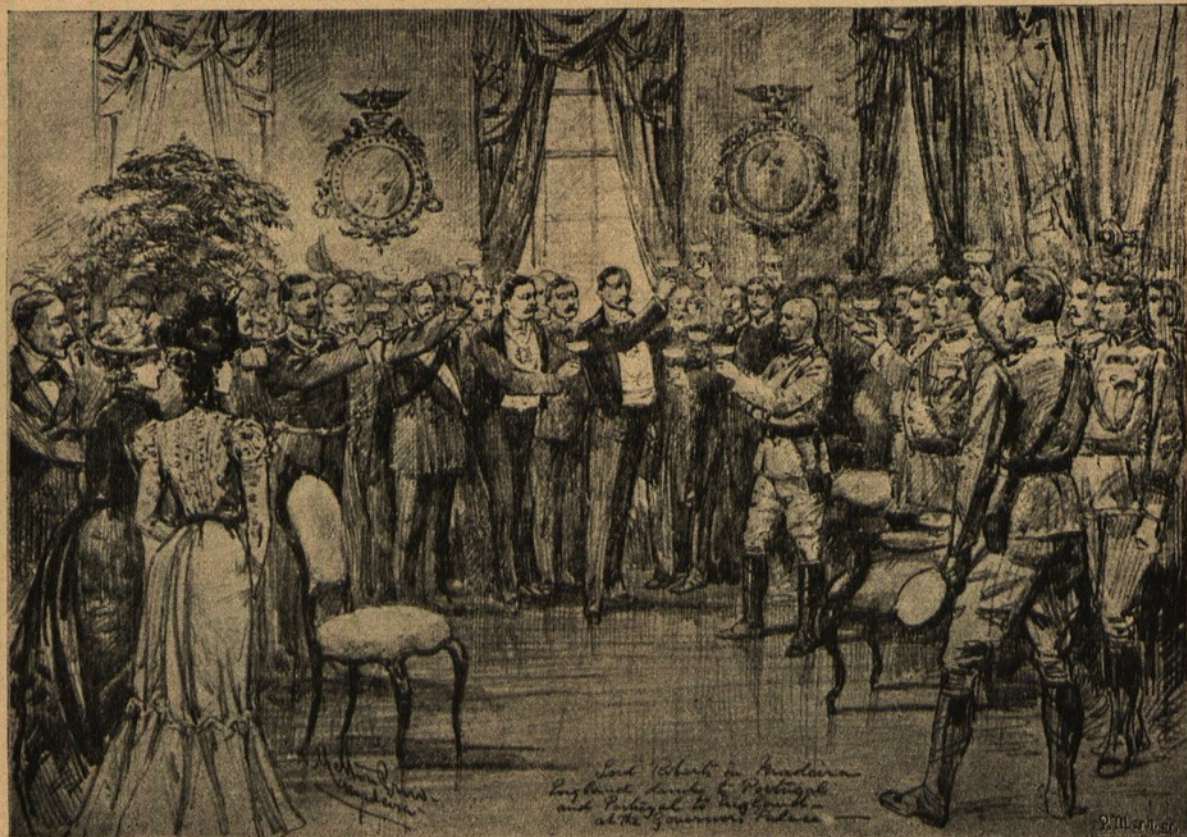
26 *Portugal*—Sae do Tejo para Lourenço Marques no vapor *Zaire* uma expedição militar sob o commando do capitão Alvares Pereira.

—*Hespanha*—O conselho de ministros hespanhol, approva o projecto de decreto de indulto geral, incluindo delictos da imprensa,

—*Hespanha*—A RAINHA DE HESPANHA sanciona o tratado do commercio com o Japão.

—*Roma*—O PAPA faz distribuir aos cardeaes e aos embaixadores uma nova encyclica, datada de 18 de janeiro, sobre a clemencia christã.

29 *França*—Cessam o trabalho todos os



LORD ROBERTS NA MADEIRA — BRINDE DO MARECHAL AO REI DE PORTUGAL NO PALACIO DO GOVERNADOR CIVIL

Reprodução d'uma illustração do sr. Mello Prior, publicada por «The Illustrated London News»

por ocasião do casamento da princeza das Asturias.

27 *Allemanha*—Anniversario natalicio do IMPERADOR DA ALLEMANHA.

—*China*—O parlamento chinez vota a execução de YAN-SIEN e do PRINCIPE TCHUNG.

28 *Portugal*—Sessão solemne no parlamento portuguez para juramento de Sua Magestade a RAINHA D. AMELIA como regente do reino na ausencia de Sua Magestade EL-REI D. CARLOS em viagem para Londres afim de assistir ao funeral da rainha de Inglaterra.

—*Inglaterra*—O rei de Inglaterra, EDUARDO VII, é proclamado em Pretoria, senhor supremo do Transvaal.

—*Italia*—1500 operarios dos estabelecimentos metallurgicos em Napoles declaram-se em gréve.

—*França*—Batem-se em duello á espada no velodromo do Parque dos Principes em Paris os professores de esgrima, ATHOS DE SAN-MALATO, italiano, e DAMOTTE, francez, ficando este ferido na axilla direita.

empregados do caminho de ferro metropolitano de Paris, ficando interrompido o serviço dos comboios e occupadas militarmente as estações.

30 *França*—Os cocheiros de Toulon declaram-se em gréve protestando contra os regulamentos de policia.—O conselho Municipal de Marselha prohibe aos ecclesiasticos e religiosos o uso da sotaina.—600 operarios das officinas do monopolio dos phosphoros em Pantin e Aubervilliers, declaram-se em gréve, reclamando contra a direcção de M. Bloch e contra as deliberações tomadas a respeito das associações de classe.

FEVEREIRO — 1 *Hespanha*—Os empregados da companhia dos caminhos de ferro de Madrid-Caceres-Portugal declaram-se em gréve.—A representação no theatro hespanhol do drama de Galdós, *A Electra*, determina uma importante manifestação anti-clerical.

2 *França*—550 operarios da Companhia geral de lampadas de incandescencia em Ivry-



sur-Seine declaram-se em grève, reclamando contra a diminuição de salario.

— *Italia* — Na camara dos deputados em Roma é approvada a proposta declarando monumento nacional a casa em que morreu Verdi.

— *Estados-Unidos* — O presidente Mac Kin-

deposits da companhia do mar Caspio e do mar Negro em Bakon, onde estavam 35 milhões de *pouds* naphta (o *poud* corresponde a 16,381 kilogrammas) communicando-se a outros que continham 12 milhões de *pouds*, pe-recendo grande numero de pessoas e ficando reduzidas á miseria 400 familias operarias.



RAINHA GUILHERMINA, DA HOLLANDA



PRINCIPE HENRI DE MECKLEMBOURG

ley assigna a lei de reorganisação do exercito federal.

— *Montenegro* — O governo do principado decide a construcção do seu primeiro caminho de ferro, 160 kilometros entre Antivari e Nikochitch.

— *Inglaterra* — Funeral solemne da rainha de Inglaterra, com a assistencia do imperador da Allemanha, dos reis da Belgica, de Portugal e da Grecia, e de representantes extraordinarios de todas as nações.

3 *França* — Encerramento geral da caça a tiro em toda a França.

4 *França* — Determina-se um enorme *krach* no mercado de oleo de linhaça em Arras, arastando á fallencia numerosos negociantes.

5 *França* — Os operarios empregados na descarga de mineraes no porto de Dunkerque declaram-se em grève, reclamando augmento de salario.

— *Hespanha* — E' declarado em estado de sitio Gijon por causa da grève. O numero de grévistas eleva-se a 15:500.

6 *Italia* — O ministerio pede a demissão em consequencia da camara dos deputados approvar um voto de censura ao governo por causa do encerramento da camara do commercio de Genova.

— *Russia* — Um enorme incendio destroe os

7 *Mexico* — Dá-se uma terrivel explosão de dynamite n'uma mina de prata em Sant-Andrés, victimando 97 operarios e ficando feridos numero muito superior. A mina estava avaliada em 20 milhões de dollars.

— *Hollanda* — Realisa-se em Haya o casamento da rainha Guilhermina com o principe Henri de Mecklembourg e Schwerin.

A rainha Guilhermina Helena Paulina Maria, princeza de Orange Nassau, cujo retrato damos, bem como o de seu esposo, nasceu em 31 de agosto de 1880, contando portanto vinte annos completos. Succedeu a seu pae, o rei Guilherme III em 1890, ficando sob a tutela e regencia de sua mãe a rainha Emma, que conta hoje, 42 annos de idade.

O noivo pertence á casa soberana do grão-ducado de Mecklenburgo-Schwerin, casa fundada no seculo xvii pelo duque Christiano Luiz, e elevada a grão-ducado em 1815. O chefe soberano tem o titulo de grão-duque, e os irmãos o titulo de duques e alteza.

— *França* — Os operarios de varias manufacturas de Merville declaram-se em grève, reclamando augmento de salario. 500 operarios carpinteiros de construcções navaes em Saint Nazaire declaram-se em grève pedindo 10 horas de trabalho. Os alfaiates das casas de modas parisienses declaram-se em grève.



— *Hespanha* — A rainha de Hespanha assigna os decretos concedendo o indulto geral por occasião do casamento da princeza das Asturias.

9 *Estados-Unidos* — O ministro da marinha delibera estabelecer a telegraphia sem fios em varios pontos da costa, com o fim de estabelecer communicacão com os navios a 500 milhas de distancia.

— *Inglaterra* — O governo inglez emite 11 milhões sterlinos em *bons* do thesouro pagaveis em 1905.

— *China* — YOUAN-CHI-KAI lança uma proclamação ameaçando todos os que ultragem os missionarios e estrangeiros em Chang-Toung.

10 *Hespanha* — Manifestação tumultuosa em Madrid contra o conde de Cazerta e os jesuitas, effectuando-se numerosas prisões e ficando feridos muitos manifestantes.

— *Portugal* — Realisa-se em Vizeu um comicio agricola para tratar da crise vinicola, deliberando-se representar ao parlamento, pedindo uma lei que reprima efficazmente a falsificacão dos vinhos; que seja abolido o imposto do real d'agua e o de barreiras, e que se celebrem tratados de commercio, promovendo-se a exposiçãõ de mostruários no estrangeiro.

— *Brazil* — O governo declara não prorogar novamente o praso para importação de vinhos portuguezes que foram suspeitos de conterem acido salicylico.

— *França* — 500 mineiros de Azincourt declaram-se em greve. Reunião agricola em Chartres afim de estudar a questao dos *bons* de importação e emittir votos sobre o projecto submettido ás deliberações do senado.

11 *Hespanha* — Em Madrid, Granada, Sarragoça, Barcelona e Valencia, numerosos grupos de academicos manifestam-se contra o conde de Cazerta e jesuitas, tendo os jesuitas de Granada disparado tiros de espingarda para a multidão, ferindo bastantes pessoas, algumas das quaes mortalmente.

12 *Hespanha* — Celebra-se no paço real de Madrid a cerimonia do contracto matrimonial da princeza das Asturias. Os republicanos festejam com banquetes e veladas o anniversario da proclamação da republica.

13 *Saxonia* — Celebram-se comicios contra os novos direitos sobre os cereaes.

14 *Inglaterra* — Abertura da sessão real do parlamento em Westminster.

— *Hespanha* — Celebra-se em Madrid na

capella do palacio real, o casamento da PRINCEZA DAS ASTURIAS COM O INFANTE D. CARLOS. E' publicada a declaracão de estado de sitio em Madrid e Valencia.

— *Italia* — Constituiçãõ do novo gabinete sob a presidencia do sr. Zanardelli.

— *Allemanha* — O parlamento de Berlim approva o *bill* de indemnidade ao governo na questãõ da China.

— *França* — É comettido um audacioso roubo no museu de antiguidades e numismatica de Lyon, no valor de 100.000 francos, desapparecendo numerosas medalhas e objectos de joalheria bastante raros.

16 *França* — Cerca de 400 operarios metalurgicos de Chalon-sur-Saone declaram-se em greve geral, por falta de trabalho.

17 *Hespanha* — Em Madrid, os cocheiros de praça declaram-se em greve.

18 *Servia* — Reconstituçãõ do novo gabinete servio sob a presidencia do sr. Yovanovitch.

19 *Allemanha* — O ministerio da guerra allemão, approva a nova espingarda automatica.

— *Inglaterra* — Publica-se o *Livro Azul* sobre assumptos da China.

20 *Italia* — Anniversario da eleiçãõ do Papa Leão XIII.

21 *Portugal* — Parte para Loanda a bordo do paquete *Ambaca* onde vae depois da prisãõ penitenciaria cumprir o resto da pena em degredo, o dr. Urbino de Freitas, condemnado pelo crime de envenenamento commettido ha annos no Porto.

— *Estados Unidos* — A commissãõ dos negocios do senado de Washington desapprova a resoluçãõ de Morgan, affirmando o direito dos Estados Unidos para construir o canal de Nicaragua. — A assembléa constituinte da Havana, approva as condições com os Estados Unidos para o reconhecimento da ilha de Cuba. Entre as condições figura a cessãõ de tres portos para deposito de carvão, com guarnições americanas.

— *Servia* — O partido radical promove uma questãõ de legitimidade, oppondo-se a que se declare o filho da rainha Draga, herdeiro do throno, visto o casamento datar só de seis mezes.

— *Belgica* — Manifesta-se um violento incendio n'uma fabrica de electricidade de Bruxellas, ficando completamente destruida e communicando-se a um armazem de estofos e ao *Theatre de la Monnaie*. Os prejuizos são avaliados em dois milhões de francos.



## NECROLOGIA

JANEIRO 5 Grão-Duque CARLOS ALEXANDRE DE SAXE WEIMAR.

7 LORD ARMSTRONG, 90 annos, celebre inventor e constructor de canhões.

9 Monsenhor JOSÉ MORGADÉS, 64 annos, bispo de Barcelona, chefe religioso do catalanismo.

10 General LAMBERT, 67 annos, em Paris, senador de Finisterra e um dos heroes da

guerra de 1870. E' bem conhecido o quadro de Neuville *Les dernières cartouches*, cujas reproducções se espalharam pelo mundo e no qual se memora a heroica defeza de Lambert e de outros officiaes em Bazeilles, n'uma pequena casa, tomada a custo pelos bavaros. Quando á noute, feitos prisioneiros, Lambert e dois officiaes foram apresentados ao principe



real da Prussia, commandante do corpo do exercito allemão, este disse-lhes: — *Não me soffre o animo consentir que se desarmem tão valentes officiaes. Senhores, guardae as vossas espadas.*

— MARQUEZ DE LAUZANI, em Turim, geral da ordem dos Rosminiani, theologo distincto e erudito.

11 LUDOVIC DRAPEYRON, 61 annos, em Paris, distincto geographo, director da *Revue de Geographie*.

— KREUSLER, 94 annos, em Brandebourg, poeta.

12 M. ECK, 62 annos, em Berlim, jurista eminente da Allemanha, um dos auctores do novo codigo civil allemão.

13 MOREAU DE TOURS, 53 annos, em Bois-le-Roi, pintor, auctor dos celebres quadros *La mort de Pichgru* e *Vive la France*.

14 MONSENHOR CREIGHTON, em Londres, bispo anglicano.

— VICTOR BALAGUER, em Madrid, poeta e ministro liberal.

16 ARNOLD BOECHLIN, em Fiesola, perto de Florença, pintor suizo.

— JULES BARBIER, em Paris, conhecido dramaturgo e auctor de numero-

rosos librettos de operas, taes como: *Fausto*, *Mignon*, *Hamlet*, *Romeu e Julieta*, etc., e auctor da peça em verso, *Jeanne d'Arc*.

17 CONDE ANTONELLI, em Roma, explorador africano e embaixador, sobrinho do cardeal ministro do Papa Pio IX.

— DUQUEZA DE MALBOROUGH, em Londres, victima de uma queda de um cavallo.

19 DUQUE DE BROGLIE, em Paris, membro da Academia franceza.

21 MANOEL PASO, em Madrid, poeta hespanhol.

22 RAINHA VICTORIA de Inglaterra e Imperatriz das Indias, 81 annos. Era filha unica de suas altezas reaes, os duque e duqueza de Kent, e nasceu a 24 de maio de 1819; subiu ao throno por morte de seu tio Guilherme IV

em 20 de junho de 1837, foi corôada rainha na Abbadia de Westminster a 28 de junho do anno seguinte, e proclamada imperatriz da India, em Delhi no 1.º de janeiro de 1877. Casára a 10 de janeiro de 1840 com o principe Albert, duque de Saxonia e principe de Saxe Goburg e Gotha, o qual foi designado principe consorte a 25 de junho de 1857 e falleceu a 14 de dezembro de 1861. D'este casamento houve nove filhos dos quaes vivem ainda seis,

sendo o primogenito a princeza Victoria Adelaide que foi a imperatriz Frederico d'Allemanha, o segundo o principe Alberto Eduardo, o principe de Galles, actual rei da Gran-Bretanha.

Durante o longo reinado da rainha Victoria a Inglaterra assumiu um logar proeminente e invejavel como nação.

— GRAMME, em Bois-de-Colombes, proximo de Paris, notavel electricista belga, auctor da machina do seu nome, inventor do primeiro dynamo.

23 CONDE LADISLAS HOYOS, em Vienna de Austria, antigo embaixador.

24 SANCHES, em Madrid, tenente general, chefe dos esta-

dos do rei de Hespanha.

26 BARÃO DE ROTSCCHILD, 74 annos, chefe da casa do seu nome, em Francfort.

27 GIUSSEPPE VERDI, 88 annos, em Millão, celebre compositor italiano, auctor de numerosas operas lyricas, bem conhecidas e apreciadas. Verdi foi um compositor d'uma fecundidade, extraordinaria, e o seu genio musical soube adaptar-se com a progressão da vida ás transformações que no gosto, na technica, e na comprehensão artistica a musica foi soffrendo sob o vigoroso impulso da escola wagneriana. Das melodicas composições da sua primeira *maneira* até as harmonias de orchastração das suas ultimas operas escriptas já em idade em que não se poderia suppôr elle tivesse ainda vivida e fresca a imaginação in-



VICTORIA, RAINHA DE INGLATERRA † DE JANEIRO



ventiva, vae uma longa distancia, um bello caminho percorrido com gloria indiscutivel, que a sua patria procura n'este momento consagrar e immortalisar no marmore das estatuas.

— LUCIEN VIEUXTEMPS, em Paris, compositor, irmão do celebre violinista do mesmo nome.

28 EUGENE SAUZAY, 91 annos, em Paris, professor honorario de violino do Conservatorio e compositor de varias obras musicaes, taes como *Symphonia rustica*, *Sicilien*, etc., e interprete eximio das obras primas de Haydn.

29 VISCONDE HENRI DE BORNIER, 75 annos, em Paris, poeta e dramaturgo.

— GOURKS, 73 annos, em Tver, Russia, feld-marechal, governador geral de Varsovia, superior e compositor de varias obras musicaes, taes como *Symphonia rustica*, *Sicilien*, etc., e interprete eximio das obras primas de Haydn.

— MARQUÊS DE PEÑA FLORIDA, em Madrid, senador e chefe da casa da infanta D. Eulalia.

31 CONDE DE VALBOM, 77 annos, em Lisboa, notavel estadista e parlamentar distincto, ministro da fazenda desde 1862 a 1865, das obras publicas em 1869, par do reino em 1872, conselheiro d'estado em 1878 e novamente ministro das obras publicas em 1886, socio da Academia Real de Sciencias e cavalleiro da Legião de Honra.

FEVEREIRO 1 MIGUEL ANGELO, no Porto, compositor e pianista, auctor da opera *Enrico* cantada no Porto e no Rio de Janeiro, e da *Marcha do Odio*.

2 FRANÇOIS-TOMMY PERRENS, em Paris, membro da Academia de sciencias moraes e politicas, auctor de notaveis trabalhos historicos, na sua maior parte, sobre a Italia da idade média. A sua ultima obra *Libertins* estuda os costumes dos grandes senhores do seculo xviii.

6 THOMAZ RIBEIRO, 70 annos, em Lisboa, poeta e parlamentar distincto, ministro do reino em 1881, ministro das obras publicas em 1885, mais tarde da justiça e ministro de Portugal no

Brazil em 1895. A sua obra valiosa e de larga influencia no meio litterario portuguez compõe-se de muitos volumes e brochuras, das quaes citamos, como principaes, os poemas *D. Jayme*, *A Delphina do Mal*, *O Mensageiro de Fez*, poesias *Sons que passam*, viagens *Do Tejo ao Mandovy*, *Entre Palmeiras*, *Entre primores*, theatro *Mãe do engeitado* e a *Indiana*. Thomaz Ribeiro foi tambem um jornalista distincto e um orador primoroso.

9 ELISHA GRAY, 65 annos, em Newton-Ville (Massachusetts), electricista americano, inventor do telephone e do systema de reproducção de desenhos a distancia.

10 HEKEDIA, em Paris, antigo ex-ministro.

— PETTENKSFER, em Munich, professor e celebre chimico e hygienista.

12 EX-REI MILAN da Servia, 46 annos, em Vienna d'Austria.

— D. RAMON DE CAMPOAMOR, 70 annos, em Madrid, eminente poeta hespanhol, escriptor dramatico e politico em evidencia. Os *Pequenos poemas*, as *Dolores* e *Humoradas* popularisaram-se, pela sua fina ironia e graciosa contextura, que não excluia um delicado perfume sentimental.

13 General de divisão ANTONIO CAMPOS, em Lisboa.

15 RIVADAVIA, em Buenos Ayres, ministro da marinha da Republica Argentina.

17 VISCONDE DE MONSERRATE, sir Francis Cook, 84 annos, em Londres, muito conhecido em Portugal pelas suas obras benemeritas e proprietario da quinta do monserrate em Cintra.

19 CARLOS CASAGENIOS, em Paris, pintor, victima do suicidio.

20 ARMAND SILVESTRE 44 annos, em Paris, escriptor e dramaturgo conhecido universalmente. Para o theatro escreveu a *Sapho*, drama em 4 actos em verso, *Coquelicot* e *Galant aventure* operas comicas, *Henry VIII* e *Jocelyn* operas lyricas.



## THEATROS

*Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de Janeiro e Fevereiro*

JANEIRO 2 ESTRADA NOVA, peça em 3 actos, original do sr. Anthero de Figueiredo (Theatro D. Amelia).

— A TOGA VERMELHA, peça em 4 actos, de A. Brieux, traducção de sr. Maximiliano d'Azevedo (Theatro do Principe Real).

5 O TABELLIÃO DO POTE DAS ALMAS, comedia original dos srs. Carlos Simões e André Brun. (Theatro da Rua dos Condes).

16 A ROSA ENGEITADA, drama original do sr. D. João da Camara (Theatro do Principe Real).

19 LUCTA INTIMA, drama original do sr. Augusto Motta. (Theatro de D. Maria).

25 A SEVÉRA, drama original, em 4 actos, do sr. Julio Dantas. (Theatro D. Amelia).

29 TALVEZ TE ESCREVA, revista de 1900, original do sr. S. Bastos. (Theatro da Avenida).

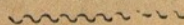
30 NICLES., revista de 1900, original do sr. Eduardo Schwalbach. (Theatro da Rua dos Condes).

FEVEREIRO 11 CORALY & C.<sup>a</sup>, comedia em 3 actos de Valabregue e Hannequin, traducção do sr. Eduardo Garrido (Theatro D. Amelia).

15 O PRINCIPE, comedia em 3 actos de Meilhac e Halevy, traducção do sr. Libanio da Silva. (Theatro do Gymnasio).

16 O CAMINHEIRO, peça em 5 actos em verso de Jean Richepin, traducção livre em verso do sr. Julio Dantas. (Theatro de D. Maria).

— O HOMEM DAS MANGAS, opereta em 3 actos de Oscar Blumenthal e Gustavo Kadelburg, traducção dos srs. Mello Barreto e Freitas Branco (Theatro da Trindade).







ELLE — Não tenho ido á casa das Mellos, nem lá volto, depois do mal que ellas disseram de mim...

ELLA — Ora, não faça caso. São umas pobres senhoras. Repetem tudo que ouvem...

## PROBLEMAS

Uma mamã pretende distribuir 144 nozes pelos seus sete filhos, e encarrega um dos rapazes de fazer a distribuição. O rapaz dá metade das nozes aos irmãos, e metade ás irmãs. D'esta maneira, cada menina recebe 6 nozes a mais do que cada rapaz. Quantas meninas eram e, portanto, quantos rapazes?

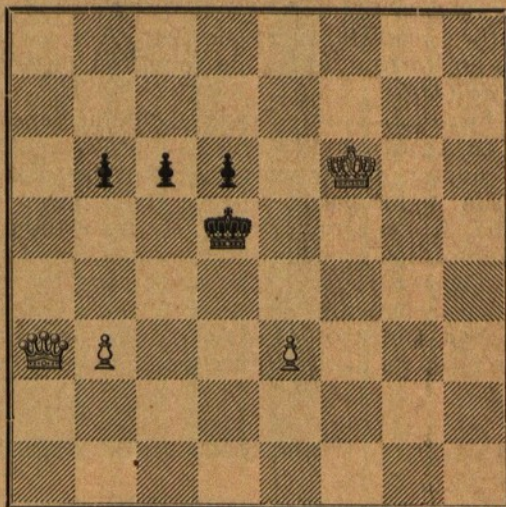
—\*—

N'um terreno de fôrma rectangular, cujo comprimento está para a largura, como 9 está para 4, quer um cultivador plantar arvores. Se as fileiras de arvores plantadas fossem espaçadas de 5 metros sobre a largura do terreno e espaçadas de 6 metros sobre o comprimento, seriam necessarias menos 5 arvores do que se fossem plantadas em fileiras distantes de 6 metros sobre a largura e de 5 metros sobre o comprimento. Deseja saber-se as dimensões do rectangulo do terreno e a sua superficie.

~~~~~

## PROBLEMA DE XADREZ

NEGROS (4 peças)



BRANCOS (4 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em dois lances

## BONUS AOS NOSSOS LEITORES

Por combinação particular entre as casas em seguida mencionadas e esta empresa, os nossos leitores poderão obter, contra a apresentação do respectivo annuncio, publicado nos **SERÕES**, um bonus de **5 por cento** sobre a importancia das compras que effectuarem n'aquelles estabelecimentos:

MODAS — **Lopes de Sequeira** — Rua do Ouro, 285 a 293.

ALFAYATERIA — **Pinheiro, Sobrinho** — Rua de S. Julião, 83 a 87.

CAMISARIA — **Pitta** — Rua Augusta, 195 e 197.

ARTIGOS DE NOVIDADE — **A Phenix** — Rua do Principe, edificio do Avenida Palace.